

EDIÇÃO ESPECIAL

Reverendo Abival Pires da Silveira (1939-2019)

in memoriam

Coletânea de reflexões
sobre sermões, contribuições
e o legado do pastor

- ✓ **Os sinos tocam de modo diferente quando morre um amigo**
Prof. Dr. Italo Francisco Curcio
- ✓ **O Púlpito da Catedral Evangélica de São Paulo**
Rev. Dr. Valdinei Aparecido Ferreira
- ✓ **Rev. Abival e sua contribuição para a educação teológica**
Rev. Reginaldo von Zuben
- ✓ **O arco-íris da paz**
Rev. André Tadeu de Oliveira
- ✓ **A loucura da pregação**
Rev. Gerson Correia de Lacerda
- ✓ **Fogo estranho no altar**
Rev. Dr. Leonildo Silveira Campos
- ✓ **Vencendo a depressão**
Rev. Leontino Farias dos Santos
- ✓ **Justiça, pão e beleza**
Rev. Dr. Odair Pedrosa Mateus
- ✓ **Um sermão profético**
Percival de Souza
- ✓ **Do tempo para a eternidade**
Reva. Dra. Sherron Kay George
- ✓ **Sonhando... Cem anos depois**
Rev. Assir Pereira



EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA

Faz toda a diferença ser Unicesumar.

Além de ser a melhor educação a distância do Brasil segundo o MEC, a Unicesumar tem mais de 50 cursos de graduação, com professores renomados, aula ao vivo uma vez por semana e uma metodologia que se adapta a sua rotina. Venha conhecer por que faz a diferença ser um de nós.



Melhor EAD do Brasil
segundo o MEC



**Polos em
todo o Brasil**

VISITE O POLO
unicesumar.edu.br

0800 600 6360

Unicesumar
EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA

* Maior IGC entre as IES vinculadas aos 10 maiores grupos educacionais do Brasil (Análise Setorial Hoper - 2017), considerando a média do IGC contínuo das mesmas IES como critério de desempate. Consulta Avançada disponível no e-MEC/2018.

OS SINOS TOCAM DE MODO MUITO DIFERENTE DO NORMAL QUANDO MORRE UM AMIGO*

*Mensagem proferida pelo Presbítero Italo Francisco Curcio, vice-presidente do Conselho da Primeira Igreja Presbiteriana Independente de São Paulo, durante o culto de ação de graças pela vida do Rev. Abival, realizado em 2 de setembro de 2019, na Catedral Evangélica de São Paulo.

Martinho Lutero disse certa vez: “Os sinos tocam de modo muito diferente do normal, quando morre um amigo”. Sim, hoje os sinos tocam diferente.

Em 12 de abril de 1939, nascia Abival Pires da Silveira, um homem predestinado por Deus para pregar Sua Santa Palavra e pastorear sua Igreja.

Hoje, 2 de setembro de 2019, Dia do Pastor Presbiteriano In-

dependente, estamos aqui para homenagear o Reverendo Abival Pires da Silveira, que nos deixou ontem, para viver na Glória, junto ao nosso Pai Celestial. Celebramos como Igreja o Culto de Ação de Graças a Deus pela sua vida, pelo tempo que esteve conosco e por tudo o que representa para cada um de nós.

Abival Pires da Silveira: filho, irmão, es-

poso, pai, avô, teólogo, filósofo, professor, escritor, presidente da IPI do Brasil, presidente e vice-presidente de alianças de Igrejas, em nível continental e mundial, como ALPRAL, AMIR e outras...

Tudo isto e muito mais poderíamos relatar acerca do homem Abival Pires da Silveira, porém, creio eu, a palavra que resume todas essas atribuições numa só é pastor.

O apóstolo Paulo, no quarto capítulo de sua carta aos Efésios, nos mostra claramente a importante concessão de Deus a determinados membros de seu corpo: “E ele mesmo concedeu uns para apóstolos, outros para profetas, outros para evangelistas e outros para pastores e mestres” (Ef 4.11). Sim, pastores e mestres.

Indubitavelmente, Reverendo Abival foi

um destes escolhidos por Deus para pastorear sua família, pastorear alunos, pastorear colegas e amigos, pastorear a Santa Igreja do Senhor. Deixou, deste modo, um legado para todos nós que o conhecemos mais intimamente, mas seguramente para toda a Igreja de Cristo, com especial destaque para a Igreja Presbiteriana Independente do Brasil e, de forma mais particular ainda, para nossa querida e amada Primeira Igreja, que continuará a servir de exemplo, o bom exemplo, para a presente e futuras gerações.

Abival, um filho de Deus com limitações humanas, igual a todos nós; todavia, um homem distinguido, cristão reformado convicto, inteligente, culto, crítico e enérgico, formador de opiniões, com autoridade indiscutível; ao mesmo tempo, um homem sensível, atencioso, conciliador e carinhoso, como um bom servo que atende às orientações de seu Senhor.

Abival nos deixa lindos registros históricos, como seus indelévels sermões, artigos e livros, contudo, muito mais que isto, nos dei-

xa suas marcas de Pastor, nos deixa 80 anos de História para serem continuamente relidos e contemplados.

Dos 154 anos de nossa Igreja, mais de um terço possuem estas marcas. Por isso, como vice-presidente do Conselho da Primeira Igreja Presbiteriana Independente de São Paulo, embora de forma resumida, não poderia deixar de fazer este registro como representante de cada presbítero, cada diácono, cada servo, cada membro de nossa Igreja. Em espírito de ação de graças pela vida do Reverendo Abival, nosso pastor titular por 37 anos, portanto, nosso presidente durante esse tempo, trago a todos os familiares, amigos, alunos e ovelhas o forte e carinhoso abraço fraterno de cada um dos membros deste dileto e valoroso Conselho da Primeira Igreja.

“Os sinos tocam de modo muito diferente do normal quando morre um amigo”.

Que o Espírito Santo de Deus conforte os corações abatidos.

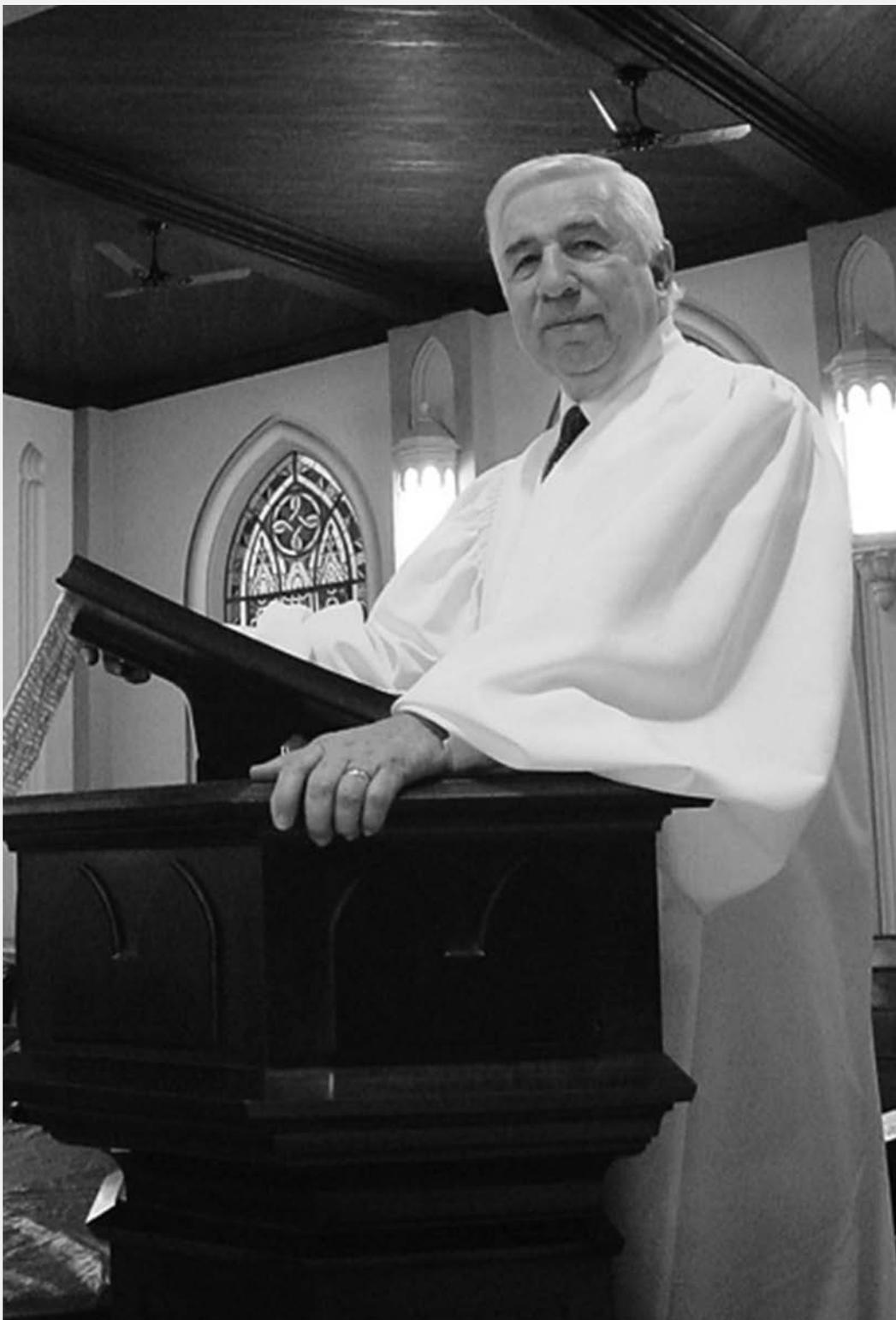
A Deus Toda Glória!

Abival, um filho de Deus com limitações humanas, igual a todos nós; todavia, um homem distinguido, cristão reformado convicto, inteligente, culto, crítico e enérgico, formador de opiniões, com autoridade indiscutível; ao mesmo tempo, um homem sensível, atencioso, conciliador e carinhoso, como um bom servo que atende às orientações de seu Senhor.



PRESB. ITALO FRANCISCO CURCIO

Vice-presidente do conselho da Primeira Igreja Presbiteriana Independente de São Paulo.



SUMÁRIO

Os sinos tocam de modo muito diferente Prof. Dr. Italo Francisco Curcio	03
O Púlpito da Catedral Evangélica de São Paulo Rev. Dr. Valdinei Ferreira	09
Rev. Abival e sua contribuição para a educação teológica Rev. Reginaldo von Zuben	14
O arco-íris da paz Rev. André Tadeu de Oliveira	18
A loucura da pregação Rev. Gerson Correia de Lacerda	26
Fogo estranho no altar Rev. Dr. Leonildo Silveira Campos	38
Vencendo a depressão Rev. Leontino Farias dos Santos	46
Justiça, pão e beleza Rev. Dr. Odair Pedrosa Mateus	56
Um sermão profético Percival de Souza	68
Do tempo para a eternidade Reva. Dra. Sherron Kay George	80
Sonhando... Cem anos depois Rev. Assir Pereira	90



FOTO DE CARLA ALLISON DE CARVALHO

EXPEDIENTE

A **VISÃO** é uma publicação quadrimestral da Primeira Igreja Presbiteriana Independente de São Paulo

CONSELHO EDITORIAL

Rev. Valdinei Aparecido Ferreira, Rev. Roberto Mauro de Souza e Castro, Rev. Reginaldo von Zuben, Presb. Italo Francisco Curcio, Presb. Dorothy Maia, Maria Elisa C. Pereira

PRODUÇÃO EDITORIAL

ContentXP Comunicação Ltda.



EDITOR Gustavo Curcio MTb 0076428/SP

REDAÇÃO:

Aline Barbosa, **Allaf Barros** e **Pedro Zuccolotto** (texto), **Mary Ferreira** (revisão)

11 2619.0752

Endereço: Alameda Lorena, 800 |
Cj.602 São Paulo
| SP | Brasil | CEP 01424-000

Impressão: Gráfica Hawaii
Tiragem: 1.500 exemplares

Se você tem críticas e/ou sugestões,
envie um e-mail para [comunicacao@
catedralonline.com.br](mailto:comunicacao@catedralonline.com.br)

CATEDRAL EVANGÉLICA DE SÃO PAULO

Rua Nestor Pestana, 152, Consolação
São Paulo | SP 01303-010 | BRASIL |
Tel.: 00 55 11 3138.1600



www.catedralonline.com.br

Espaço Criança

A colorful illustration of two children. On the left is a boy with a round head, wearing a blue shirt and yellow shorts, with his arms raised. On the right is a girl with a ponytail, wearing a yellow and blue striped dress, also with her arms raised. The text 'Espaço Criança' is written in large, colorful, rounded letters, with 'Espaço' in yellow, green, orange, and blue, and 'Criança' in yellow, green, blue, and orange.

ESPAÇO CRIANÇA,

novo projeto social da **Fundação Francisca Franco**, é referência para o desenvolvimento de ações socioeducativas com crianças em situação de vulnerabilidade e de famílias carentes, e acontece aqui no centro de São Paulo. Conta com o apoio da **Fundação Mary Harriet Speers**. Conheça mais sobre as realizações deste projeto em: www.franciscafranco.org.br

Realização



Fundação
Francisca Franco
www.franciscafranco.org.br

Apoio



Fundação
Mary Harriet Speers
Multiplicando recursos para transformar vidas.



CADA PESSOA TEM A CAPACIDADE PARA AJUDAR A TRANSFORMAR A REALIDADE DE MILHÕES DE SERES HUMANOS QUE ENCONTRAM-SE EM SITUAÇÃO DE VULNERABILIDADE SOCIAL.

Pensando nisso, você pode contribuir com a **Fundação Mary Harriet Speers** como pessoa física.

Serviço Voluntário – É mais do que oferecer um pouco de tempo e de habilidades. É mais do que um trabalho meramente burocrático. É vocação. É uma experiência real de vida! É, enfim, um cuidado especial com quem realmente necessita.

Convite: Se você é profissional liberal, especialmente das áreas de medicina e odontologia e deseja realizar trabalho voluntário, entre em contato conosco.

“Seja a mudança que você quer ver no mundo”.

Mahatma Gandhi

Para mais informações:
www.maryspeers.org.br/como-ajudar



Fundação
Mary Harriet Speers
Multiplicando recursos para transformar vidas.

O PÚLPITO DA CATEDRAL EVANGÉLICA DE SÃO PAULO

O culto havia terminado. Depois de cumprimentar as pessoas à porta do templo, dirigi-me à sala pastoral para deixar a toga. Quando entrei, o Rev. Abival, já sem a toga e vestindo seu paletó, segurava um copo com água na mão direita. Estávamos em 2002, mês de abril, e era a primeira vez que ele me ouvia pregar. Alguns meses antes, Rev. Abival e eu tivéramos nosso primeiro encontro, quando re-

cebi seu convite para compor a equipe de pastores da Primeira Igreja. A minha chegada à equipe pastoral se dera por indicação do Rev. Elizeu Rodrigues Cremm, pastor auxiliar da Primeira Igreja por mais de três décadas. Observei o modo cuidadoso com que ele fez repousar o copo sobre a mesa de madeira escura. Em seguida, em tom solene, anunciou que me falaria as mesmas palavras a ele dirigidas

pelo Rev. Jorge Bertolaso Stella, naquela mesma sala, quando pregara pela primeira vez na Catedral: “Fiquei feliz em perceber pelo seu sermão que você gosta de estudar para pregar. A igreja precisa de pregadores que sejam estudiosos”. Os anos se passaram. Em 2009 a Primeira Igreja, em Assembleia, concedeu o título de pastor emérito ao Rev. Abival e elegeu-me pastor titular para um mandato que come-

çaria em 2010. Até a minha eleição, eu pregava uma vez por mês; a partir de então, o Rev. Abival disse-me que gostaria de pregar somente uma vez por mês, invertendo assim a situação. Durante os anos seguintes, em decorrência do Mal de Parkinson, sua saúde se deteriorou rapidamente, até o ponto em que ficou impossibilitado de ocupar o púlpito nas manhãs de domingo.

A pregação sadia

brota de dois amores: amor à Palavra de Deus e amor às pessoas. O púlpito é o lugar no qual homens e mulheres põem em evidência a relação com esses dois amores para que a maravilhosa graça de Deus alcance os ouvintes. Sou o décimo terceiro pastor, desde 1865, a ir domingo após domingo ao púlpito, carregando no coração estes dois amores: amor à Palavra de Deus e amor aos ouvintes. Antecederam-me, na condição de titulares, os seguintes pregadores:

Rev. Alexander L. Blackford (1863-1867)

Rev. George W. Chamberlain (1867-1887)

Rev. Modesto Perestrello Barros de Carvalho (1887-1888)

Rev. Eduardo Carlos Pereira (1888-1923)

Rev. José Maurício Higgins (1925-1931)

Rev. Isaac Gonçalves do Valle (1931-1933)

Rev. Jorge Bertolaso Stella (1933-1958)

Rev. Aretino Pereira de Matos (1959-1962)

Rev. Daily Rezende França (1963-1971)

Rev. Sérgio Paulo Freddi (1971-1973)

Rev. Abival Pires da Silveira (1973-2009)

Sei que todos eles, incluindo os pastores auxiliares que os acompanharam, sempre ocuparam o púlpito com a profunda consciência de que a Bíblia que liam e expunham era e sempre será o cetro pelo qual o Rei eterno governa o coração daqueles que creem no Evangelho de Jesus Cristo.

A paixão com que os pregadores entregam seus sermões a cada semana muitas vezes faz isso parecer algo natural e, portanto, que não requer esforço prévio. É assim em qualquer arte — a perfeita execução de uma peça musical pelo instrumentista sempre parecerá ao ouvinte como algo que ele faz espontaneamente. Entretanto, anos de estudo base estão pre-

sentes em cada peça musical, assim como horas e horas de dedicação específica para sua execução. Não é diferente com a arte da pregação, muito trabalho árduo a precede. Ainda no campo das comparações, se deixarmos o terreno da arte e formos para o dos esportes, o tra-

balho do pregador é uma espécie de maratona. Não que as corridas de distância menores não exijam preparação prévia, todavia, a pregação num pastorado de longa duração exige doses elevadas de disciplina e resistência. Pregação sistemática da Palavra de Deus diante de uma

A paixão com que os pregadores entregam seus sermões a cada semana muitas vezes faz isso parecer algo natural e, portanto, que não requer esforço prévio. É assim em qualquer arte — a perfeita execução de uma peça musical pelo instrumentista sempre parecerá ao ouvinte como algo que ele faz espontaneamente. Entretanto, anos de estudo base estão presentes em cada peça musical, assim como horas e horas de dedicação específica para sua execução.

Rev. Abival pregando em sua posse como pastor efetivo da Primeira Igreja Presbiteriana Independente de São Paulo, em 6 de janeiro de 1973.



congregação por anos e, no caso do púlpito da Primeira Igreja, muitas vezes por décadas é trabalho que exige esforço e perseverança. Há a disciplina imediata para cada sermão, isto significa que o pregador precisa separar uma quantidade adequada de tempo durante a semana para se dedicar ao estudo e à preparação das mensagens que entregará ao povo de Deus. A preparação semanal de mensagens não é feita com a sobra do tempo, ou seja, depois de feitas as reuniões das comissões, encaminhadas as questões administrativas, cumpridos os compromissos ministeriais de caráter representativo e social. Semana após semana, quem ocupa o púlpito no domingo reserva horas para oração, estudo do texto bíblico que será objeto da pregação, coleta de anotações, reflexão geral sobre o assunto a ser pregado e, por fim, redação e revisão do sermão.

A leitura da Palavra de Deus pelo pregador não é feita apenas com o objetivo de encontrar sermões. A imersão pessoal no texto sagrado é essencial para o desenvolvimento e

nutrição espiritual do pregador. A leitura da Bíblia, soma-se a leitura permanente de livros, jornais e revistas que muitas vezes não estão conectados imediatamente às mensagens em preparação. Entretanto, é essa disciplina permanente de estudo que se fará sentir no nível de cultura geral dos pregadores e em algum momento será útil na elaboração de temas específicos.

Pregadores são também pastores, por isso, devemos evitar a ideia equivocada de que a disciplina pessoal é meramente um trabalho intelectual de estudo, leitura elaboração de um texto discursivo de natureza religiosa. Isto levaria a preparação de sermões na direção do reducionismo da teologia de gabinete. O pastor/pregador precisa ser disciplinado também no contato com as pessoas. Recordemos que a pregação nasce do amor à Palavra de Deus e do amor às pessoas. A convivência e proximidade com os membros da igreja e da comunidade são fundamentais na formação da sensibilidade do pregador diante das necessidades da-

queles que são seus ouvintes a cada semana. Um sermão não é um discurso a respeito de Deus, mas a palavra de Deus dirigida a homens e mulheres da congregação. O acompanhamento frequente daqueles que estão enfermos, daqueles que passam por crises existenciais e daqueles que choram os seus mortos têm dotado os pregadores da capacidade de olhar para as pessoas em sua vulnerabilidade essencial.

A tapeçaria da graça divina sempre foi tecida pelos artesãos da Palavra a partir dos fios da piedade cristã e da oração. No púlpito da Catedral Evangélica, além desses fios, destacam-se outros dois na confecção das prédicas dominicais. Há o fio da teologia cristã de matriz reformada. Do púlpito da Catedral, ouvimos a respeito de Martinho Lutero, João Calvino, John Knox, Friedrich Schleiermacher, Karl Barth dentre tantos outros. A pregação na Catedral sempre foi arejada, não havendo, portanto, teólogos proibidos ou correntes teológicas censuradas. O protestantismo no Brasil vez por outra se deixa influenciar

pelo clima de patrilhamento ideológico. A Catedral sempre foi procurada por cristãos cientes de que encontrariam em seu púlpito as melhores contribuições oriundas do pensamento reformado. O segundo fio, a partir do qual trabalharam os artesãos da Palavra na Catedral, é a tradição humanista. É verdade que parte do humanismo Ocidental caminhou rumo à crítica e à hostilidade à fé cristã e tornou-se para muitos fonte de incredulidade. Entretanto, sem as contribuições das ciências que nasceram do humanismo não se entende a Reforma do Século XVI e, mais do que isso, não se compreende a sociedade na qual vivemos. O diálogo com as principais correntes de pensamento e seus representantes sempre esteve presente no púlpito da Catedral. Ao examinarmos a formação daqueles que ocuparam o pastorado titular, encontraremos sempre sólida formação humanista e franca disposição ao exame daquilo que de melhor produziu o pensamento Ocidental. O Rev. Eduardo Carlos Pereira era filólogo e gramático; o

Rev. Othoniel Motta, poeta e estudioso do folclore brasileiro; o Rev. Jorge Bertolaso Stella foi estudioso da história das religiões, ramo das Ciências Humanas recém-nascido na Itália e Alemanha; já o Rev. Aretino Pereira de Matos possuía formação em Direito; o Rev. Daily Rezende França e o Rev. Abival Pires da Silveira eram formados em Filosofia pela Universidade de São Paulo; o Rev. Sérgio Paulo Freddi era jornalista e desenvolveu carreira paralela no Jornal o Estado de São Paulo.

Já passamos de um século e meio com pregadores se sucedendo no púlpito da Primeira Igreja. Gerações chegaram e gerações se foram fitando a face daqueles que assomavam ao púlpito e ouvindo as palavras que saiam de lábios tocados pelo Senhor, à semelhança do profeta Isaías. Sermões foram pregados e continuarão a ser pregados em momentos decisivos da história do país e da história das pessoas que formam a congregação, presencialmente ou virtualmente. Esta é uma lembrança importante: transmitimos pela internet nossos cultos e pregações

há mais de dez anos, os ouvintes vão muito além daqueles que se assentam nos bancos do templo. Verdadeiras revoluções ocorreram nos meios de comunicação ao longo do século XX e chegaram ao Brasil nos seguintes anos: rádio (1923), televisão (1950) e internet (1988). A cada onda trazida por esses novos recursos de comunicação, profecias da morte do púlpito ou, no mínimo, de que a pregação estaria com seus dias contados se fizeram ouvir em todos os cantos. O púlpito da

Catedral Evangélica de São Paulo continuará testemunhando o tipo de experiência única propiciada pela oratória sagrada: um servo, a Bíblia nas mãos e a convicção do chamado para proclamar o amor de Deus para uma congregação que aguarda com expectativa escutar a voz do bom pastor, Jesus Cristo. A presente edição da Visão é o registro da indelével passagem do servo-pregador, Rev. Abival Pires da Silveira, pelo púlpito da Catedral Evangélica de São Paulo.



REV. DR. VALDINEI APARECIDO FERREIRA

Pastor titular da Primeira Igreja Presbiteriana Independente de São Paulo.

REV. ABIVAL E SUA IMPORTANTE CONTRIBUIÇÃO PARA A EDUCAÇÃO TEOLÓGICA DA IPIB

A educação teológica de qualidade é fundamentada na Palavra de Deus. Seguindo a tradição reformada proveniente do século XVI, a Igreja Presbiteriana Independente do Brasil (IPIB) tem zelo pela formação pastoral, para que nosso testemunho e nossa mensagem sejam consistentes diante dos desafios do mundo. João Calvino dedicava especial atenção e cuidado ao preparo e capacitação de pastores

e missionários, a fim de serem enviados para o mundo todo a pregar e ensinar o evangelho da salvação pela graça em Cristo Jesus. Exemplo disto foi a criação da “Academia de Genebra”, em 1559, pelo reformador francês. Dentre os cursos, como Direito, Medicina e a formação básica para jovens de até 16 anos de idade, estava a Teologia, destinada principalmente àqueles que abraçariam o ministério pastoral e

missionário.

Da mesma forma que João Calvino, o Rev. Eduardo Carlos Pereira dedicou-se à educação teológica de qualidade para os futuros pastores da igreja. Eduardo Carlos Pereira liderou o grupo de presbiterianos que deu origem à IPIB, em 31 de julho de 1903. Como marca da sua preocupação com a formação pastoral, ele não mediu esforços para que, em menos de dois anos de existência da nova denominação

independente, fosse organizado o seu primeiro Seminário (em 21 de abril de 1905).

Neste ano de 2019, nós, presbiterianos independentes, comemoramos 114 anos de educação teológica na formação de pastores e pastoras para a IPIB, a qual se deu por meio da Faculdade de Teologia de São Paulo. Para a nossa grata surpresa e louvor a Deus, recebemos o Conceito 5 no Exame Nacional de Desempenho dos

Estudantes do Ensino Superior (ENADE), ou seja, o conceito máximo dado pelo Ministério da Educação (MEC) em nosso país. Isto significa que, dentre as demais Faculdades de Teologia reconhecidas no Brasil, a FATIPI é a única instituição de tradição reformada ou evangélica que recebeu nota máxima. As outras seis instituições com avaliação semelhante são ligadas à Igreja Católica Romana. Sem dúvida, o resultado obtido pela FATIPI é motivo de alegria e gratidão a Deus, pois a coloca como uma das melhores Faculdades de Teologia do Brasil. Hoje nós temos o testemunho acima para contar, comemorar e agradecer a Deus, resultado do trabalho iniciado a partir do antigo Seminário. Durante os 114 anos de história, houve momentos de dificuldades e limitações que levaram a denominação a fechar as portas da instituição considerada por Eduardo Carlos Pereira a “menina dos olhos” da igreja. Infelizmente, foram capítulos tristes nessa história.

Um dos momentos mais difíceis da Faculdade de Teologia de São Paulo ocorreu quando o Rev. Abival Pires da Silveira iniciava suas atividades como professor e

como Deão. Isso foi no ano de 1966. A crise nessa época se deu em decorrência do intenso debate ideológico que se instalara no Brasil e em vários países da América Latina. Todo o debate em questão se fez presente também nas igrejas evangélicas, gerando conflitos internos e formas de mobilização. Em linhas gerais, os jovens desejavam mudanças concretas na sociedade brasileira, as quais passavam pelos ideais de uma revolução com fortes características marxistas, enquanto líderes cristãos se posicionavam com veemência contra o comunismo. Esse quadro se fez presente na IPIB e na sua instituição de ensino teológico.

No contexto da década de 1960, os alunos da Faculdade de Teologia de São Paulo foram acusados de rebeldia por levantarem a bandeira comunista, razão do confronto instalado entre professores, autoridades eclesiais e jovens estudantes. Com o passar dos anos, este confronto foi aumentando e, nas palavras do Rev. Leonildo Silveira Campos, foi gerada a “crise maior” que culminou com a expulsão dos alunos: “A crise maior, porém, estava por vir e chegaria no bojo da crise estudantil

Um dos momentos mais difíceis da Faculdade de Teologia de São Paulo. ocorreu quando o Rev. Abival Pires da Silveira iniciava suas atividades como professor e como Deão. Isso foi no ano de 1966. A crise nessa época se deu em decorrência do intenso debate ideológico que se instalara no Brasil e em vários países da América Latina. Todo o debate em questão se fez presente também nas igrejas evangélicas, gerando conflitos internos e formas de mobilização.

dos anos 1967-1968. Em junho de 68, os estudantes se recusaram a prestar exames no meio do ano, foram todos expulsos, e o Seminário ficou fechado por 45 dias, reabrindo em agosto, após o corpo discente ter sido depurado pela diretoria e por seus concílios de origem” (Caderno de O Estandarte, Centenário da educação teológica, 2005, p. 18).

Nesse momento difícil e conflituoso em nosso país e na “Casa de Profetas” da IPIB, estava lá o Rev. Abival. Certamente nenhum professor em seus primeiros anos de docência desejaria uma situação como essa. Era preciso muita sabedoria, seriedade e temor a Deus para contribuir com a solução ou pelo menos com o apaziguamento entre as partes em confronto. Como Deão nesse período da “crise maior”, o Rev. Abival tentou a possível conciliação entre alunos e dirigentes da Faculdade. Novamente, nas palavras do Rev. Leonildo S. Campos: “O próprio Deão do Seminário, Rev. Abival, participou de várias reuniões dos alunos, sendo recebido como amigo pelos estudantes, enquanto era

considerado pelos professores o representante do corpo docente, alguém com um papel importante na busca de diálogo e negociação com os alunos. No entanto, em uma das últimas reuniões do Centro Acadêmico, os alunos foram alertados pelo Deão de que a situação caminhava para um impasse” (idem, p. 20). O impasse levou então à expulsão dos alunos e ao fechamento da Faculdade pelo período já mencionado.

Diante do interesse em dar continuidade a seus estudos no que se refere à Pós-Graduação, o Rev. Abival, juntamente a sua esposa Marlene Almenara de Freitas Silveira e seus quatro filhos, mudou-se para os Estados Unidos no ano de 1969. Ele foi estudar numa das mais importantes instituições de ensino teológico até então, o Union Theological Seminary, em Nova York. Essa oportunidade lhe concedeu o privilégio de conhecer e aprender com importantes nomes no mundo da Teologia. Além da pós-graduação nos Estados Unidos, o Rev. Abival fez o curso “Ecumenical Fellows Program”, o que certamente contribuiu de forma signifi-

cativa para a sua visão e atuação ecumênica em várias instituições nacionais e internacionais, vindo a ser uma das marcas centrais de seu ministério pastoral.

Ao retornar para o Brasil, em 1970, o Rev. Abival retomou as atividades acadêmicas na Faculdade de Teologia de São Paulo e permaneceu como professor até o ano de 1975. As disciplinas assumidas por ele na Faculdade

foram “Teologia da Missão” e “Teologia Sistemática”, sendo um professor sempre elogiado e admirado pelos alunos. Um destes alunos, Rev. Leontino Farias dos Santos, nas celebrações em torno do Jubileu de Ouro do ministério do Rev. Abival, assim se pronunciou: “Mais que um professor, educador, amigo e mestre, Abival era acima de tudo um profeta. Suas

Com o passar dos anos, este confronto foi aumentando e, nas palavras do Rev. Leonildo Silveira Campos, foi gerada a “crise maior” que culminou com a expulsão dos alunos: “A crise maior, porém, estava por vir e chegaria no bojo da crise estudantil dos anos 1967-1968. Em junho de 68, os estudantes se recusaram a prestar exames no meio do ano, foram todos expulsos, e o Seminário ficou fechado por 45 dias...

aulas nos desafiavam a valorizar a vocação, a tomar decisões em termos de futuro, e não de passado, em termos de esperança, e não de mero legalismo ou moralismo, a construir e renovar a esperança, a ter coragem e ousadia, a não temer as adversidades, a atender ao chamado de Deus e a seguir a Cristo; cada um tomando a sua cruz em direção à realização do reino de Deus” (Memória e esperança, 2015, p. 148-149).

Certamente, a passagem do Rev. Abival pela Faculdade de Teologia de São Paulo da IPIB foi muito importante, marcante e rendeu muitos frutos, os quais são percebidos pela igreja até os dias de hoje. Ele foi um pastor e um professor que marcou uma geração de pastores da IPIB. Uma de suas importantes decisões nesse sentido foi incentivar e apoiar professores nos estudos da pós-graduação, a fim de obterem melhor qualificação acadêmica para a nobre missão. Em diversas ocasiões, ele conseguiu recursos financeiros para essa finalidade e, da mesma forma, foi um dos fundadores do Instituto Ecumênico de Pós-

-Graduação da Universidade Metodista de São Paulo (IEPG), cujo objetivo era auxiliar pastores e pastoras em seus estudos.

O último registro da presença do Rev. Abival na Faculdade de Teologia da IPIB, agora instalada na Rua Genebra, 180, Bela Vista, em São Paulo, se deu no culto em celebração dos 110 anos de educação teológica da IPIB, mais precisamente no dia 24 de abril de 2013. Naquela noite, junto aos alunos, docentes, pastores e representantes da Diretoria da IPIB, ele pregou um de seus mais famosos e impactantes sermões: “A loucura da pregação”, baseado em 1 Coríntios 1.18-25. A maioria das pessoas que ali estavam já tinham ouvido falar do Rev. Abival e de seus longos anos de ministério pastoral: à frente da Primeira IPI de São Paulo, como presidente do Supremo Concílio da IPIB e em funções importantes nos mais diversos organismos e instituições eclesiais, dentro e fora do Brasil. Naquela ocasião, muitos puderam conhecê-lo pessoalmente. Ao término do culto, ele foi reverenciado como

pastor e pregador, sendo o seu sermão comentado nos dias seguintes nas salas de aula por alunos e professores.

Louvado seja Deus pela vida, pelo ministério e pela contribuição dada pelo Rev. Abival à Faculdade de Teologia de São Paulo da IPIB, na formação de pastores e líderes da igreja de Cristo Jesus.



REV. REGINALDO VON ZUBEN

Pastor auxiliar da Primeira Igreja Presbiteriana Independente de São Paulo. É diretor da FATIPI.

O ARCO-ÍRIS DA PAZ

Disse também Deus a Noé e a seus filhos:

Eis que estabeleço a minha aliança convosco, e com a vossa descendência, e com todos os seres viventes que estão convosco: tanto as aves, os animais domésticos e os animais selváticos que saíram da arca como todos os animais da terra. Estabeleço a minha aliança convosco: não será mais destruída toda carne por águas de dilúvio, nem mais haverá dilúvio para destruir a terra. Disse Deus: Este é o sinal da minha aliança que faço entre mim e vós e entre todos os seres viventes que estão convosco, para perpétuas gerações: porei nas nuvens o meu arco; será por sinal da aliança entre mim e a terra.
(Gênesis 9.8-13)

A guerra do Iraque tem estado no centro das atenções. Localizado no coração da antiga Mesopotâmia, o país é o berço da civilização. É a civilização-mãe de todas as civilizações. Ali estão guardados e ali repousam verdadeiros tesouros. É terrível ver, como tem acontecido nessa guerra, tesouros milenares sendo saqueados e destruídos. E o que é pior, um dos senhores da guerra, o Sr. Hamsfeld, re-

fere-se a essa tragédia com a maior naturalidade, como se fora o saque de um bar da esquina. Na sua expressão: “Isso não tem importância, são só uns vasos de barro”.

É interessante notar que ali também foi o palco da primeira grande tragédia da história: o dilúvio. O dilúvio foi uma expressão do juízo de Deus sobre uma humanidade corrompida. A humanidade foi varrida da face da Terra. A natureza toda foi purgada



pelas águas de um grande mar sem praias. Sobrou apenas um renovo: Noé e sua família de oito pessoas. Com ela Deus começou tudo de novo.

A tragédia antiga e a tragédia moderna, embora de proporções diferentes e separadas por milênios de história, têm um ponto em comum: o ser humano. O homem é o ator principal em ambas as tragédias. Quando olhamos para a geração de Noé e olhamos para a nossa própria geração, vamos perceber que a alma moderna não é tão moderna assim. Ela foi radiografada pela Palavra de Deus, e a conclusão é inegável: ela é a mesma ao longo do tempo que se soma em milênios.

Mas, o que é que tem levado o ser humano a tamanhas tragédias ao longo da história? Onde estão as raízes dessa autodestruição? Quais as razões da falta de paz? Ou, numa colocação mais direta: por que não sabemos viver sem a guerra?

AS RAZÕES DE NATUREZA PSICOLÓGICA

Renê Girard, notável pensador francês contemporâneo, defende a tese de que o fundamento da vida humana está na estrutura do desejo. Ele permeia todas as dimensões da nossa interioridade. Por mais que se deseje e por mais que se conquiste o objeto do desejo, ele permanece virgem e aberto ao infinito. Mas isso não é novidade. Tiago já o declarava na Palavra de Deus quando fez a pergunta vital: “Donde procedem as guerras e as contendas entre vós?”. E ele mesmo responde: “De onde, senão dos desejos que militam a vossa carne? Cobiçais e nada tendes, matais, e invejais, e nada podeis obter. Viveis a lutar e a fazer guerras”. Freud coloca a mesma questão em termos de um

A tragédia antiga e a tragédia moderna, embora de proporções diferentes e separadas por milênios de história, têm um ponto em comum: o ser humano. O homem é o ator principal em ambas as tragédias. Quando olhamos para a geração de Noé e olhamos para a nossa própria geração, vamos perceber que a alma moderna não é tão moderna assim. Ela foi radiografada pela Palavra de Deus, e a conclusão é inegável: ela é a mesma ao longo do tempo que se soma em milênios.

O ser humano se transforma no campo de uma luta de vida ou morte. Esse desencontro entre a vida e a morte tem um efeito devastador. Isso foi imortalizado na literatura universal na célebre obra “O Médico e o Monstro”. O Dr. Jekil e o Sr. Hide — duas personalidades antagônicas habitando o mesmo corpo — travam uma luta de vida ou morte. Um cura e salva, o outro mata e destrói. Ovídio colocou essa luta nestes termos: “Eu vejo e aprovo as melhores coisas, mas só faço as piores”.

enfrentamento entre duas forças antagônicas: o eros, que quer a vida, e o thanatos, que traz a morte.

O ser humano se transforma no campo de uma luta de vida ou morte. Esse desencontro entre a vida e a morte tem um efeito devastador. Isso foi imortalizado na literatura universal na célebre obra “O Médico e o Monstro”. O Dr. Jekil e o Sr. Hide — duas personalidades antagônicas habitando o mesmo corpo — travam uma luta de vida ou morte. Um cura e salva, o outro mata e destrói. Ovídio colocou essa luta nestes termos: “Eu vejo e aprovo as melhores coisas, mas só faço as piores”. Ele faz eco com a famosa declaração do apóstolo Paulo retratando a luta entre a carne e o espírito: “Porque o bem que quero não faço, mas o mal que não quero, esse pratico”.

Na origem das guerras, na falta de paz, está o ser humano dividido contra si mesmo, travando a cada dia uma verdadeira guerra civil interior. A alma humana é o primeiro grande campo de batalha.

AS RAZÕES DE NATUREZA SOCIOLÓGICA

Nenhum ser humano é uma ilha. Ele vive preso a uma rede de relações. Na alma alienada de si mesma, logo a desordem se segue. A luta interior aflora e transborda. Deixa de ser uma luta contra si mesmo para se transformar numa luta contra o outro. Foi assim, na gênese da humanidade, com Abel e Caim, com Jacó e Esaú, e continua a ser assim hoje. Não existe a vida sem o outro, mas o outro é sempre uma ameaça à minha vida. Sartre colocou isso de modo contundente quando escreveu: “o inferno são as outras pessoas”. A existência, que deveria ser um existir com, se transforma num exis-

tir contra. O outro é necessário e inevitável, mas é uma fonte potencial de conflito. Aí está o mundo ameaçador do outro. O outro do esposo é a esposa. O outro do homem é a mulher. O outro do pai é o filho. O outro da irmã é o irmão. E, num verdadeiro cumprimento do sermão profético de Jesus, aí estão os pais matando os filhos, e os filhos matando os pais. Os netos matando os avós, e os avós matando os netos. E essa luta em família se amplia na luta de classes, de grupos étnicos, de raça ... E a luta prossegue: o outro do rico é o pobre, o outro do trabalhador é o patrão, o outro do branco é o preto, o outro do judeu é o árabe, o outro do sunita é o xiita. Como numa grande onda em expansão, essa luta ganha contornos ideológicos: capitalismo contra comunismo, Oriente contra Ocidente, Leste contra Oeste, Norte contra o Sul. É a guerra do eu com o nós.

O capitalismo é a tentativa de construir a sociedade do eu sem o nós. O comunismo é a tentativa de construir a sociedade do nós sem o eu. Não é de admirar que ambas terminem num impasse e diante de nós permaneça o desafio secular: como construir a sociedade do eu com o nós? Mas o pior ainda é quando essa luta ganha contornos religiosos e se manifesta na forma terrível da “guerra santa”: hinduísmo versus budismo, cristianismo versus islamismo.

AS RAZÕES DE NATUREZA TEOLÓGICA

A alienação de si mesmo e do próximo tem suas raízes na separação de Deus. O homem desligou-se da fonte da vida. E, ao desligar-se da fonte da vida, ele perde a referência pessoal e social. O grande escritor russo, exilado nos Estados Unidos, Soljenítsin, autor do clássico “O Arquipélago Gulag”, ao receber o prêmio

Nobel de literatura, declarou perante a Assembleia atenta que o ouvia: “Eu era criança e ainda criança sentia que algo nos faltava. Alguma coisa havia se perdido. Entrei para a Universidade e, durante minha vida universitária, continuava a me incomodar esse sentimento de alguma coisa perdida. Veio a revolução, e a revolução apenas aguçou o sentimento de que estávamos esquecendo de algo”. E assim ele continua, para terminar dizendo àquela seleta assembleia: “Hoje eu posso dizer a vocês com toda a certeza do que é que nós os russos esquecemos. Nós nos esquecemos de Deus”.

Essa é a tragédia da humanidade: ela se esqueceu de Deus. Em fins da década de 1960 e início dos anos 1970, tive a oportunidade de morar em Nova Iorque para meus estudos de pós-graduação. Três grandes instituições se confrontavam no cruzamento da Broadway com a Rua 121: de um lado, o Seminário Unido de Nova Iorque, uma instituição protestante, dava de frente para o Seminário Judaico, e ambos se confrontavam com a Universidade Columbia. Uma manhã, os muros e as imediações dessas instituições amanheceram grafitados com os dizeres: “Deus está morto”; logo abaixo, assinado o nome do autor da célebre frase, Nietzsche. No dia seguinte apareceu a réplica: “Nietzsche está morto”, assinado em baixo: Deus. Era o auge da Teologia da morte de Deus. Era na verdade um atestado da morte do homem. Deus não morreu. É o homem que está morto espiritualmente. Daí a grande tragédia da humanidade.

Depois da Teologia da morte de Deus, vi as tendências teológicas se sucederem: Teologia do Processo, Teologia da Revolução, Teologia da Libertação, Teologia da Esperança. Todas são importantes porque captam momentos da revelação. Elas não

esgotam a revelação. Hoje eu diria que precisamos redescobrir a velha e simples Teologia da Aliança, do Pacto, simbolizada na beleza colorida do arco-íris, quando Deus, no meio de toda aquela primeira e grande tragédia, acenou com o arco-íris da paz. E para mostrar que essa aliança santa do Gênesis (9.13) era para valer, Deus colocou o arco-íris como um símbolo eterno sobre o trono no qual ele se assenta, conforme registro do Apocalipse (4.3). O arco-íris é o sinal eterno do compromisso de Deus com a salvação da humanidade e da Criação. Arco-íris é perdão. Arco-íris é reconciliação. Arco-íris é novo início. Arco-íris é esperança. Arco-íris é paz. O arco-íris é a lembrança de Deus para todos nós de que a paz interior, a paz social e a paz espiritual são possíveis. Ele as colocou à nossa disposição na pessoa maravilhosa de nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo.

Uma manhã, os muros e as imediações dessas instituições amanheceram grafitados com os dizeres: “Deus está morto”; logo abaixo, assinado o nome do autor da célebre frase, Nietzsche. No dia seguinte apareceu a réplica: “Nietzsche está morto”, assinado em baixo: Deus. Era o auge da Teologia da morte de Deus.

COMENTÁRIOS

SERMÃO SEMPRE ATUAL

Reverendo André Tadeu de Oliveira

Tornei-me membro da Catedral Evangélica de São Paulo em 2005. No entanto, já a frequentava desde 2002. Dentre vários fatores que me levaram a compor sua membresia, destaco os sermões pregados pelo Rev. Abival Pires da Silveira. Era um deleite espiritual e intelectual ouvi-los.

Neste trabalho para a Revista Visão, voltei a um belo sermão do Rev. Abival intitulado “O Arco-íris da Paz”, pregado em meados de 2003. O pano de fundo gravitava em torno das atrocidades cometidas na Guerra do Iraque, iniciada em março daquele ano.

De forma magistral, o reverendo Abival abordou três razões responsáveis não apenas por aquele conflito bélico, mas por todas as tragédias que maculam a história do ser humano. São elas razões psicológicas, sociológicas e teológicas, a tríplice raiz do problema do ódio que campeia sobre nosso mundo.

Psicologicamente, o ser humano é dual, car-

rega em si um enorme potencial para o bem e para o mal. Entretanto, como fruto do pecado que se encontra arraigado em seu coração, a maldade predomina. Tal constatação me traz à memória um trecho da obra “Memórias do Subsolo”, do escritor russo Fiódor Dostoiévski. Em um determinado momento, o protagonista, cujo nome nos é desconhecido, afirma: “Quanto mais consciência eu tinha do bem e de tudo o que é belo e sublime, tanto mais me afundava em meu lodo, e tanto mais me tornava capaz de imergir nele por completo. Porém o traço principal estava em que tudo isso parecia-me ocorrer não como que por acaso, mas como algo que tinha de ser”. Conhecemos o bem, mas praticamos o mal. O mesmo mal que é cotidianamente banalizado por nossa sociedade.

Sociologicamente, por mais que nos deparemos com atos solidários, o egoísmo, a inimizade e a competição predominam.

Karl Marx delineou magistralmente essa mórbida situação humana. A sociabilidade burguesa, base da atual sociabilidade ocidental, é construída com base em dois pilares: competição desenfreada e utilitarismo. O outro é visto como concorrente a ser vencido ou como alguém capaz de me proporcionar algum prazer ou vantagem. Pessoas alienadas entre si produzem uma sociedade igualmente alienada.

Por fim, há o aspecto teológico da tragédia humana. Esse, acredito, é o principal. A espécie humana se esqueceu de Deus. Deixou o Criador de

lado. Ao afirmar essa premissa, não me refiro ao ateísmo ou agnosticismo assumidos. Abordo algo mais sutil e perigoso, a religiosidade sem Deus, todo o arcabouço teológico, litúrgico e moral que se converteu em mera convenção social. Há pertença religiosa, mas Deus não se encontra no coração do ser religioso. No livro "Uma Confissão", Liev Tolstói revela que sua renúncia à Igreja Ortodoxa rumo ao ateísmo foi fruto da ausência de Deus na vida diária de muitos supostos cristãos ortodoxos. A pessoa religiosa que ignora seu Deus é capaz de cometer as piores atrocidades.

Religião não é sinônimo de caráter. Religião nem sempre produz empatia. Religião, muitas vezes, é um terrível ídolo que nos afasta de Deus.

Mas há uma esperança. E tal esperança é encontrada no título do sermão do Rev. Abival: "O Arco-íris da Paz". Encontramos o arco-íris logo após o dilúvio, quando Deus estabelece sua aliança perpétua com os seres humanos e a natureza. Por meio desse símbolo, surge a convicção de que o Criador mantém uma aliança conosco que culminará na renovação completa de toda a ordem criada. Com esse sentimento ardendo em

nosso coração, encontramos a força para a luta diária contra as razões demasiadamente humanas que pervertem a história de nosso planeta.

Destaco alguns pontos marcantes da mensagem do Rev. Abival. Primeiro, o diálogo do autor com pensadores de absoluta relevância do universo acadêmico e intelectual. René Girard, Freud, Sartre e outros enobreceram a argumentação, mas tudo feito de forma simples e didática, compreensível para o grande público não familiarizado com os nomes desses expoentes. Diga-se de passagem, essa era uma das característi-

De forma magistral, o Reverendo Abival abordou três razões responsáveis não apenas por aquele conflito bélico, mas por todas as tragédias que maculam a história do ser humano. São elas razões psicológicas, sociológicas e teológicas, a tríplice raiz do problema do ódio que campeia sobre nosso mundo.

cas de Abival no púlpito da Primeira Igreja. Teólogos, filósofos e grandes personalidades sempre enriqueceram suas pregações. Essa particularidade sempre chamou minha atenção, e ouvir Abival se tornou um deleite.

Durante alguns anos, seus sermões foram publicados no tabloide *Visão*, veículo de comunicação da Catedral Evangélica de São Paulo, hoje revista para a qual escrevo esta análise. “O Arco-Íris da Paz” foi uma dessas mensagens publicadas, e ao lê-la percebo que as palavras do grande pregador tiveram grande impacto sobre minha vida. Depois de ouvir e ler o Rev. Abival, iniciei um namoro com a igreja que acabou por se converter em casamento. Especificamente este sermão, “O Arco-Íris da Paz”, atingiu-me de outra forma. Ao abordar um tema tão controverso e polêmico como a Guerra do Iraque, deparei-me com um pastor que tinha a coragem de analisar temas espinhosos e presentes no dia a dia do mundo. Algo bem distinto da postura espiritualizada tão comum na maioria dos pastores em seus ser-

mões. Se agora, já na função de pastor, procuro abordar assuntos de hoje e relevantes para minha congregação, não resta dúvida que ouvir o pastor titular da Primeira Igreja levou-me a adotar tal postura.

Impressionante é notar como um sermão escrito em 2003 continua atual em muitos pontos. Após a Guerra do Iraque, outros conflitos mancharam o século XXI: o crescimento de grupos fundamentalistas belicosos, como o Estado Islâmico, a Guerra na Síria, o agravamento da questão palestina e uma infinidade de tensões que abalam a frágil paz que gozamos no mundo. Consequências diretas dos mesmos problemas psicológicos, sociológicos e teológicos apontados por Abival 16 anos atrás. O ser humano, vítima e algoz de si mesmo e do próximo, vive dias pontuados por uma onda de intransigência ideológica e política no Brasil e em outros países, inventando e requeitando tragédias que solapam a tão esperada paz. “O Arco-Íris da Paz”: verdades ditas em poucas palavras, mas de uma aplicabilidade tremenda.



SOBRE O AUTOR

Rev. André Tadeu de Oliveira, pastor da Igreja Presbiteriana Independente em Alexânia, GO, é graduado em jornalismo (FMU-FIAM-FAAM), em teologia (Mackenzie e FATIPI) e mestre em Ciências da Religião pela Universidade do Estado do Pará (UEPA). É autor do livro *Nazismo e Religião — entre a Aliança e o Conflito* (Editora Reflexão). Foi membro da Primeira Igreja entre 2005 a 2010.

Ao abordar um tema tão controverso [...], deparei-me com um pastor que tinha a coragem de analisar temas espinhosos e presentes no dia a dia.

A LOUCURA DA PREGAÇÃO

Visto como, na sabedoria de Deus, o mundo não o conheceu por sua própria sabedoria, aprouve a Deus salvar os que crêem pela loucura da pregação. (1 Coríntios 1.21)

Não há nada mais inspirador nem mais encantador do que uma grande mensagem. Nada mais extraordinário do que uma pessoa sendo usada poderosamente por Deus. Nada mais cativante do que uma congregação magnetizada pelo poder do Evangelho. Há uma espécie de encantamento que transforma aquele momento num momento mágico. Daria tudo para estar naquele momento mágico, quando o

maior pregador de todos os tempos pregou o mais extraordinário e magistral de todos os sermões. Ter o privilégio de ouvir Jesus iniciando cada frase de sua mensagem com a palavra bem-aventurado: “Bem-aventurados os humildes, os que choram, os mansos, os que têm fome e sede de justiça, os pacificadores, os perseguidos ...”. Que privilégio seria ver Pedro levantar-se perante a multidão e erguendo a voz proclamar: “Varões ju-



deus e todos os habitantes de Jerusalém...”. Como seria bom testemunhar o momento em que Paulo se levanta no Areópago em Atenas para diplomaticamente anunciar: “Atenienses, vejo que em todos os aspectos vocês são muito religiosos...”. Quão surpreendente seria adentrar a catedral de Antioquia, em pleno século IV d.C., para ouvir o Bispo de Constantinopla, João Crisóstomo anunciar a palavra de Deus. Ele foi o maior pregador da Igreja Grega e literalmente um mártir do púlpito, pois, por causa de sua pregação fiel, o condenaram ao exílio. Que privilégio seria visitar a catedral de São Pedro, no coração de Genebra, e ouvir Calvino de sua cátedra — que até hoje lá está em exposição — pregar duas vezes aos domingos e, semana sim, semana não, todos os dias da semana, fazendo de Genebra a luz radiante e brilhante do mundo protestante. Sua pregação reverberava em todo mundo de então. Beza, outro reformador, afirmou sobre a pregação de Calvino: “Cada palavra pesava uma libra”. Que bom seria se eu pudesse dar um salto da Genebra de Calvino e aterrissar na Londres do século XIX. Anônimo, no vasto auditório do Condon Hall, ouviria Spurgeon, o mais famoso e mais popular pregador de seu século, glória do púlpito batista. Aproveitando a passagem por Londres, faria uma visita à Abadia de Westminster para ouvir Martyn Lloyd-Jones, o irlandês de fogo, que considerava a pregação a tarefa mais elevada, mais emocionante, mais empolgante e a mais maravilhosa do mundo. Em um novo salto no espaço e no tempo, aterrissaria no continente americano, mais precisamente em Nova York, e ali entraria na Riverside Church, recém-inaugurada, bela e impressionante, para ouvir a voz profética e cheia de autoridade de Har-

ry Emerson Fosdick. Dali caminharia até o início da Broadway, na altura da rua 24, e entraria na pequena, mas histórica Marble Church, onde as filas dobravam quarteirões para ouvir o Dr. Norman Vicent Peale e seu cristianismo positivo. Que emocionante seria sentar-me ao pé do memorial de Lincoln, no coração da capital americana, para ouvir Martin Luther King, com sua voz vigorosa, com seu porte altivo, o dedo em riste, olhar

Que bom seria se eu pudesse dar um salto da Genebra de Calvino e aterrissar na Londres do século XIX. Anônimo, no vasto auditório do Condon Hall, ouviria Spurgeon, o mais famoso e mais popular pregador de seu século, glória do púlpito batista. Aproveitando a passagem por Londres, faria uma visita à Abadia de Westminster para ouvir Martyn Lloyd-Jones, o irlandês de fogo, que considerava a pregação a tarefa mais elevada, mais emocionante, mais empolgante e a mais maravilhosa do mundo.

Há uma insatisfação generalizada na igreja de nossos dias quanto à pregação. A pobreza de nossos púlpitos está estampada na miséria espiritual de nossos crentes. Faltam-nos os grandes pregadores. Estamos em crise de príncipes da pregação. Quem não gostaria de ouvir grandes mestres do púlpito?

penetrante rasgando o futuro, convidando os norte-americanos a sonharem com ele, repetindo, como se fora nota musical, o refrão que chega até hoje: “Eu tenho um sonho, eu tenho... eu tenho...”.

Lembro essas glórias do púlpito para denunciar quão inglórios são os púlpitos modernos. A paixão pelo púlpito vem se desvanecendo. Há uma insatisfação generalizada na igreja de nossos dias quanto à pregação. A pobreza de nossos púlpitos está estampada na miséria espiritual de nossos crentes. Faltam-nos os grandes pregadores. Estamos em crise de príncipes da pregação. Quem não gostaria de ouvir grandes mestres do púlpito? Pessoas que saibam abrir as Escrituras e, sob a inspiração rica e poderosa do Espírito Santo, alimentem a nossa alma e matem a nossa sede espiritual. Precisamos de pregadores que saibam combinar a beleza da arte humana da oratória com o mistério da revelação divina, a doçura da mensagem com a urgência profética. Alguns fatores têm contribuído para o enfraquecimento do púlpito e a pobreza da pregação. O púlpito está perdendo sua centralidade. A pregação não está mais recebendo a prioridade de vida nas liturgias modernas. Eis algumas das razões:

1. OS PÚLPITOS ESTÃO SUCUMBIDOS AO IMEDIATISMO de nossa época. A tendência chamada pós-moderna é de não tolerar mensagens consistentes. As pessoas querem alimentos rápidos e leves. Os púlpitos contemporâneos estão se transformando cada vez mais em *fast-foods* espirituais. O povo não recebe alimento sólido por causa da falsa ideia de que o homem pós-moderno não tolera mensagem de trinta minutos de exposição bíblica. O fato é que procura-

mos métodos rápidos, talvez porque saibamos intuitivamente que a arte da pregação leva muito tempo. E. M. Bounds afirmou certa vez: “Um homem, um homem por inteiro, é o que há por detrás de um sermão. Pregador não é fazer uma apresentação de uma hora, mas o fluir de uma vida. Leva vinte anos para fazer um sermão, porque leva vinte anos para se formar um homem”.

2. Outro fator negativo a influenciar a fraqueza dos púlpitos contemporâneos é a grande interferência de ensinamentos carismáticos e místicos marcados pelo pragmatismo e pelo consumismo. Em vez de procurarmos uma igreja que pregue, que ensine, que ministre a palavra de Deus, buscamos uma igreja que “supra as nossas necessidades”. E, quando pensamos como consumidores, nós nos colocamos em primeiro lugar, escolhendo somente aquilo que satisfaz os nossos desejos. Como consequência, muitos movimentos estranhos estão sendo aceitos na igreja: a ideologia da prosperidade; a confissão positiva; o movimento da batalha espiritual; espíritos territoriais; novas profecias, visões e revelações. O pragmatismo infiltrou-se de vez nas igrejas, e as pessoas não têm escolhido a igreja por causa de uma necessidade espiritual, mas para satisfazer outras necessidades.

3. A superficialidade tem sido outra razão do empobrecimento e enfraquecimento de nossos púlpitos. Muitos pregadores estão oferecendo uma “sopa rala” para o povo de Deus, e não alimento sólido e consistente. Não se estuda, não se aprende a Bíblia a fundo. Não se perde tempo para pesquisar as riquezas insondáveis de

Cristo.

4. Por fim, outro problema é a influência da ortodoxia morta, ou seja, muitos pastores, muitos pregadores pregam mensagens conservadoras em nome da ortodoxia cristã, mas são como Geazi: o cajado profético em suas mãos não consegue ressuscitar os mortos como ocorria com Elizeu. É uma ortodoxia ossificada. Para citar Bounds mais uma vez: “Homens mortos pregam sermões mortos, e os sermões mortos matam”. Há uma falta de espiritualidade profunda na vida dos pregadores. A maioria não cultiva a piedade e não tem intimidade com Deus. Tornaram-se profissionais da religião, perderam a beleza do primeiro amor, o encantamento pelo Reino e pela igreja. As mensagens ficaram maçantes, insípidas, tediosas. Um pregador frio e seco é uma tragédia. Precisamos recuperar a vitalidade do púlpito, a beleza da pregação. Precisamos devolver a pregação ao seu lugar de absoluta primazia. Precisamos resgatar a pregação na vida da igreja, mas não há resgate da pregação sem resgate da vida do pregador. Os pregadores são o real problema da pregação.

PRECISAMOS DE PREGADORES PARA RESGATE DO PÚLPITO E DA PREGAÇÃO.

1. PRECISAMOS DE PREGADORES QUE PREGUEM COM CONVICÇÃO

Um pregador, certa feita, perguntou a um famoso ator inglês: “Como é possível você atrair grandes multidões para assistir uma ficção, um teatro, uma encenação, enquanto eu, que prego a verdade, não consigo juntar muitas pessoas? O ator respondeu: “Isso é simples. Eu posso explicar a diferença que existe entre nós. É que eu apresento a minha

A maioria não cultivava a piedade e não tem intimidade com Deus. Tornaram-se profissionais da religião, perderam a beleza do primeiro amor, o encantamento pelo Reino e pela igreja. As mensagens ficaram maçantes, insípidas, tediosas. Um pregador frio e seco é uma tragédia. Precisamos recuperar a vitalidade do púlpito, a beleza da pregação. Precisamos devolver a pregação ao seu lugar de absoluta primazia. Precisamos resgatar a pregação na vida da igreja, mas não há resgate da pregação sem resgate da vida do pregador. Os pregadores são o real problema da pregação.

ficção como se fosse verdade, e você apresenta a sua verdade como se fosse ficção”. Os pregadores precisam crer profundamente na mensagem que pregam. Conta-se que David Hume, filósofo inglês do século XVIII que rejeitou o cristianismo, caminhava apressado pelas ruas de Londres quando um amigo lhe perguntou para onde ia com tanta pressa. Hume respondeu que estava indo ouvir George Whitefield pregar. O amigo, espantado, lhe perguntou: “Mas você não crê no que Whitefield prega, crê?” Ele respondeu: “Não, eu não creio, mas ele crê”. Ninguém pode ser um grande pregador se não tiver grandes convicções.

2. PRECISAMOS DE PREGADORES QUE PREGUEM COM PAIXÃO

Um velho amigo de Martin Lloyd Jones, já ancião, mas muito crítico, fez o seguinte comentário sobre dois pregadores: de um, extremamente lúcido, mas seco e enfadonho, disse: “Luz sem calor”; quanto ao outro, exatamente o oposto: “Calor sem luz”. Lloyd Jones completa: precisamos ter luz e calor; sim, precisamos da luz do conhecimento e do calor dos sentimentos. Precisamos da luz da convicção, mas precisamos também do calor da paixão. Nenhum pregador pode ser um grande pregador sem grandes sentimentos. A luz e o calor, a convicção e a paixão devem andar juntos. Os discípulos sentiram o coração arder quando Jesus lhes expôs a verdade ao caminharem em direção a Emaús. A pregação apaixonada deve ser feita com o coração em chamas. Há um celebre dito de João Wesley nesse sentido. Ele costumava repetir: “Ponha fogo no seu sermão ou ponha seu sermão no fogo”. Somente um pregador revestido com paixão pode ser um poderoso instru-

mento nas mãos de Deus para produzir impacto nos corações. Um pregador, olhando para o seu auditório durante a sua prédica, observou que um senhor idoso estava dormindo enquanto ele pregava. Voltou-se para o garotinho que estava sentado ao lado do idoso: “Menino, você pode acordar seu avô que está dormindo ao seu lado?”. O menino prontamente respondeu: “Por que o senhor não o acorda? Foi o senhor que o fez dormir”. Um pregador sem paixão cria audiência sem paixão. Não há espaço no púlpito para pregadores frios, sem vida, sem paixão. O mundo e as igrejas carecem desesperadamente de pregações cheias de vigor e paixão.

3. PRECISAMOS DE PREGADORES QUE PREGUEM COM UNÇÃO

Sem a presença, a obra, o poder e a unção do Espírito Santo, nossa pregação será como um vale de ossos secos. Sem a unção do Espírito Santo, a pregação não tem vida nem poder. A unção representa a efusão do Espírito. A unção é o Espírito Santo descendo sobre o pregador de modo especial, capacitando-o com poder para realizar a obra da pregação de forma inspirada, elevada e sublime. Conta-se que Spurgeon sempre subia os 15 degraus do seu púlpito repetindo: “Eu creio no Espírito Santo... Eu creio no Espírito Santo... Eu creio no Espírito Santo...”. A obra de Deus não é realizada por meio da força e da inteligência humana, mas pelo poder e unção do Espírito Santo. Conhecimento é importante; convicção é importante; paixão é importante; mas unção é indispensável. E a unção só vem por meio de uma vida de oração. Daí porque a vida de oração precisa ser prioridade tanto na rotina do pregador como na agenda da igreja. A profundidade de um ministério e a unção

da pregação são medidas não pelo sucesso diante dos homens, mas pela intimidade com Deus. É a oração que traz poder e refrigério à pregação. A oração é o oxigênio da pregação. Pregação sem oração não provoca impacto. Pregação sem oração é pregação morta. Por isso, antes de aprender a pregar, o pregador precisa aprender a orar. Realizar a obra de Deus sem oração é presunção. A igreja está sempre buscando melhores estratégias, melhores planos, melhores métodos. Deus está procurando pessoas melhores. No dizer de E. M. Bonds: “O que a igreja precisa hoje não é de mais ou melhores mecanismos, organizações, métodos. A igreja está precisando de pessoas que o Espírito Santo possa usar, pessoas de oração, pessoas poderosas em oração”. O Espírito Santo não flui através de métodos, mas através de pessoas; não vem sobre mecanismos, mas sobre pessoas; não unge planos, mas pessoas. Pessoas de oração. O que nós precisamos fazer? Nossa primeira e maior prioridade na igreja e no ministério é voltarmos para Deus em fervente oração.

COMENTÁRIOS

A LOUCURA DA PREGAÇÃO

Reverendo Gerson Correia de Lacerda

Trabalhei ao lado do Rev. Abival, na condição de pastor auxiliar, na 1ª IPI de São Paulo, durante 10 anos (1985-1994). Costumavelmente, ele era o responsável pela Proclamação da Palavra nos cultos matutinos. O Rev. Elizeu Rodrigues Cremm (também pastor auxiliar) e eu pregávamos nos cultos vespertinos tanto na 1ª Igreja como nas suas duas congregações (Valo Velho e Pedreira). Dessa maneira, estava presente em quase todas as pregações do Rev. Abival.

Quando ele pregou este sermão, "A loucura da pregação", eu estava presente. Recordo-me perfeitamente dessa mensagem, embora não saiba precisar a data em que ela foi transmitida ao povo de Deus. A lembrança

ficou porque, naquela ocasião, sofri um grande impacto provocado exatamente por este sermão.

Naquela época, eu também trabalhava como professor no Seminário Teológico de São Paulo (hoje, Faculdade de Teologia de São Paulo da IPI do Brasil — FATIPI). Lecionava diversas disciplinas referentes à História da Igreja. Além delas, também era o professor de Homilética.

Nessa condição, um dos tópicos desenvolvidos era a evolução histórica da pregação, desde o tempo dos profetas no Antigo Testamento, passando também, ainda que rapidamente, pelos vinte séculos da história da igreja até os nossos dias. Ao final, discutia com os alunos a situação da pregação nos

dias atuais.

Foi exatamente isso que o Rev. Abival fez em sua mensagem. Na introdução, percorreu a história da pregação desde Jesus Cristo até os dias de hoje. Começou destacando a importância da pregação. A seguir, colocou-se pessoalmente dentro da mensagem, confessando seu desejo de ouvir os mais brilhantes pregadores da Palavra de Deus. Dessa maneira, ressaltou o contraste entre o passado e o presente. No passado, a igreja valorizou a pregação; no presente, ocorre uma grande crise na pregação. Nas palavras do Rev. Abival: "Lembro as glórias do púlpito para denunciar quão inglórios são os púlpitos modernos".

Em sua mensagem intitulada "A loucura

Recordo-me perfeitamente dessa mensagem, embora não saiba precisar a data em que ela foi transmitida ao povo de Deus. A lembrança ficou porque, naquela ocasião, sofri um grande impacto provocado exatamente por este sermão.

da pregação”, o Rev. Abival agiu como um verdadeiro profeta. Seu primeiro ponto foi fazer uma grave denúncia: “A paixão pelo púlpito vem se desvanecendo... A pobreza de nossos púlpitos está estampada na miséria espiritual de nossos crentes... O púlpito está perdendo sua centralidade. A pregação não está mais recebendo a prioridade de vida nas liturgias modernas”.

Não pude deixar de me identificar totalmente com essa denúncia. Era a mesma denúncia que fazia nas minhas aulas de Homilética. O problema é que a grande crise da pregação nos dias atuais não acontece sozinha. Ela vem acompanhada de uma enorme crise na vida de nossas igrejas. Eu costumava chamar a atenção dos meus alunos para o fato de que, sempre que a pregação foi valorizada, a igreja escreveu as mais belas e inspiradoras páginas de sua história. Contudo, o inverso também é verdadeiro: sempre que a pregação foi desvalorizada, a igreja entrou em decadência.

Um claro exemplo disso pode ser cons-

tatado na história da Reforma Protestante do Século XVI. A Reforma foi principalmente uma reforma no culto. Além da valorização do cântico pela congregação, os reformadores se dedicaram a resgatar a leitura do texto bíblico e a Proclamação da Palavra na língua do povo. Dai decorre a extrema importância da loucura da pregação. Dela depende a igreja para cumprir fielmente sua *missio Dei*.

Segundo o Rev. Abival, algumas das principais razões para a crise da pregação são as seguintes: os púlpitos estão sucumbidos ao imediatismo de nossa época; a grande influência de ensinamentos carismáticos e místicos marcados pelo pragmatismo e pelo consumismo; os pregadores estão oferecendo sopa rala para o povo de Deus, e não alimento sólido e consistente; a influência da ortodoxia morta.

Ao apresentar tais razões, o Rev. Abival citou duas vezes E. M. Bounds. Na primeira, destacou uma das afirmações em que disse: “Um homem, um homem por inteiro, é o que há por de-

Segundo o Rev. Abival, algumas das principais razões para a crise da pregação são as seguintes: os púlpitos estão sucumbidos ao imediatismo de nossa época; a grande influência de ensinamentos carismáticos e místicos marcados pelo pragmatismo e pelo consumismo; os pregadores estão oferecendo sopa rala para o povo de Deus, e não alimento sólido e consistente; a influência da ortodoxia morta.

O amor e a dor vêm primeiro. É só muito mais tarde que a gente pensa a fim de entender o sofrido e o desejado... Mudar de ideia é muito fácil. Mas ninguém pode fazer de conta que alegrias e tristezas nunca existiram. É assim a religião. Salmos e poemas vêm primeiro... Já os tratados de teologia e as explicações doutrinárias são construções tardias, depois que passou o amor e a dor se foi...

trás de um sermão". Não pude deixar de me lembrar do grande historiador francês Lucien Febvre e de sua obra *Martin Lutero — um destino*, na qual defendeu a tese de que, apesar de sofrer grande oposição e de correr todos os riscos, Lutero não recuou porque, ao proclamar a mensagem da salvação pela graça mediante a fé em Cristo Jesus, não estava ele simplesmente defendendo uma ideia acadêmica. Ao contrário, Lutero se colocava por inteiro dentro dessa mensagem.

Na segunda vez, lembrou que Bounds escreveu: "Homens mortos pregam sermões mortos, e os sermões mortos matam". Para o Rev. Abival, sermões mortos são aqueles em que os pregadores se limitam a proclamar doutrinas ortodoxas a fim de que os membros da igreja pensem corretamente a respeito do ensino bíblico. Lembrei-me de Rubem Alves, que faz a seguinte confissão pessoal na obra *Dogmatismo e Tolerância*: "Sou protestante. Perderão o seu tempo aqueles que tentarem descobrir as raízes da minha

fé em catecismos ou teólogos. O amor e a dor vêm primeiro. É só muito mais tarde que a gente pensa a fim de entender o sofrido e o desejado... Mudar de ideia é muito fácil. Mas ninguém pode fazer de conta que alegrias e tristezas nunca existiram. É assim a religião. Salmos e poemas vêm primeiro... Já os tratados de teologia e as explicações doutrinárias são construções tardias, depois que passou o amor e a dor se foi...".

Após comentar as causas da crise da pregação em nossos dias, a segunda parte da mensagem do Rev. Abival se dedicou a proclamar que precisamos de pregadores para resgatar a importância do púlpito e da pregação. Utilizou ele três pontos com essa finalidade: precisamos de pregadores que preguem com convicção; precisamos de pregadores que preguem com paixão; precisamos de pregadores que preguem com unção.

Esses três pontos se opõem radicalmente às principais razões da crise da pregação. Eles indicam que os pregadores precisam pregar mensagens nas quais

se coloquem por inteiro. Em outras palavras, suas pregações devem estar de acordo com aquilo que sentem e com aquilo que vivem, contando sempre com a atuação do Espírito Santo na mente e coração de seus ouvintes. É por isso que, numa boa liturgia Reformada, não pode jamais faltar a súplica pela iluminação do Espírito Santo. E tal iluminação não se limita à mensagem a ser proferida, mas se estende também sobre a própria leitura do texto bíblico no qual a pregação se fundamenta.

Considero a pregação deste sermão pelo Rev. Abival, no seu todo, de uma atualidade impressionante. Duas experiências de minha própria vida servem para ilustrar tal afirmação.

Certa vez, fui convidado a pregar numa de nossas igrejas, localizada na Capital de São Paulo. Já conhecia aquela igreja. Já havia estado lá em outras oportunidades. Mas, ao entrar no templo, levei um grande susto. Não havia púlpito. O púlpito tinha sido retirado. Perguntei a um dos membros daquela igreja o que acontecera. A explicação para

justificar a retirada do púlpito foi a de que ele estava atrapalhando a instalação da bateria do grupo de louvor. Disse eu, então, que não pregava sem um púlpito. Precisava do púlpito para colocação da Bíblia e do texto do sermão que iria proferir. Providenciaram-me uma estante, dessas que são utilizadas pelos músicos, para me servir de púlpito improvisado.

Nos dias atuais, em que vivemos uma intensa crise na pregação, a arquitetura interna dos templos está sendo mudada. Antigamente, em nossas igrejas, o púlpito ocupava lugar central e, logo abaixo dele, estava a mesa da eucaristia. Agora, os púlpitos e as mesas da comunhão estão sendo substituídos por caixas de som, baterias e outros instrumento musicais. Muitos cultos são realizados sem leitura bíblica e sem a proclamação da Palavra. Em seu lugar, está o que chamam de "louvorção", no qual muitos cânticos são entoados, entremeados por pequenas mensagens a respeito de suas letras.

O Rev. Abival proclamou, verdadeiramente, um sermão

Certa vez, fui convidado a pregar numa de nossas igrejas, localizada na Capital de São Paulo. Já conhecia aquela igreja. Já havia estado lá em outras oportunidades. Mas, ao entrar no templo, levei um grande susto. Não havia púlpito. O púlpito tinha sido retirado. Perguntei a um dos membros daquela igreja o que acontecera. A explicação para justificar a retirada do púlpito foi a de que ele estava atrapalhando a instalação da bateria do grupo de louvor.

profético ao denunciar a perda da centralidade do púlpito e ao chamar a atenção para a necessidade urgente que temos de pregadores que resgatem a pregação. Tenho a impressão de que sua voz, tal como a voz de João Batista, está soando no deserto. Deus nos conceda ouvidos para ouvir a mensagem do Rev. Abival.

Nos dias atuais, em que vivemos uma intensa crise na pregação, a arquitetura interna dos templos está sendo mudada. Antigamente, em nossas igrejas, o púlpito ocupava lugar central e, logo abaixo dele, estava a mesa da eucaristia. Agora, os púlpitos e as mesas da comunhão estão sendo substituídos por caixas de som, baterias e outros instrumentos musicais.



SOBRE O AUTOR

Tenho formação em teologia pelo Seminário de São Paulo da IPI do Brasil (1971), em história pela Universidade de São Paulo (1972) e em filosofia pela Universidade de Mogi das Cruzes (1973), além do curso de mestrado em teologia pelo Seminário Teológico de Princeton, New Jersey, EUA (1987-1988). Lecionei no Seminário de São Paulo durante 36 anos, do qual também fui deão e diretor. Pastoreei as seguintes igrejas: 1ª IPI de Osasco (1972-1974), IPI do Quilômetro Dezoito, em Osasco (1975-1984), 1ª de São Paulo (1985-1994) e, novamente, 1ª de Osasco (1995 em diante). Fui secretário geral da IPI do Brasil (2003-2010) e redator do jornal oficial da igreja "O Estandarte" (1999-2014; 2019 em diante).

ABIVAL E EU

Fui aluno do Rev. Abival no Seminário de São Paulo. Além de conviver com ele na sala de aula, fui apaixonado admirador de suas pregações nos cultos diários que eram realizados

em nossa Casa de Profetas. Na verdade, confesso que procurei aprender com ele a pregar. Naquela época, o Rev. Abival escrevia integralmente as suas mensagens. Lia-as com paixão e com unção do Espírito Santo. Todavia, não parecia que estava lendo, tal era o seu ardor e comunicação. Ainda hoje, passado meio século, recordo-me perfeitamente de alguns de seus sermões. Desde aquela época, tomei a decisão de também escrever integralmente os meus sermões. Procuo lê-los como os lia o Rev. Abival. O resultado é surpreendente: muitos dos membros das igrejas que pastoreei afirmam não perceber que estou a ler as minhas mensagens. Devo isso ao Rev. Abival. Além disso, fiz parte de sua equipe à frente do Supremo Concílio da IPI do Brasil e como seu auxiliar na 1ª IPI de São Paulo, durante 10 anos. Em todas essas atividades, sempre ele foi meu mestre, e eu, seu aluno, pelo que dou graças a Deus.

FOGO ESTRANHO NO ALTAR

Nadabe e Abiú, filhos de Arão, tomaram cada um o seu incensário, e puseram neles fogo, e sobre este, incenso, e trouxeram fogo estranho perante a face do Senhor, o que lhes não ordenara. Então saiu fogo de diante do Senhor e os consumiu; e morreram perante o Senhor.
(Levítico 10.1-2)

O capítulo 9 de Levítico é marcado pela alegria e pelo senso de triunfo que assinalaram o início dos serviços sacerdotais. Mas o capítulo 10 contém uma nota de tristeza que maculou aquela festa religiosa inaugural. Os dois filhos mais velhos de Arão — Nadabe e Abiú —, num ato imprudente, contaminaram o tabernáculo ao efetuarem um rito que não concordava com as instruções recém-elaboradas e entregues por Jeová a Moisés. As regras eram detalhadas e intrincadas, mas eram divinas

e ninguém tinha o direito de profaná-las. A profanação foi punida com a execução dos culpados. O que aconteceu? O texto é claro: “eles trouxeram fogo estranho no altar”.

Era fogo. Mas não era fogo de Deus, nem do céu. Era fogo do homem, da terra. Metaforicamente, fogo estranho passou a designar aquelas práticas místicas e religiosas que são estranhas ao cristianismo bíblico, contrárias ao evangelho e ofensivas à fé cristã. Eis alguns desses fogos estranhos que estão queimando no altar das igrejas:



1. O FOGO ESTRANHO DA PROSPERIDADE

Hoje há grande ênfase a uma religiosidade materialista. A mensagem do evangelho da prosperidade assegura que os cristãos devem esperar saúde, riqueza, sucesso e felicidade. Em suma, Deus quer que você fique rico. Essa mensagem, com todas as suas sutilezas, tem sido propagada tão intensamente que se alojou na mente e no coração de muitos crentes.

É importante deixar claro que não há nada contra a prosperidade financeira do cristão, pois a vida cristã pode trazer – e tem trazido – bênçãos materiais para muitos. Assim, também não cabe fazer apologia da pobreza. Mas é preciso parar com esse discurso de que bênção de Deus é sinônimo de bênção material e de que toda pobreza é do diabo e é maldição. Jesus nunca ensinou tal coisa, e isso também não reflete o ensinamento bíblico.

O grande problema da Teologia da Prosperidade não é a prosperidade, mas a teologia que traz doutrinas heréticas no seu bojo. Eis um exemplo recente: Jim Baker é um dos “papas” da Teologia da Prosperidade. Ficou muito rico, lesou o fisco e acabou na prisão, onde passou cinco anos. Retornou à atividade religiosa, mas agora para combater a Teologia da Prosperidade que sempre defendeu. Tudo isso está num livro recém-publicado, que se chama “Eu Errei”, no qual ele faz a sua *mea-culpa*.

Mas qual era o ensino que Baker agora renege? Eis uma amostra: “Você não deve orar ‘seja feita a tua vontade’. Quando estiver orando em favor da riqueza ou saúde, você já sabe que Deus quer que você tenha essas coisas. É um insulto a Deus pedir para ele confirmar a vontade já revelada. Fazer isso é similar a não confiar nEle ou não acreditar

que Ele seja bom como diz a Bíblia. Em lugar de orar ‘seja feita a tua vontade’, quando você desejar um carro novo, por exemplo, reivindique-o. Ore especificamente. Diga a Deus que tipo de carro você quer e especifique o tipo de opcionais e a cor do carro que você deseja”. Outro conselho mais radical de Baker: “Você não precisa orar a oração do Pai Nosso. Essa oração foi apenas para os discípulos. É uma falta de fé orar ‘seja feita a tua vontade’. Você precisa apenas dizer a Deus o que quer”.

Mas o que o novo Baker acha do velho Baker? Cito-o literalmente: “Que arrogância! Que estupidez! Que pecado! Eu não estava tentando enganar ninguém. Eu acreditava honestamente em tudo que es-

[...] não há nada contra a prosperidade financeira do cristão, pois a vida cristã pode trazer – e tem trazido – bênçãos materiais para muitos. Assim, também não cabe fazer apologia da pobreza. Mas é preciso parar com esse discurso de que bênção de Deus é sinônimo de bênção material e de que toda pobreza é do diabo e é maldição. Jesus nunca ensinou tal coisa, e isso também não reflete o ensinamento bíblico.

crevi. Eu ensinava e vivia tais ensinios. O meu estilo de vida refletia a minha teologia, segundo a qual Deus se agrada da prosperidade material: carros da moda, mansões extraordinárias, roupas finas, hospedagem nos melhores hotéis do mundo e tantas outras extravagâncias. Como pude estar tão errado? Como pude, de forma tão completa, perder de vista o verdadeiro evangelho de Jesus? Como pude ter a audácia de mudar suas declarações exatamente para o oposto daquilo que ele pregou? Jesus nunca igualou suas bênçãos às coisas materiais como eu o fiz. Coloquei muita ênfase no materialismo e, de forma sutil, encorajei as pessoas a colocarem o coração nas riquezas, e não em Jesus. Quando compreendi essa verdade, fiquei profundamente envergonhado e me arrependi do meu erro... Estou convencido de que prestei um grande desserviço ao corpo de Cristo. Hoje não tenho dúvidas: proclamadores e mestres da prosperidade têm contribuído inconscientemente para a comunidade cristã preparar o caminho da vinda do anticristo”.

Teologia da Prosperidade é fogo. Mas não é fogo sagrado, nem de Deus, nem do céu. É fogo estranho no altar de Deus. É fogo do homem. Nasce na terra e nela se apaga.

2. O FOGO ESTRANHO DO SENSACIONALISMO

Ao lado da ênfase sobre o dinheiro, o novo cristianismo materialista também dá muita ênfase ao sensacionalismo: a busca por sinais e maravilhas.

No afã de demonstrar o poder de Deus e produzir milagres, muitos pregadores partiram para o sensacionalismo, empregando métodos suspeitos e nada ortodoxos em suas atuações. O quartel general da religião do

sensacionalismo é a Igreja Toronto Blessing, no Canadá. Aviões lotados, de todas as partes do mundo, partiam para Toronto em busca da bênção. E a Igreja da Bênção de Toronto passou a exportar para o mundo todo — inclusive o Brasil — as experiências religiosas mais exóticas. Eis algumas delas:

2.1 O FENÔMENO DE CAIR

É um modismo religioso amplamente praticado e incentivado entre neopentecostais e carismáticos. Consiste em derrubar as pessoas assoprando sobre elas ou atirando-lhes o paletó. Em inglês é chamado de “slain in the spirit” ou “cair no espírito”. E, ironicamente, os que o praticam dizem que esse fenômeno é produzido pelo Espírito Santo. O dicionário do movimento pentecostal e carismático reconhece que a Escritura não oferece nenhum apoio ao fenômeno. Não existe nenhuma evidência bíblica para tal experiência. É um fenômeno esdrúxulo e estranho à verdadeira vida cristã. Em outras palavras, é fogo estranho no altar de Deus.

2.2. O FENÔMENO DA “UNÇÃO DO RISO”

É conhecida como a bênção de Toronto. “A Gargalhada Sagrada” ou ainda a “Unção de Isaque”. Durante o culto as pessoas experimentam uma espécie de êxtase, caindo num riso incontido, transformado em gargalhada. Alguns rolam no chão enquanto gargalham. Paralelamente, tem acontecido os que rugem como leão e os que latem como cachorro. Para defender o urro, seus adeptos invocam Isaías 5.29: “o seu rugido é como o do leão”. Assim, é o Leão de Judá que está rugindo porque a pessoa recebeu o espírito do Leão de Judá. Mas e o cão? É claro que não existe base bíblica para isso, e qualquer tentativa

nesse sentido é puro engano e manipulação. É mais um fogo estranho no altar de Deus.

2.3. O FENÔMENO DA EMBRIAGUEZ NO ESPÍRITO

Rodney Howard-Browne, evangelista da África do Sul, hoje nos Estados Unidos, se intitula o *barman* do Espírito Santo. É o garçom do Espírito Santo. É o distribuidor do vinho novo e convida a todos para que “venham e tomem um *drink* no Bar do Joel”, numa referência ao texto do profeta que diz: “jovens terão visões, e os velhos sonharão sonhos”. Pode até parecer bonito, mas é fogo estranho no altar de Deus.

3. O FOGO ESTRANHO DO FETICHISMO

Há uma religiosidade marcada pelo fetichismo, ou seja, pelo uso de fetiches. É uma prática pagã. Objetos e coisas adquirem um status místico, por meio dos quais se expressa religiosidade. Falamos do fetichismo mais comum às religiões afro e exotéricas. E também do catolicismo romano. Mas agora os assim chamados “evangélicos” também estão apelando para o fetichismo religioso: copo de água, pedaço de pão, sal grosso, rosa mística, roupa de enfermo, carteira de trabalho, lenço branco, óleo santo de Israel. Logo vamos ter a unção da pasta de figo (2 Reis 20.7), a unção da saliva, a unção do lodo (João 9.6), a unção da sombra de Pedro e muitas outras. Tudo isso pretende passar um ar de espiritualidade, mas não passa de fogo estranho no altar de Deus.

4. O FOGO ESTRANHO DO PERSONALISMO

O culto à personalidade, que parecia ser mais próprio ao comportamento político e secular, está cada vez mais presente nos mo-

Há uma religiosidade marcada pelo fetichismo, ou seja, pelo uso de fetiches. É uma prática pagã. Objetos e coisas adquirem um status místico, por meio dos quais se expressa religiosidade.

vimentos religiosos. É um traço marcante das seitas. Acontece especialmente nas igrejas em que a instituição é confundida com seus líderes. Temos então a igreja de Fulano, a igreja de Beltrano. E eles são, literalmente, os donos de suas igrejas, que funcionam como uma empresa pessoal e da família. O pastor Malafaia, num dos números da Revista *Eclesia*, denuncia esse personalismo exacerbado em que as pessoas se apropriam indevidamente de títulos bíblicos aplicando-os a si mesmos sem qualquer cerimônia. Eles se auto-ordenam bispos, apóstolos etc. Logo, conclui Malafaia, vamos chegar ao cargo máximo nesse culto ao personalismo: vice-Deus. É sério, e é fogo estranho no altar de Deus.

Penso que esta mensagem é apropriada para o momento que estamos vivendo, especialmente quando a Igreja Presbiteriana Independente do Brasil comemora o seus 101 anos de vida. Mais do que nunca, precisamos ser uma Igreja consciente da sua identidade reformada, e mais ainda: consciente de sua identidade evangélica, em que só Cristo, só a Palavra, só a Fé, só a Graça têm lugar no altar de Deus.

Que nestes tempos de tanto fogo estranho no altar, nos lembremos da grande herança de nossos pais espirituais e da necessidade da volta à simplicidade, à sinceridade e à integridade de nossa fé.

Soli Deo Gloria!

COMENTÁRIOS

“FOGO ESTRANHO” NO ALTAR - 15 ANOS DEPOIS.

Reverendo Leonildo Silveira Campos

Eu estava no culto da manhã de um domingo em 2004 quando o reverendo Abival leu o texto de Levítico 10.1-2 antes de sua pregação. Pensei comigo, estou curioso para ver que reflexões ele vai nos trazer desse texto tão pouco conhecido do Antigo Testamento. Tentei adivinhar as pontes hermenêuticas que seriam usadas para ligar o contexto histórico vivido pelo escritor bíblico aos nossos tempos, mais de três mil anos depois. Nos tempos do primitivo Israel, o culto ao Deus-Javé recebia ameaças internas de partes do povo descendente de Abraão e de outras religiões do Oriente Médio, da bacia do Mediterrâneo,

dos cananitas, babilônios, assírios, persas e gregos.

Para muitas religiões da antiguidade, o sol e o fogo eram quase sempre uma personificação de seus deuses. Porém, para os descendentes de Israel, o fogo simbolizava o Deus que se revelou aos patriarcas Abraão, Isaque, Jacó e Moisés. Um altar com fogo aparece muitas vezes no Antigo Testamento. Às vezes junto aos holocaustos, outras, como fogo que caía do céu para destruir os infiéis ou para iluminar a noite das tribos fugitivas do Egito.

Porém, no texto lido pelo pregador naquela manhã, havia um fogo no altar que não tinha ligação alguma com

o Deus que os libertara do Egito. Era um fogo falso, que tinha ligações com episódios de substituição do Deus verdadeiro por outros deuses, como foi por ocasião do bezerro de ouro. Por isso a ira de Deus caiu sobre dois dos filhos de Arão.

Levítico é o livro bíblico centrado no conceito de santidade, nos ritos, costumes e posturas corretas que o povo de Israel deveria ter diante do revelado a Moisés, o libertador, e mais tarde, ao cultuar no Tabernáculo móvel e no Templo de Jerusalém. Moisés desempenhou o papel de eliminador das impurezas e das idolatrias. No entanto esses males iriam afetar o

Levítico é o livro bíblico centrado no conceito de santidade, nos ritos, costumes e posturas corretas que o povo de Israel deveria ter diante do revelado a Moisés, o libertador, e mais tarde, ao cultuar no Tabernáculo móvel e no Templo de Jerusalém.

povo de Israel ao longo de vários séculos. Em outras palavras, o povo foi tentado a misturar o verdadeiro culto às impurezas do culto dos povos vizinhos.

O fogo no altar foi para o pregador naquela manhã uma figura de linguagem para dizer que, semelhantemente, o povo evangélico vive hoje tempos como aqueles, carregados de pressões internas e externas, e conscientemente ou não tenta substituir o fogo aceso ao Deus verdadeiro por um fogo “estranho” ou impuro no altar.

O sermão pregado naquele dia parecia com textos que nós pesquisadores da academia já escrevíamos desde a metade dos anos 1990 sobre formas de cultos sincréticas, híbridas ou misturadas. O reverendo Abival, numa linguagem retórica empolgante, trouxe para a consciência da Igreja uma tendência que se tornou cada vez mais presente nos dias de hoje. Isto porque as igrejas tradicionais são invadidas ou pressionadas por teologias, hábitos, práticas, costumes e formas de culto estranhos à tradição acumulada desde a Reforma do Século XVI. Muitas dessas práti-

cas têm sido introduzidas para “segurar” os jovens na Igreja. Um estudioso norte-americano, Thomas Bergler, chamou esse fenômeno de “juvenilização da Igreja”, pois o padrão e a forma jovem se tornaram a maneira de se cultuar a Deus e de se julgar o que é feito como certo ou errado em termos de música, liturgia e pregação.

Vivemos hoje na chamada “sociedade do espetáculo” (Debord). Nela o espetáculo visual apresentado na mídia com o mínimo de Bíblia, teologia ou sermões exegéticos aparece impulsionado por estratégias de *marketing*. Há uma mistura entre o clima cultural da pós-modernidade (individualismo e narcisismo), centrado em si mesmo, com o culto ideal, considerado por Paulo como “culto racional” ou “culto verdadeiro” (Rm 12.1).

Nesse contexto, o espetáculo religioso, ou o show da fé, se tornou manifestação de um teatro, realizado num templo ou num auditório de televisão. O bom pastor é o animador de auditório, um bom cantor e aquele que apresenta bons resultados, tais como o aumento da con-

tribuição e do número de adeptos, ou faz de si ou da Igreja uma celebridade, atingindo as metas e os objetivos que lhe são propostos.

O sermão pregado naquele dia parecia com textos que nós pesquisadores da academia já escrevíamos desde a metade dos anos 1990 sobre formas de cultos sincréticas, híbridas ou misturadas. O reverendo Abival, numa linguagem retórica empolgante, trouxe para a consciência da Igreja uma tendência que se tornou cada vez mais presente nos dias de hoje. Isto porque as igrejas tradicionais são invadidas ou pressionadas por teologias, hábitos, práticas, costumes e formas de culto estranhos à tradição acumulada desde a Reforma do Século XVI. Muitas dessas práticas têm sido introduzidas para “segurar” os jovens na Igreja.

Foi justamente pensando nesse contexto que o sermão daquela manhã nos levou a uma visão mais crítica do sincretismo nos dias de hoje. A religião está se misturando com o comércio, a serviço da ideologia da sociedade de consumo. Daí ser importante perguntarmos se o Deus cultuado e embalado nos sonhos e desejos dos consumidores é realmente o Deus-Sofredor que esteve encarnado no jovem carpinteiro de Nazaré.

No texto de Levítico, há em sua essência o combate às antigas tendências idolátricas. Este sermão nos aponta para o fato de que a idolatria, o materialismo e o egoísmo continuam sendo uma tentação para todos os que pretendem cultivar a Deus no interior de nossa cultura, que já não mais se envergonha de se definir como pós-cristã.

Acertadamente o reverendo Abival elencou algumas características do “fogo estranho” que tem sido aceso em muitas de nossas igrejas no final desta segunda década do século XXI. A divisão da meditação foi feita de uma forma lógica, coerente e alicerçada na Teologia Reformada

de Lutero e Calvino:

- 1. O fogo da prosperidade**
- 2. O fogo do sensacionalismo**
 - 2.1 O fenômeno do “cair no Espírito”**
 - 2.2 O fenômeno da “unção do riso”**
 - 2.3 O fogo da embriaguês no Espírito**
- 3. O fogo estranho do fetichismo**
- 4. O fogo estranho do personalismo**

Além dessas e a elas ligadas, há muitas outras chamas que têm passado rapidamente pelas igrejas. Algumas delas são hoje motivos de piadas, como a “bênção do dente de ouro” ou a “bênção do emagrecimento e perda da barriga” após o toque do “homem de Deus”. Esses modismos passaram, e até os seus defensores delas se esqueceram. São modismos colocados em prática muito mais para atrair pessoas desconectadas, às vezes perdidas no meio das batalhas travadas pelo controle dos rebanhos. Na busca de vantagens diante da concorrência, televangelistas brasileiros, seguindo caminhos trilhados e inventados por pregadores neopentecostais norte-americanos, usam de nossa criatividade tupiniquim para conciliar cristianismo com capitalismo ou com superstições da religiosidade popular.

A 1ª Igreja Presbiteriana Independente

de São Paulo tem sobrevivido como uma ilha no meio de um tsunami litúrgico e teológico. Nesse sentido, o sermão aqui referido é uma palavra profética ou uma denúncia de que há “fogo estranho” no Altar do culto a Deus. Graças à inspiração do reverendo Abival Pires da Silveira, pudemos ouvi-lo naquela manhã e lê-lo novamente, 15 anos depois. Não se trata de um sermão ultrapassado. Muito pelo contrário, ele continua atualíssimo, basta assistir alguns *shows* na televisão brasileira. Sermões como esse, reunidos num blog pela Berenice Rodrigues, membro da Catedral Evangélica de São Paulo, nos ajudaram nessas quase quatro décadas do ministério do reverendo Abival.

Soli Deo Gloria.



SOBRE O AUTOR

Rev. Leonildo, era primo do Rev. Abival. Seus avós, Adolfo e Rafael, Ana e Rafaela, eram irmãos. Do lado Amaral também eram primos. Entre 1950 e 1954, conviveram na histórica IPI de Bofete. Em 1965, sabendo que Leonildo queria ser pastor e estudava em Londrina num Instituto e Seminário Bíblico interdenominacional, Abival lhe fez uma visita, desafiando-o a terminar o colegial em São Paulo e entrar em nosso Seminário. A partir de 1968, Leonildo foi aluno de Abival. Casou-se com Ruth Lenira Gomes em 1972, em uma cerimônia celebrada pelo Rev. Abival e Rev. Ageu Mariano da Silva, na cidade de Lençóis Paulista. A partir de 1973, os primos passaram a ser colegas de ministério. Trabalharam juntos, inclusive com Marlene, esposa do Rev. Abival, na antiga Comissão de Educação Cristã (nos anos 1980). Foram, portanto, mais de 50 anos de relacionamento próximo e muito frutífero para o autor destes comentários. Abival foi também pastor da família de Leonildo e Ruth, dentro de sua vocação especial de pastorear pastores além de suas ovelhas.

VENCENDO A DEPRESSÃO

Não andeis ansiosos de coisa alguma; em tudo, porém, sejam conhecidas diante de Deus as vossas petições, pela oração e pela súplica, com ações de graças. (Filipenses 4.6)

Hoje eu vou falar sobre a espiritualidade como aliada contra a depressão, ou seja, dentro do tema da espiritualidade da saúde, abordarei essa questão específica da depressão. São muitas as pessoas que enfrentam a depressão; é uma doença silenciosa, mas potencialmente devastadora. Eis algumas expressões impressionantes usadas para descrevê-la: “É como se eu estivesse cercado por enormes cães

ferozes”; “É como se as luzes tivessem se apagado completamente”; “É como se tudo mudasse repentinamente de colorido para um branco e preto”.

Todos nós, uma vez ou outra, nos sentimos tristes. Há dias em que nada parece dar certo, ficamos todos amargurados quando um amigo, quando um parente morre; choramos todos quando nos deparamos com os quadros da miséria humana; sentimo-nos



todos perplexos, confusos, quando somos demitidos do nosso trabalho. Essas reações são normais, e é o que se espera como resposta aos problemas da vida. Mas isso não é depressão.

Quando esse quadro permanece e se aprofunda, a pessoa começa a se sentir angustiada, consternada, é sinal então de que alguma coisa séria está se instalando no seu organismo. Quem nunca sofreu a devastação causada por essa doença quase sempre é incapaz de imaginar a tristeza, a frustração e o esgotamento que acompanham a depressão. Não conseguimos dormir, mesmo cansados; comemos, mas sem fome, comemos demais e às vezes não comemos; choramos, mesmo sem razão para estarmos tristes. A depressão é certamente a doença mental e espiritual mais comum nos dias de hoje. Uma em cada quatro mulheres e um em cada dez homens a desenvolvem. É uma doença que afeta jovens e idosos, ricos e pobres, casados e solteiros. Felizmente é uma doença que reage muito bem a tratamento, e 80% dos que sofrem de depressão conseguem se recuperar com o tratamento adequado.

Ninguém é depressivo por desejo próprio. A depressão não é resultado de má vontade, não é sinal de fraqueza. Enfrentar a vida quando as perspectivas são adversas ou desanimadoras exige muito mais coragem do que muitos dos mais dramáticos desafios da existência humana. Para a maioria das pessoas deprimidas, levantar-se de manhã para enfrentar mais um dia de vida constitui um verdadeiro ato de bravura.

A depressão não acontece por acaso nem de repente; ela não tem uma única causa, mas uma conjugação de fatores genéticos, biológicos e psicológicos. Não vamos citar todos, mas apenas alguns desses fenômenos:

Quem nunca sofreu a devastação causada por essa doença quase sempre é incapaz de imaginar a tristeza, a frustração e o esgotamento que acompanham a depressão. Não conseguimos dormir, mesmo cansados; comemos, mas sem fome, comemos demais e às vezes não comemos; choramos, mesmo sem razão para estarmos tristes. A depressão é certamente a doença mental e espiritual mais comum nos dias de hoje. Uma em cada quatro mulheres e um em cada dez homens a desenvolvem.

[...] é preciso desfazer um grande equívoco no que diz respeito ao tratamento da depressão. É preciso derrubar um mito. Que mito é esse? É a afirmação segundo a qual as pessoas realmente religiosas não devem ficar deprimidas, a depressão não deve fazer parte da vida de pessoas que tenham forte confiança em Deus. Pensa-se que essas pessoas são imunes à doença, às dúvidas, ao desespero. É uma tentativa de criar uma espécie de supercrentes que podem tudo, aos quais nada alcança, nada atinge e nada faz sofrer.

situações dolorosas do dia a dia, a vida rotineira da qual nós ficamos prisioneiros, os desencontros próprios da rotina, discussões familiares, hostilidades na família, desequilíbrio financeiro, clima de tensão e sobrecarga no trabalho, desconfiança recíproca — tudo isso vai minando a resistência das pessoas, desembocando no fenômeno da depressão.

Por outro lado, os sintomas beiram o insuportável: perda de interesse ou de prazer nas atividades habituais, tudo é uma grande perda de tempo; incapacidade de concentrar-se; pensar, de repente, se torna algo exaustivo; tarefas rotineiras se transformam em algo extremamente fatigante; há grande dificuldade para tomar decisões; insônia e perturbações do sono, perda do apetite ou apetite incontrolável; fadiga; autoestima comprometida.

No entanto, é preciso desfazer um grande equívoco no que diz respeito ao tratamento da depressão. É preciso derrubar um mito. Que mito é esse? É a afirmação segundo a qual as pessoas realmente religiosas não devem ficar deprimidas, a depressão não deve fazer parte da vida de pessoas que tenham forte confiança em Deus. Pensa-se que essas pessoas são imunes à doença, às dúvidas, ao desespero. É uma tentativa de criar uma espécie de supercrentes que podem tudo, aos quais nada alcança, nada atinge e nada faz sofrer. Não, nós somos humanos, nós estamos sujeitos às intempéries da vida. Nesse sentido estamos em ótima companhia, estamos na companhia de Davi, e o Davi deprimido, que gritava: “Sinto-me encurvado, sobre o abatido, ando de luto o dia todo, ardem meus lombos, não há, não há parte sã na minha carne, estou aflito, dou gemidos por causa do desassossego do meu coração, can-

sei-me de gritar”. Estamos na companhia de Moisés, deprimido também, pedindo a Deus a sua morte: “Senhor, esse povo é demais para mim, mata-me, eu te peço”. Nós estamos na companhia de Jó deprimido, que no meio do saco, da cinza, do pó, fazia a grande e dolorosa pergunta: “Por quê? Por que não morri eu no seio da minha mãe, por que não perei saindo das suas entranhas?”. Nós estamos na companhia de Jonas que, deprimido, orava: “Peço-te, pois, ó Senhor, tira-me a vida, porque me é melhor morrer do que viver”. Nós estamos na companhia de Elias deprimido, gritando de dentro da caverna: “Basta Senhor, tire a minha vida”. Nós estamos na companhia de Jeremias deprimido: “Ai de mim, minha mãe, porque me deste a luz, porque dura é a minha dor e a minha ferida me dói”. Nós estamos, por fim, na companhia de Jesus, também deprimido, que lá no Jardim das Oliveiras clamava: “A minha alma está triste até a morte, a minha alma está triste até a morte...”.

São pensamentos, são sentimentos, são desejos, são momentos e expressões da mais radical depressão. Mas a depressão tem cura, há tratamentos farmacológicos, psicoterapêuticos. Aqui eu quero ater-me simplesmente à terapia espiritual.

O primeiro remédio para a cura é a oração, e quem a receita é o apóstolo Paulo na Carta aos Filipenses: “Não andeis ansiosos de coisa alguma”, repetindo trechos de Jesus no Sermão na Montanha, “em tudo, porém sejam conhecidas diante de Deus as vossas petições, pela oração, pela súplica”. Vivemos deprimidos, ansiosos porque não conhecemos quem é Deus, não descansamos em suas promessas, não entregamos o nosso cuidado em oração, não experimentamos suas ternas consolações. Vivemos mergulhados em

O primeiro remédio para a cura é a oração, e quem a receita é o apóstolo Paulo na Carta aos Filipenses: “Não andeis ansiosos de coisa alguma”, repetindo trechos de Jesus no Sermão na Montanha, “em tudo, porém sejam conhecidas diante de Deus as vossas petições, pela oração, pela súplica”.

nossos problemas e não temos tempo para o cuidado, para o amor, para a grandeza, para a majestade de Deus. E, quando olhamos para os problemas em vez de olhar para o Senhor, nós naufragamos na nossa vida. O Senhor quer que caminhemos triunfalmente sobre nossas dificuldades, que tenhamos vitória sobre nossas depressões.

O segundo remédio é a ação de graças, a gratidão. Devemos olhar para a vida com os óculos da gratidão. Quantas bênçãos nós recebemos, mas a depressão faz a gente ver a vida com óculos escuros. Quando estamos deprimidos só temos olhos para a lugubridade do entardecer, nunca para a luz radiante da aurora. Ao invés de murmurar, lamentar-se, queixar-se, levante a cabeça, erga aos céus o seu tributo de gratidão e agradeça a Deus pela sua vida, louve-o pela sua salvação, lembre-se de quem você é: você é um amado de Deus, um herdeiro, um arauto de Deus; você é um embaixador de Deus, um eleito, um escolhido de Deus. Quer mais? Quando você compreende essas maravilhas e toma posse delas, você não mais agasalhará a ansiedade e a depressão em sua vida.

O terceiro remédio é vencer o negativismo. Quando a pessoa está deprimida, nada está bom para ela, tudo vai mal, de mal a pior, tudo está perdido. Ela é incapaz de enfrentar o presente e tem medo de lutar pelo futuro. Este sentimento passou pelo coração de Elias.

Para uma espiritualidade sadia, deixo um roteiro devocional para o nosso coração. É preciso aprender a viver um dia de cada vez, “basta a cada dia o seu próprio mal”, ensina Jesus no Sermão do Monte. Há pessoas que querem viver vários dias num dia só e carregam a carga de todos os dias para um determinado dia, isso nunca deixa de ser uma dificuldade. A lição do viver cada dia nos é dada pelo maná. Para que

cada um vivesse cada dia como bênção e como graça, Deus alimentava o povo com o maná. Os inseguros que levaram um pouco mais para casa tiveram a decepção de ver o maná apodrecer. A vida, como o maná, deve ser vivida um dia de cada vez. A vida caruncha quando queremos vivê-la por antecipação.

Cultive momentos de tranquilidade, de recolhimento, de reflexão, de inspiração, momentos de oração, de estar a sós com Deus. Nós não reservamos sequer cinco minutos para comunhão com Deus em cada dia. São poucos os que passam pelo menos cinco minutos na presença de Deus. Confie na providência divina. Olhai os lírios do campo, olhai as aves do céu... Quem cuida do lírio? Quem cuida do passarinho? É Deus quem cuida do lírio. É Deus quem cuida do passarinho. É Deus quem cuida de nós.

Ponha música na sua vida, entregue seu coração a Deus e saboreie como música dos anjos a beleza da nova vida em Cristo. Que ele nos abençoe!

COMENTÁRIOS

VENCENDO A DEPRESSÃO

Reverendo Leontino Faria dos Santos

O Rev. Abival Pires da Silveira tornou-se notável como pregador por não produzir discursos vazios, sem conteúdo prático para a vida cristã. É o que se percebe na abordagem que faz sobre a espiritualidade como aliada contra a depressão, ao trazer-nos uma palavra profética com sinais de esperança para a vida.

ESTRUTURA E COMENTÁRIOS SOBRE O SERMÃO

O texto básico está em Filipenses 4.6: "Não andeis ansiosos de coisa alguma; em tudo, porém, sejam conhecidas diante de Deus as vossas petições, pela oração e pela súplica, com ações de graças". Seguem os principais tópicos de seu conteúdo:

A Introdução

Tendo o texto de Paulo como referência para a abordagem da depressão como doença, esta é apresentada como um problema real a ser resolvido. O sermão é desenvolvido em três tópicos:

1 - A depressão é uma doença, um problema real que não pode ser ignorado na atualidade

1. É uma doença devastadora e silenciosa.

2. Como doença, a depressão tem as seguintes características:

a) É uma doença mental, psicológica e espiritualmente grave.

b) É o resultado de pressões biológicas e sociais que deprimem o sistema nervoso.

c) É uma enfermidade que desorganiza as reações emocionais, desmotiva as pessoas, impede a concentração e proporciona lapsos de memória.

d) É uma enfermidade que não ocorre por vontade própria, mas que resulta de uma série de fatores genéticos e psicológicos conjugados que se impõem e se aprofundam sobre as pessoas, tornando-as ansiosas e tristes.

e) É uma enfermidade que não acontece por acaso nem é sinal de má vontade, mas pode estar relacionada a traumas e bloqueios da infância, por exemplo.

f) A depressão tem como consequências: desilusões, sentimentos de perdas, impotência sexual masculina, esterilidade da mulher, perda de interesse pela vida, gera isolamento social, sentimento de inutilidade, de medo, de vergonha, de culpa, pensamentos pessimistas e repetitivos, frequência de pensamentos obsessivos, fadiga, perda da autoestima, desejo de morte.

A conscientização de que a depressão é uma enfermidade, um problema real é fundamental. O sermão torna-se desta forma um meio de alertar os fiéis sobre a necessidade de tomar atitudes que facilitem a cura. A consciência do problema já é o começo desse processo. O sermão é relevante e prático para a vida de

quem ouve e sofre. Não é um sermão alienante nem vazio; não é superficial nem efêmero; traz desafios para a vida e desperta o interesse pela cura.

II - Há um mito sobre a depressão que precisa ser desconstruído

1. O mito dos que dizem que as pessoas realmente religiosas e fiéis a Deus nunca ficam deprimidas.

- a) Trata-se de um engano.
- b) Todos somos humanos e sujeitos a enfermidades.

2. Na Bíblia há exemplos de personagens que também enfrentaram a depressão, apesar da experiência de cada um com Deus.

- Entre eles estão:
- a) Moisés, ao pedir a morte diante das pressões dos hebreus, no deserto.
 - b) Jó: "Por que não morri eu no seio de minha mãe?".
 - c) Elias, quando da caverna pediu para si a morte.
 - d) Davi: "Sinto-me encurvado, abatido, dou gemidos...".
 - e) Jeremias, quando disse: "Maldito o dia em que nasci; não seja

benedito o dia em que me deu à luz minha mãe".

f) Jonas: "Peço que me tires a vida, porque para mim é melhor morrer do que viver".

f) Jesus Cristo, no Monte das Oliveiras, ao dizer: "A minha alma está triste até à morte".

A lembrança dos exemplos bíblicos de quem andou com Deus e apesar disso sofreu com a depressão é oportuna; tem sentido pedagógico e enriquece a prédica ao mostrar que todos estamos sujeitos a enfermidades. É a constatação de que a fraqueza humana está em todos, e não há quem esteja imune a esse mal. Os exemplos citados ajudam a entender melhor o que deve ser internalizado para o nosso bem-estar. Com exemplos Jesus também nos ensinou.

III - A espiritualidade saudável é aliada contra a depressão

1. Devemos acreditar que a depressão tem cura.
2. A cura pode vir por meio de

medicamentos e terapias alternativas à nossa disposição.

3. A cura pode vir por meio da prática da espiritualidade saudável, aliada contra a depressão.

- a) Vale considerar o conselho de Paulo ao escrever aos Filipenses: "Não andeis ansiosos de coisa alguma" (vs 6).
- b) Paralelamente ao texto de Paulo, deve ser lembrada a palavra de Jesus no Sermão do Monte: "Não andeis ansiosos pela vossa vida, quanto ao que haveis de comer, ou de beber... Observai as aves do céu: não colhem, nem ajuntam em celeiros; contudo, vosso Pai celeste as sustenta. Porventura, não valeis vós muito mais do que as aves?" (Mt 6.25-26).

A ênfase na espiritualidade saudável como caminho para a cura tem sido tema recorrente na atualidade, não apenas no campo religioso. A espiritualidade é apontada como "capital" a ser considerado nas empresas, por exemplo, ou em instituições hospitalares, para ajudar a resolver questões que tragam re-

sultados satisfatórios. Tal ênfase é oportuna e faz jus às tradições da fé cristã para a vida cotidiana.

A CONCLUSÃO

Observemos as recomendações de Paulo (Fp 4.6), que nos servem de referência:

1. O cultivo da oração e súplicas.
.....
2. A prática de ações de graças.
.....
3. A necessidade de superação do negativismo.
.....
4. A necessidade de viver um dia de cada vez, sem querer resolver vários problemas ao mesmo tempo, assim como Deus nos ensina sobre o maná: ele deve ser colhido a cada dia.
.....
5. A necessidade de viver confiando em Deus, assim como os passarinhos e os lírios do campo.
.....

As recomendações baseadas em Filipenses 6.4 equivalem a atitudes e compromissos que nos desafiam. O sermão torna-se relevante para os seus ouvintes quando traz desafios para a prática da vida cristã, nesse

caso, numa “sociedade enferma”.

A oração é recomendada como um dos “meios de graça”, para a proteção da vida e comunhão com Deus. As ações de graças nos remetem à necessidade de ser agradecidos por tudo que Deus nos proporciona e por toda a obra da criação a nossa disposição. Pois Deus não apenas nos criou e todas as coisas, como a tudo sustenta e renova pela Sua graça!

O CONTEXTO

O sermão “Vencendo a depressão” tem como objetivo alertar os ouvintes sobre a gravidade dessa doença. Tem como pressuposto a condição e situação de pessoas sujeitas às pressões e tensões da vida cotidiana. Pessoas que pelo menos uma vez por semana vão a um santuário, buscam novas energias para enfrentar crises existenciais. O contexto está marcado pela certeza de que vivemos numa sociedade enferma, como dizia o humanista Erich Fromm. Segundo Fromm, sofremos porque nos tornamos “uma peça” na “megamáquina social”. Ele insinua que devemos buscar

alternativas, como o cultivo da espiritualidade, que nos tragam dignidade com vida saudável. Considerando que o problema da depressão tem marcado a história de seres humanos desde a Antiguidade, hoje, como em outros tempos, pregadores sensíveis às demandas existenciais de seus ouvintes devem estimulá-los a refletir sobre questões que os atormentam. Desta forma, o Rev. Abival Pires da Silveira corresponde com sua prédica às necessidades naturais desse contexto social.

O sermão “Vencendo a depressão” tem como objetivo alertar os ouvintes sobre a gravidade dessa doença. Tem como pressuposto a condição e situação de pessoas sujeitas às pressões e tensões da vida cotidiana.

PERTINÊNCIA DO TEMA

A exploração do tema depressão e, em especial, como pregação para atender necessidades de quem ouve é acima de tudo válida. Tal enfermidade compromete a qualidade de vida e afeta pessoas de todas as faixas etárias, não sendo apenas um problema emocional que atinge a vida adulta, mas também relacionado a traumas e bloqueios de infância, desde o nascimento.

Este é um sermão contextualizado, pois não ignora que os fiéis vão ao serviço religioso para alimentar a “alma” e a vida como um todo. Como indivíduo, isto é, como um ser indivisível, a pessoa sofre quando determinadas condições e situações se impõem sobre ela. Eis porque hoje se fala em “culto como cura” (ver Diretório para o culto, da Igreja Presbiteriana Independente do Brasil) ou como possibilidade de cura, dependendo de cada situação. Nessa visão o culto torna-se momento terapêutico. Nesse tipo de abordagem, o pregador e sua pregação trazem para a história de cada um possibilidades de vida completa, principalmente quando eviden-

ciam a importância da espiritualidade baseada nas Escrituras Sagradas.

ASPECTOS DO SERMÃO QUE PERMANECEM ATUAIS

1. A certeza de que a depressão é uma doença, um problema real a ser considerado numa sociedade que está enferma.

2. A necessidade de desconstrução do mito de que a depressão atinge apenas os moralmente e espiritualmente fracos. É importante desconstruir o mito de que os “supercrentes” estariam imunes à depressão. Como somos seres humanos, todos estamos sujeitos a esse mal. Daí o valor das experiências de personagens bíblicos que também sofreram em momentos de depressão.

3. A necessidade de cultivo da espiritualidade de maneira saudável, sob a crença de que temos um Deus para crer e confiar. Daí a certeza de que, por meio de uma espiritualidade saudável, também podemos ser curados.



SOBRE O AUTOR

Leontino Farias dos Santos é natural de Aracaju, SE. Vice-diretor e professor da Faculdade Teológica de São Paulo (FÁTIPI), é Mestre em Ciências da Religião, com concentração na área de Ciências Sociais; bacharel em Teologia, licenciado em Filosofia e Pedagogia; tem formação em Psicanálise, é pós-graduado em Gestão Escolar e Psicanálise Clínica Humanista; foi diretor de Escolas públicas em São Paulo; é autor de livros na área de Educação, Pastoral e Psicanálise; pastor da Igreja Presbiteriana Independente do Brasil.

COMO CONHECEU O REV. ABIVAL

O primeiro contato com o Rev. Abival foi durante o curso de teologia no Seminário da Igreja em São Paulo, em 1967. Ali conhecemos o professor; o mestre; o educador. Como pedagogo, conduzia-nos às fontes do conhecimento e mergulhávamos num mundo novo. Proporcionou-nos uma visão histórica e crítica da Igreja e da sociedade e ajudou-nos a lutar pela vocação pastoral num

mundo cosmopolita, influenciado pelos avanços tecnológicos, de rápidas e profundas transformações. No ministério, convivemos com o pastor e profeta, pois também nos apascentava e ajudava a aceitar e enfrentar grandes desafios. Aprendemos a tê-lo como amigo. Como marca de sua amizade, estava à disposição para nos ouvir e escutar com atenção e nos orientar, quando necessário.

JUSTIÇA, PÃO E BELEZA*

Assim me disse o Senhor: Vai, compra um cinto de linho e põe-no sobre os lombos, mas não o metas na água. Comprei o cinto, segundo a palavra do Senhor, e o pus sobre os lombos. Então, pela segunda vez me veio a palavra do Senhor, dizendo: Toma o cinto que compraste e que tens sobre os lombos; dispõe-te; vai ao Eufrates e esconde-o ali na fenda de uma rocha. Fui e escondi-o junto ao Eufrates, como o Senhor me havia ordenado. Passados muitos dias, disse-me o Senhor: Dispõe-te, vai ao Eufrates e toma o cinto que te ordenei escondesses ali. Fui ao Eufrates, cavei e tomei o cinto do lugar onde o escondera; eis que o cinto se tinha apodrecido e para nada prestava. Então, me veio a palavra do Senhor, dizendo: Assim diz o Senhor: Deste modo farei também apodrecer a soberba de Judá e a muita soberba de Jerusalém. Este povo maligno, que recusa ouvir as minhas palavras, que caminha segundo a dureza do seu coração e anda após outros deuses para os servir e adorar, será tal como este cinto, que para nada presta. Porque, como o cinto se apega aos lombos do homem, assim eu fiz apegar-se a mim toda a casa de Israel e toda a casa de Judá, diz o Senhor, para me serem por povo, e nome, e louvor, e glória; mas não deram ouvidos. (Jeremias 13.1-11)

*Mensagem proferida pelo Rev. Abival Pires da Silveira, vice-presidente da Aliança Mundial de Igrejas Presbiterianas e Reformadas — AMIR, no culto solene de abertura dos trabalhos da 23ª Assembleia Geral da Aliança, na manhã do dia 8 de agosto de 1997, do púlpito da Great Church, na Cidade de Debrecen, Hungria.



Hoje é um dia de memórias para mim. De gratas memórias! São momentos especiais que me ligam à Aliança Mundial de Igrejas Presbiterianas e Reformadas e dos quais jamais me esquecerei.

O primeiro momento diz respeito à 18ª Assembleia Geral da Aliança, acontecida em julho-agosto de 1959 na Cidade de São Paulo, por ocasião das comemorações do centenário do presbiterianismo brasileiro. Os cultos de abertura e encerramento foram celebrados no templo da Primeira Igreja Presbiteriana Independente de São Paulo, onde hoje sou pastor. Eu cursava, na ocasião, o segundo ano do Seminário Teológico e foi um privilégio participar daquele histórico evento. Duas coisas me impressionaram naquela oportunidade: a primeira foi o grande processional de delegados entrando pelo corredor central do templo. Mais de trezentos delegados dos cinco continentes, muitos dos quais em seus trajes típicos. A segunda grande impressão foi o sermão de abertura pregado pelo Dr. John Mackay, então presidente da Aliança, sobre o tema: Lembremo-nos de Deus.

O segundo momento foi em Ottawa, Canadá, de 17 a 27 de agosto de 1982, na 21ª Assembleia Geral da Aliança. Compareci pela primeira vez como delegado oficial da minha igreja no Brasil e jamais esquecerei o culto de abertura na Dominion Chalmers Church, quando tive o privilégio de conhecer e ouvir pela primeira vez o Dr. Jürgen Moltmann pregando sobre o tema: Teu é o Reino, o Poder e a Glória.

O terceiro momento é este: o privilégio de pregar o sermão de abertura desta 23ª Assembleia Geral da Aliança, nesta cidade histórica e deste púlpito histórico. Que privilégio! Ao Senhor da glória seja dada toda a glória!

Permitam-me começar minha mensagem recordando uma página do Antigo Testamento. Ela está registrada no Capítulo 13 do Profeta Jeremias e compreende os 11 primeiros versículos. Jeremias é a figura central da narrativa. Alguns se referem a ele como sendo o profeta chorão por causa do livro das Lamentações. Mas penso que nós o compreenderíamos melhor se prestássemos atenção no seu nome. Seu nome nos fala de seu chamado e de sua missão: Jeremias, Justiça que salva.

Como profeta comissionado por Deus,

Por trás desta narrativa estranha e singular, havia toda uma pedagogia de Deus. O cinto de linho foi feito para ser usado, e não para ser enterrado, deveria adornar e embelezar o corpo. O episódio é uma dramatização da mensagem que o profeta teria de entregar: o povo que Deus adornara com o cinto de linho – símbolo da eleição – havia enterrado o cinto e, com ele, os valores fundamentais que conferem beleza e dignidade a um povo; entre esses valores, em especial, o da justiça.

Jeremias recebeu um dia instruções do próprio Deus, a princípio muito estranhas. Deus manda que ele compre um cinto de linho branco finíssimo. Jeremias reagiu às instruções de Deus. Em seguida, veio a ordem para que ele usasse o cinto de linho. Depois de usá-lo por algum tempo, nova e estranha ordem: “Toma o cinto de linho que compraste e estás usando, tira-o, vai às margens do Eufrates e enterra-o lá”. Assim fez Jeremias. Depois de muitos dias, Jeremias recebeu novas instruções: “Volta ao Eufrates e desenterra o cinto de linho”. Jeremias fez como lhe foi dito, mas, como era de se esperar, o cinto havia apodrecido e não prestava para mais nada.

Por trás desta narrativa estranha e singular, havia toda uma pedagogia de Deus. O cinto de linho foi feito para ser usado, e não para ser enterrado, deveria adornar e embelezar o corpo. O episódio é uma dramatização da mensagem que o profeta teria de entregar: o povo que Deus adornara com o cinto de linho — símbolo da eleição — havia enterrado o cinto e, com ele, os valores fundamentais que conferem beleza e dignidade a um povo, entre esses valores, em especial, o da justiça. Este é o coração da mensagem de Jeremias: Deus é a justiça que salva!

Não é esta, porventura, uma parábola viva de nossos tempos? Nós também temos enterrado o cinto de linho da justiça. E nós o enterramos não à margem, mas na correnteza dos rios, nas profundidades dos mares, nos abismos da terra, nas alturas do espaço sideral, nas cidades e nos campos, nos desertos e nas florestas, nos vales e nas montanhas. Não é de admirar, portanto, que o nosso mundo esteja se transformando cada vez mais num lugar sem dignidade, sem graça e sem beleza.

Quando os primeiros astronautas viram

a Terra lá de cima, exclamaram maravilhados: “Ela é azul, e como é linda!”. Mas nosso planeta é cada vez menos azul e menos lindo. Quando olhamos o nosso mundo com os olhos do realismo e da verdade, somos obrigados a confessar que ele está cada vez mais sujo e feio. Quando olhamos ao nosso derredor, o que vemos?

Vemos fome. E a fome é feia e suja.

Vemos miséria. E a miséria é feia e suja.

Vemos pobreza. E a pobreza é feia e suja.

Vemos doença. E a doença é feia e suja.

Vemos epidemia. E a epidemia é feia e suja.

Vemos a guerra. E a guerra é feia e suja.

Vemos droga. E a droga é feia e suja.

Vemos violência. E a violência é feia e suja.

Mas o mundo moderno não é apenas feio e sujo. Ele também é cada vez mais cruel e opressivo. Para onde quer que olhemos vemos os povos aprisionados em grilhões e cadeias que tornam a vida cruel e opressiva.

Aí estão as escravidões de toda sorte. Toda escravidão é cruel e opressiva.

Aí estão os preconceitos.

Todo preconceito é cruel e opressivo.

Aí estão as intolerâncias.

E toda intolerância é cruel e opressiva.

Aí estão as inquisições.

E toda inquisição é cruel e opressiva.

Aí estão as ditaduras.

E toda ditadura é cruel e opressiva.

Aí estão as divisões.

E toda divisão é cruel e opressiva.

Aí estão as explorações de toda ordem, especialmente as explorações econômicas.

E toda e qualquer espécie de exploração é cruel e opressiva.

**Mas a árvore da vida
foi esquecida assim
que a conferência
terminou e, com ela,
o futuro das novas
gerações. Esse é um bom
símbolo do nosso tempo
e para o nosso tempo.**

É claro que um mundo que vai se tornando cada vez mais feio e sujo, cruel e opressor só pode ser um mundo cada vez mais infeliz. A vida moderna, apesar de todo o nosso esforço em sentido contrário, é dominada pela infelicidade. Nós sorrimos cada vez menos e choramos cada vez mais. E o que é pior: choramos as lágrimas daqueles que perderam toda a esperança. É o choro do coração impotente diante de tanta dor, tanto sofrimento, tanta miséria, tanta injustiça.

Sem o cinto de linho da justiça, o nosso mundo será cada vez mais feio, cruel e infeliz. Nesse sentido, podemos dizer que a crise de nosso mundo é, na verdade, uma crise de beleza. É um mundo onde existe não apenas a fome de pão, que pode ser satisfeita, mas também a fome de beleza, que nunca será plenamente satisfeita. Na bonita máxima de José Carlos Mariátegui: “Nosso mundo precisa não apenas da conquista do pão, mas também da conquista da beleza”¹.

Que possamos sair desta Assembleia Mundial na firme convicção de que justiça tem a ver com pão, sim, mas tem muito mais a ver com a beleza, pois é nesta dimensão que a justiça se converte num compromisso sagrado que assumimos conosco mesmos de transformar um mundo marcado pela feiura e pela morte num mundo de beleza e vida. Como é isso possível? Por meio de um duplo compromisso: a afirmação da vida, de um lado, e a luta contra todos os poderes da morte, de outro.

Em 1992, no Rio de Janeiro, aconteceu a Cúpula da Terra, o evento conhecido como Eco-92. Mais de 120 chefes de Estado ali se encontraram e usaram a oportunidade para um grande desfile de autopromoção. E foi tudo. E pensar que esse deveria ter sido o evento do século! Cinco anos se passaram. Veio o Encontro Rio+5 para uma avaliação.

E qual foi a conclusão? As coisas pioraram ao invés de melhorar.

É digno de nota que durante a Eco-92 uma árvore simbólica foi plantada no centro da praça onde o evento acontecia, e durante o encontro bilhetes enviados pelas crianças de todas as partes do mundo eram nela pendurados. Mas árvore da vida foi esquecida assim que a conferência terminou e, com ela, o futuro das novas gerações. Esse é um bom símbolo do nosso tempo e para o nosso tempo. Na Bíblia, a árvore da vida está no centro da criação de Deus. Ela está lá, bem no meio do Jardim do Éden e bem no centro da praça da Nova Jerusalém.

**Sempre a árvore da vida!
E sempre no centro!**

E assim deveria ser ao longo da jornada, do jardim à cidade. A árvore da vida foi plantada no coração da história, mas a grande tragédia — o pecado mesmo da humanidade — é a facilidade com que a árvore da vida é esquecida e a indiferença em face dos poderes que conspiram contra a vida. Vida, e não morte é a última palavra da História.

É por essa razão que Paulo, falando de Cristo, diz que Ele é o grande SIM de Deus à vida. Do mesmo modo, nós somos chamados em CRISTO a dizer SIM à vida. E, ao fazê-lo, estamos tomando uma profun-

Precisamos ter a coragem de confessar que nós fracassamos. Precisamos ter a dignidade de assumir o nosso *mea-culpa* e abandonar a grande ilusão de que nós podemos mudar este estado de coisas por nós mesmos, por nossa própria capacidade ou por nossos valores intrínsecos. Tenhamos a coragem e a virtude de ser sinceros e confessar que o que realmente precisamos é de uma profunda revolução espiritual e que sem ela não há esperança nem para nós, nem para o nosso mundo.

da e radical decisão pelo Deus da Vida. Os teólogos da espiritualidade chamam isso de lealdade e fidelidade à vida, cuja primeira e mais radical expressão é a justiça.

Nosso tema, ou seja, o tema desta Assembleia, *Rompendo as Cadeias da Injustiça*, é um chamado à justiça. Mas o que significa esse chamamento à justiça em nosso mundo?

1. EM PRIMEIRO LUGAR, É UM CHAMADO AO ARREPENDIMENTO.

Num ponto estamos todos de acordo: estamos vivendo tempos de uma crise radical. É uma crise da civilização, a crise do significado global da existência, do significado fundamental de nossa cultura. Em termos abstratos, significa a crise de um determinado paradigma. Em termos concretos, é a crise do maior sonho e da grande utopia que deu significado e rumo ao mundo nos últimos séculos. E que sonho era esse? Era o sonho do desenvolvimento ilimitado, da vontade de poder expressa em formas de dominação sobre os outros, sobre os povos, sobre as nações, sobre a natureza. Mas esse sonho terminou num grande pesadelo: nós dilapidamos a natureza, produzimos pobreza e miséria e degradamos o ser humano.

Sempre nos deixamos iludir pelo sonho das grandes revoluções redentoras: a revolução científica, a revolução tecnológica, a revolução capitalista, a revolução socialista e a revolução cibernética. Todas essas revoluções exigiram alto preço em termos de iniquidade humana. Milhões de seres humanos, recursos e valores fundamentais foram sacrificados ou perdidos ao longo do caminho.

Precisamos ter a coragem de confessar que nós fracassamos. Precisamos ter a dignidade de assumir o nosso *mea-culpa* e abandonar a grande ilusão de que nós podemos mudar este

estado de coisas por nós mesmos, por nossa própria capacidade ou por nossos valores intrínsecos. Tenhamos a coragem e a virtude de ser sinceros e confessar que o que realmente precisamos é de uma profunda revolução espiritual e que sem ela não há esperança nem para nós, nem para o nosso mundo.

Precisamos ter a coragem de ouvir novamente o chamado do Galileu revolucionário: “Arrependei-vos e crede no evangelho”. Precisamos da coragem e da humildade do arrependimento que começa por uma profunda mudança de atitudes; e mudança de atitudes começa no coração. Por essa razão, o Novo Pacto que vem através da justiça passa antes de tudo pelo coração, pois é no coração que estão as raízes de todas as agressões e conflitos, ou seja, do pecado que quebra a harmonia original entre todos os seres. Começemos pela revolução do espírito. Começemos com o coração.

2. EM SEGUNDO LUGAR, É UM CHAMADO À MISERICÓRDIA.

Não há esperança para nós e para o nosso mundo a menos que sejamos capazes, todos, do mais extraordinário evangélico de todos os gestos: o gesto de misericórdia. Somos chamados ao exercício efetivo da misericórdia. Mas é preciso entender corretamente o que vem a ser misericórdia. Na expressão do teólogo Jon Sobrino: “Nós não falamos aqui simplesmente de “misericórdia”, mas do princípio de misericórdia, do mesmo modo que Ernst Bloch não fala meramente da esperança, mas do princípio da esperança”². Isso significa que misericórdia não é apenas um bonito gesto de compaixão nem deve ser confundida com boas obras, por mais louváveis que possam ser.

O princípio de misericórdia é um ato de

amor tão sacrificial e tão radical, que desce às profundezas da vida, com todas as suas dores e misérias, para resgatá-la. É desse gesto que Jesus está falando quando conta a parábola do Bom Samaritano e nos diz que ele agiu com o seu coração cheio de misericórdia.

Nosso mundo aplaude, ou quando muito tolera, as obras de misericórdia, mas não admite a atitude profética motivada pelo princípio de misericórdia. A razão disso é simples: quando a misericórdia penetra a História na forma de justiça, ela tem de se confrontar com aqueles que não se deixam guiar pelo princípio de misericórdia. Dito de outra forma, a História está cheia de levitas e sacerdotes que ignoram a misericórdia, e o que é pior, a História tem sido regida por aqueles que representam o princípio da antimisericórdia.

Portanto, a missão da Igreja não pode se restringir às chamadas obras de misericórdia, mas tem de ser alimentada pelo princípio de misericórdia. Infelizmente, como o mundo, a Igreja muitas vezes estimula as boas obras, mas esquece o princípio de misericórdia. No primeiro caso, a Igreja se contenta com gestos de boa vontade, mas, no segundo, a Igreja luta e dá a sua vida por amor à justiça.

3. EM TERCEIRO LUGAR, É UM CHAMADO À SOLIDARIEDADE.

Para muitos pode parecer cínico falar em solidariedade no mundo de hoje. Há, de fato, uma espécie de desencanto com a solidariedade. Hugo Assman, teólogo latino-americano, fala de um bloqueio da solidariedade no mundo de hoje³. Ele não está se referindo, quando assim se expressa, a uma espécie de insensibilidade generalizada, mas ao espírito de Caim — uma espécie de cai-

nização — que domina toda a espécie humana.

Para ser mais específico, dois terços da humanidade hoje vivem abaixo da linha de pobreza, em estado de miséria, e, aos olhos do mundo capitalista, não passou de um grande saldo humano indesejável. Basta olhar para a maneira como é tratada esta grande massa dos excluídos. Daí a expressão de Leonardo Boff: “Em vez de globalizar a economia e as formas de produção, nós precisamos globalizar a solidariedade”⁴.

Isso pode parecer utópico, e é. Mas a utopia é também parte da realidade. Ela simplesmente significa que nós ainda não chegamos ao fim da História e que devemos continuar a trabalhar e a lutar por uma maior e mais feliz convivialidade. Nosso mundo precisa de solidariedade. Nós precisamos uns dos outros e não podemos viver uns sem os outros. Podemos nos ajudar mutuamente em todos os níveis da vida humana e em qualquer lugar. Só para dar um exemplo: as relações entre o Norte e o Sul, tão vitais no mundo de hoje, têm sido uma história triste. Mas não precisa ser assim. Pode mudar. O Norte pode e deve ajudar o Sul a alcançar um mínimo de dignidade e justiça; e o Sul pode se converter na grande reserva espiritual para o Norte. Precisamos recuperar a ideia e o ideal de que somos uma só e mesma família.

Concluo com uma lenda muito bonita, de dimensões espirituais, e que ilustra muito bem essas reflexões. Conta-se que um santo monge, já velhinho, foi visitado por Cristo em sonho. O Senhor convidou o monge para dar uma volta com ele pelos jardins do mosteiro. O monge aceitou o convite com entusiasmo e curiosidade. Depois de terem caminhado um pouco pelo jardim, o monge perguntou:

“Senhor, quando passaste pela Palestina, tu disseste que um dia retornarias com todo esplendor e glória. Já passou um bom tempo, Senhor. Quando virás?”. Depois de um momento de silêncio, que ao monge pareceu uma eternidade, o Senhor replicou: “Meu filho, quando a minha justiça no universo e na natureza for tão óbvia como se estivesse à flor da pele; quando ela se tornar no sentido mais alto de todas as coisas; quando ela se tornar na mais forte indignação contra as perversidades do poder; quando ela se tornar na sede mais insaciável por vida e liberdade; quando a fome por Deus e a fome de pão forem tão fortes a ponto de se confundirem; quando a justiça se tornar tão real como a minha presença aqui e agora; e quando essa consciência se tornar parte de teu corpo e de tua alma a tal ponto que dela não necessites mais; quando esta verdade permear as paredes do teu coração de tal modo que não precises mais indagar com curiosidade a questão da justiça, como acabaste de fazer, então, meu filho, e somente então, terei retornado com todo meu poder e glória!”. Então haverá Justiça, Pão e Beleza! Amém.

BIBLIOGRAFIA:

1. Mariátegui, J.C.
.....
2. Sobrino, Jon,
O Princípio
Misericórdia, pág. 32
.....
3. Assman, Hugo,
Desafios e Falácias, pág. 15
.....
4. Boff, Leonardo –
Ecologia, Mundialização,
Espiritualidade – pág. 106

COMENTÁRIOS

“JUSTIÇA, PÃO E BELEZA”

Reverendo Dr. Odair Pedroso Mateus

Na segunda metade dos anos 1990, a Aliança Mundial de Igrejas Reformadas (AMIR), da qual o Rev. Abival Pires da Silveira era então vice-presidente, passa a se preocupar cada vez mais com o desafio para a vida e o testemunho das igrejas reformadas, representado pelo crescimento das desigualdades entre ricos e pobres, inerente à globalização da economia de mercado orientada pela agenda chamada neoliberal.

Para líderes de igrejas reformadas de vários países do Hemisfério Sul e mesmo da Europa, depois da luta evangélica contra o antissemitismo nazista nos anos 1930 e contra o racismo e o

apartheid nas décadas de 1960 a 1980, era chegada a hora de as igrejas se perguntarem se o caráter intrinsecamente excludente, e portanto cruel, do sistema econômico globalizado não configurava uma nova situação de conflito com a mensagem evangélica; se não se tratava, portanto, do que a teologia protestante tradicional chama de *casus confessionis* ou, no século 20, *status confessionis*: uma situação que deixa de ser “adiáfora”, indiferente, para a comunidade cristã e que exige um ato resolutivo de testemunho confessional do corpo eclesial.

É nesse contexto que se abre a vigésima-terceira assem-

bleia geral da Aliança Mundial em agosto de 1997, na tradicional cidade reformada de Debrecen, na Hungria, com um tema inspirado em Isaías 58 e em sintonia direta com esse contexto: “Break the Chains of Injustice” — destruam as cadeias da injustiça. E é no culto de abertura dessa assembleia que o sermão “Justiça, Pão e Beleza” é pregado.

Qual é a retórica da arquitetura desse sermão? Que diz a maneira como ele foi construído?

Depois de expressar sua gratidão por suceder o missionário e ecumenista escocês John Mackay e o teólogo alemão Jürgen Moltmann (ambos

[...] era chegada a hora de as igrejas se perguntarem se o caráter intrinsecamente excludente, e portanto cruel, do sistema econômico globalizado não configurava uma nova situação de conflito com a mensagem evangélica.

Para Abival esse chamado tem tripla significação em 1997. Trata-se em primeiro lugar de um chamado ao arrependimento. Vivemos a crise “da grande utopia que deu significado e rumo ao mundo nos últimos séculos”: o sonho do crescimento ilimitado, que produziu pobreza e crise ambiental. É a ilusão das “grandes revoluções redentoras”. Precisamos de uma “profunda revolução espiritual”, de nos arrepender e crer no evangelho.

havam pregado na abertura das assembleias de 1959, em São Paulo, e 1982, em Ottawa), Abival faz referência a Jeremias 13, em que Deus ordena ao profeta que compre um “cinto” — ou roupa íntima — de linho branco, que use o cinto, depois que o enterre às margens do rio Eufrates e enfim o desenterre, agora apodrecido porque fora enterrado.

O “cinto”, que vai de novo a apodrecido, é uma parábola da infidelidade do povo à aliança de Israel com Deus: o povo havia enterrado o “cinto” e com ele, nota Abival, “os valores fundamentais que conferem beleza e dignidade a um povo, em especial, a justiça”. A palavra que liga o texto bíblico ao tema da assembleia — quebrar a corrente que é a injustiça — acaba de ser pronunciada.

Abival pergunta: “Não é essa, porventura, uma parábola viva para os nossos tempos?”. Nós enterramos em todos os lugares o “cinto” da justiça. “Não é de admirar, portanto, que o nosso mundo esteja se transformando cada vez mais num lugar sem dignidade,

sem graça e sem beleza”; nosso mundo “está cada vez mais sujo e feio”, cruel e opressivo, “cada vez mais infeliz”, por causa da fome, da miséria, da pobreza, da doença, da guerra, da droga, da violência, dos preconceitos, das intolerâncias, das ditaduras, das divisões e, por fim, de “explorações de toda ordem, especialmente as explorações econômicas”.

Mas o que significa, segundo a parábola de Jeremias e o tema da assembleia, sermos chamados a agir ao contrário do que fez o povo de Israel, isto é, sermos chamados a quebrar as cadeias da injustiça, a pôr fim ao que causa servidão humana?

Para Abival esse chamado tem tripla significação em 1997. Trata-se em primeiro lugar de um chamado ao arrependimento. Vivemos a crise “da grande utopia que deu significado e rumo ao mundo nos últimos séculos”: o sonho do crescimento ilimitado, que produziu pobreza e crise ambiental. É a ilusão das “grandes revoluções redentoras”. Precisamos de uma “profunda revolução espiritual”, de nos arrepender e crer

no evangelho. O novo pacto que vem através da justiça “passa antes de tudo pelo coração”.

Trata-se em segundo lugar de um chamado ao gesto de misericórdia, que não é apenas “obras de misericórdia”. Referindo-se ao teólogo da libertação salvadoreño Jon Sobrino, que faz alusão ao filósofo judeu marxista alemão Ernst Bloch, Abival insiste no “princípio de misericórdia”: um ato de amor radical que “desce às profundezas da vida” e que se confronta profeticamente com aqueles “que não se deixam guiar pelo princípio de misericórdia”.

Trata-se, enfim, de um chamado à solidariedade em um tempo que parece a muitos — e aqui Abival cita o teólogo católico da libertação Hugo Assmann — de “bloqueio da solidariedade”. Mas Abival compartilha o otimismo de outro teólogo brasileiro da libertação, o católico Leonardo Boff, que apela à globalização não da economia de mercado, mas da solidariedade, da utopia da solidariedade que pode transformar a “história triste” das relações Norte-Sul, tema central do movimento

que vê a integridade da mensagem evangélica em perigo na aceitação da agenda excludente neoliberal.

A história de um “santo monge, já velho” visitado por Cristo conclui e resume o sermão cujo título, “Justiça, Pão e Beleza” foi influenciado, como o próprio Abival admite, pelo filósofo marxista peruano José Carlos Mariátegui.

As quatro grandes seções em que se divide o sermão — a ausência de justiça em um mundo por isso mesmo feio e sujo, cruel e opressor; o chamado ao arrependimento; o chamado à solidariedade — mostram que a retórica da argumentação não está centrada na justiça estrutural ou sistêmica confinada metaforicamente a dar “pão”. Se fosse assim, as seções seguintes não seriam sobre arrependimento, misericórdia e solidariedade. Essas três exigências ligadas ao triunfo da justiça sugerem uma compreensão da justiça que precede e transcende o puramente sistêmico.

Daí o papel da noção de “beleza” no sermão.

Trata-se, enfim, de um chamado à solidariedade em um tempo que parece a muitos – e aqui Abival cita o teólogo católico da libertação Hugo Assmann – de “bloqueio da solidariedade”. Mas Abival compartilha o otimismo de outro teólogo brasileiro da libertação, o católico Leonardo Boff, que apela à globalização não da economia de mercado, mas da solidariedade, da utopia da solidariedade que pode transformar a “história triste” das relações Norte-Sul, tema central do movimento que vê a integridade da mensagem evangélica em perigo na aceitação da agenda excludente neoliberal.

No começo do sermão, a beleza aparece como consequência da falta de justiça; ao longo do sermão, ela passa a dar nome à crise que se expressa na exploração econômica “cruel e opressiva”: a falta de beleza é a mesma coisa que a falta de sentido, e sentido não é apenas um problema sistêmico. É algo mais profundo, existencial, espiritual: é o “não só de pão...” A questão do sentido é a questão da paz interior humana. Daí o chamado a atitudes morais como arrependimento, misericórdia e solidariedade como condições de possibilidade da justiça econômica com que se preocupam muitos participantes no culto

em que este sermão está sendo pregado.

O que está finalmente em questão é uma certa antropologia, uma certa compreensão do que é ser humano. Abival discorda de que dar “pão”, isto é, pensar a justiça nos limites da crueldade do sistema econômico, seja suficiente, ainda que legítimo. Na justiça de que fala o profeta, a solidariedade com os pobres é inseparável do culto a Javé: é pão, mas é também beleza, transcendência. A crítica da injustiça econômica tem de ser consubstancial à vida segundo a beleza; tem de ser governada pelo sentido, pela relação com Deus.

Pregando num even-

to mundial, Abival se apresenta como líder eclesialístico latino-americano consciente das desigualdades que caracterizam seu continente e das causas sistêmicas dessas desigualdades. Não é por acaso que os pensadores citados no sermão, de Mariátegui a Leonardo Boff, passando por Assmann e Sobrino, sejam pensadores latino-americanos críticos das injustiças estruturais. Mas Abival, teólogo de um protestantismo evangélico e influenciado pelo personalismo e pelo existencialismo, não quer que a justiça como “pão” se emancipe da beleza da santidade pessoal chamada a transfigurar a injustiça coletiva.



SOBRE O AUTOR

Diretor da Comissão de Fé e Ordem do Conselho Mundial de Igrejas. Professor no Instituto Ecumênico de Bossey do Conselho Mundial de Igrejas, Genebra, Suíça. Pastor da IPI do Brasil. Foi professor da Faculdade de Teologia da IPI do Brasil em São Paulo - FATIPI; Secretário da Associação de Seminários Teológicos Evangélicos - ASTE, e Secretário do Departamento de Teologia da Aliança Mundial de Igrejas Reformadas. Autor de *Crepúsculo: Pequenos Escritos Ecumênicos* e *Dois Ensaios Sobre a Gênese Universitária de Juan Luis Segundo*.

[...] Abival, teólogo de um protestantismo evangélico e influenciado pelo personalismo e pelo existencialismo, não quer que a justiça como “pão” se emancipe da beleza da santidade pessoal chamada a transfigurar a injustiça coletiva.

UM SERMÃO PROFÉTICO

Tendo Jesus saído do templo, ia-se retirando, quando se aproximaram dele os seus discípulos para lhe mostrar as construções do templo. Ele, porém, lhes disse: Não vedes tudo isto? Em verdade vos digo que não ficará aqui pedra sobre pedra que não seja derribada. (Mateus 24.1,2)

Era a Páscoa. A festa estava acontecendo em Jerusalém. Era período de celebração e de alegria. Jesus já entrara triunfalmente na cidade e visitara o templo, aquele edifício maravilhoso que levou oito anos para ser construído com o trabalho diário de dez mil operários. Era cheio de beleza e esplendor, a ponto de se dizer no passado que quem não conhecia o templo de Jerusalém construído por Herodes, o Grande, não sabia o que era um edifício belo. Jesus estava deixando o templo quando os discípulos chamaram sua atenção para aquela beleza. Então, voltando-se para os discípulos, disse-lhes: “Vocês, olhem bem para tudo isso. Para essa estrutura. Para essa beleza. Para esse esplendor. No entanto, não

restará nada desse edifício. Será reduzido a cinzas. Não ficará pedra sobre pedra”.

Quarenta anos depois da morte, ressurreição e ascensão de Jesus Cristo, Vespasiano enviou seu filho Tito, que, no dia dez de agosto do ano setenta e um da nossa era, conquistou a Palestina, entrou em Jerusalém e começou um verdadeiro holocausto dos seus habitantes. Ele não queria que o templo fosse destruído, mas chegou tarde, porque a sanha dos soldados já havia tocado fogo no templo. E, quando as fumaças se acabaram, nada mais restava. Não havia pedra sobre pedra. Cumpria-se o pronunciamento profético de Jesus Cristo.

Tomo esse texto para mostrar que nesta época, talvez mais do que em qualquer ou-

Torre do World Trade Center, em Nova Iorque, durante o ataque de 11 de setembro de 2001.



tra, nós também precisamos ser proféticos. E ser profético no nosso tempo não significa ter um sonho especial, receber uma revelação especial, ter de alguma forma uma visitação especial e particular de Deus para nos revelar algum mistério que Ele queira compartilhar conosco. Não! Ser profeta no nosso tempo não é isso. Ser profeta no nosso tempo é ser profético como o é a Palavra de Deus. E o que tem faltado no nosso tempo é viver o espírito profético da Palavra de Deus.

Mas o que é ser profético? Ser profético é olhar criticamente para a História à luz da Palavra de Deus. Ser profético é analisar os acontecimentos do nosso tempo com os olhos da revelação de Deus na sua Palavra. Ser profético no nosso tempo é aprender a ler o futuro à luz dos acontecimentos passados. E é isto que nós gostaríamos de fazer nesta ocasião – preservando o espírito profético das Escrituras, tentar olhar à luz dela alguns acontecimentos da nossa época e do nosso tempo.

Eu gostaria de chamar a atenção para quatro coisas, que estão acontecendo no nosso tempo e que precisam ser analisadas à luz da Palavra de Deus.

PRIMEIRO PONTO

A primeira coisa para a qual eu gostaria de chamar a atenção é para a riqueza da iniquidade. É interessante notar que o juízo e o julgamento de Deus estão ligados a momentos de grande prosperidade. Quando Deus interveio com seu juízo na História, o fez sempre a partir de um momento, de uma certa forma, inesperado, em que as pessoas poderiam dizer: “Mas, olhe a nossa prosperidade! Não faz sentido esse tipo de profecia. Somos prósperos. Estamos bem”.

**Mas o que é ser profético?
Ser profético é olhar criticamente para a História à luz da Palavra de Deus. Ser profético é analisar os acontecimentos do nosso tempo com os olhos da revelação de Deus na sua Palavra. Ser profético no nosso tempo é aprender a ler o futuro à luz dos acontecimentos passados. E é isto que nós gostaríamos de fazer nesta ocasião – preservando o espírito profético das Escrituras, tentar olhar à luz dela alguns acontecimentos da nossa época e do nosso tempo.**

[...] a riqueza que circula no mundo de hoje, a maioria absoluta desses recursos financeiros que estão no mercado, está ligada ao fumo, à bebida, ao jogo, à droga, à pornografia e às armas. Riqueza da iniquidade. Riqueza da iniquidade porque bebe na iniquidade. Riqueza da iniquidade porque gera mais iniquidade, gera fome, gera miséria, gera corrupção, gera exploração, gera morte, gera injustiça. Riqueza da iniquidade porque ostenta, porque agride.

Havia prosperidade nos tempos de Noé. A palavra de Deus mesmo diz: “Comiam, bebiam, casavam-se, davam festas, se entregavam de uma forma estranha até mesmo a orgias condenáveis”. Faziam tudo por causa do dinheiro que tinham, da riqueza, da prosperidade. Mas era riqueza da iniquidade. Compravam, vendiam, plantavam, edificavam. Sinais de riqueza. Mas riqueza da iniquidade.

Nos dias de Ló, havia prosperidade, havia riqueza. Mas era riqueza da iniquidade. Nos dias de Josias havia riqueza, havia prosperidade. Mas era riqueza da iniquidade. Porque está lastreada na iniquidade, é que nós chamamos de riqueza da iniquidade.

Uma estatística recente publicada por jornais e revistas mostrava como a riqueza que circula no mundo de hoje, a maioria absoluta desses recursos financeiros que estão no mercado, está ligada ao fumo, à bebida, ao jogo, à droga, à pornografia e às armas. Riqueza da iniquidade. Riqueza da iniquidade porque bebe na iniquidade. Riqueza da iniquidade porque gera mais iniquidade, gera fome, gera miséria, gera corrupção, gera exploração, gera morte, gera injustiça. Riqueza da iniquidade porque ostenta, porque agride.

Um jovem investidor da Bolsa de Nova York, logo depois dos acontecimentos fatídicos do último setembro [atentados terroristas em 11/9/2001], num pregão da Bolsa de Nova York de manhã, para dizer, para mostrar que a Bolsa estava forte e ele era um grande investidor, acendeu um charuto com uma nota de cem dólares. Riqueza da iniquidade porque se pensa poderosa e indestrutível.

Os jornais americanos publicaram nessa mesma época uma foto. Era a foto do Tita-

nic deixando o porto. Só que no navio estava escrito: “Economia do Estados Unidos”. E embaixo, os outros dizeres também famosos: “Nem mesmo Deus pode afundar este navio”. Reprise de uma história triste que todos nós conhecemos.

Ser profético hoje é simplesmente reconhecer, à luz da Palavra de Deus, que mais cedo ou mais tarde virá o juízo divino sobre uma civilização centrada na riqueza da iniquidade. Não precisamos fazer força nenhuma. A riqueza da iniquidade atrairá o julgamento de Deus sobre o nosso tempo, sobre a nossa civilização, sobre as nossas nações, sobre os nossos povos e sobre nós mesmos. E então desse edifício não ficará pedra sobre pedra.

SEGUNDO PONTO

O segundo fato para o qual eu quero chamar a atenção nesta mensagem, no espírito profético da palavra de Deus, é a matança de gente inocente. Nunca se matou tanta gente inocente como em nosso tempo. A guerra mata gente inocente e está matando gente inocente em todos os cantos do mundo. O terrorismo mata gente inocente e está matando gente inocente diariamente em todos os cantos do mundo. Israel e Palestina não se dão conta de que, na verdade, não estão fazendo uma guerra santa, estão matando gente inocente diariamente, seja com a bomba que explode junto àquele que quer explodi-la, seja com os tanques e com as armas mais sofisticadas do outro lado.

Estão matando gente inocente. O genocídio étnico é a liquidação em massa de gente inocente. Os governos ditatoriais matam, no mundo todo, gente inocente. A violência e o crime organizado matam gente inocente. É o sangue de gente inocente que está sendo

O genocídio étnico é a liquidação em massa de gente inocente. Os governos ditatoriais matam, no mundo todo, gente inocente. A violência e o crime organizado matam gente inocente. É o sangue de gente inocente que está sendo derramado. E o sangue dos inocentes – diz a Palavra de Deus – clama aos céus, e Deus não ficará indiferente ao clamor do sangue dos inocentes.

derramado. E o sangue dos inocentes — diz a Palavra de Deus — clama aos céus, e Deus não ficará indiferente ao clamor do sangue dos inocentes.

No Salmo 94, versículos 21 a 23, o salmista diz claramente: Deus vai pedir conta de todo sangue inocente derramado. Não deixará barato. A história oferece abundante prova de que Deus julga e castiga aqueles que derramam sangue inocente, especialmente dos seus santos, dos seus mártires, das vítimas inocentes da iniquidade humana, em particular as crianças.

Herodes, o Grande, o mesmo que construiu aquele templo maravilhoso, deu a ordem para matar os pequeninos abaixo de dois anos, na Belém onde Jesus nascera. Deus o visitou com uma doença horrível, incurável, que o queimava por dentro e fez apodrecer toda a parte baixa do seu ventre. Herodes morreu miseravelmente, grunhindo de dor.

Caifás, sim, Caifás, o sumo sacerdote que nós conhecemos muito bem do texto bíblico, que tramou contra Cristo e o entregou — sabendo que Ele era inocente — logo depois foi destituído do seu cargo e suicidou-se em seguida.

E Pôncio Pilatos? O outro que lavou as mãos: “Não vejo nele crime algum”. Era inocente, mas não fez nada pelo inocente. Deixou que o inocente fosse crucificado. Pilatos caiu em desgraça logo em seguida diante do imperador. Foi banido. Ficou na miséria e acabou por enforcar-se.

Deus virá. E pedirá conta. E cobrará cada gota de sangue inocente derramado. Na expressão da própria Palavra de Deus, profeticamente dizendo: “Desde Abel, o justo, até Zacarias, o profeta sacrificado entre o santuário e o altar”. Quando Deus o fizer, então

não ficará pedra sobre pedra desse vergonhoso edifício da pecaminosidade humana.

TERCEIRO PONTO

Terceiro ponto para o qual eu quero chamar a atenção desse espírito profético da Palavra de Deus é a decadência moral do nosso tempo. Quando do escândalo da vida particular e pessoal do presidente Clinton, foi feita uma pesquisa nos Estados Unidos, e 75% a 80% da população declararam: “Não importa se o nosso presidente agiu imoralmente ou não. Hoje a moral não conta mais na América, a única coisa que importa é que nossa economia vai bem e que nós vamos prosperar”.

Elegemos a economia no bem útil, no valor maior. Não existe mais valor ético. Não existe mais o bem moral. O “boom” econômico está acima de qualquer valor. Os políticos que o digam — agem com uma falta de sensatez e querem nos enganar; na verdade, todos, sem exceção, procuram simplesmente tirar proveito — e proveito financeiro — dos cargos e das funções que exercem em nome do povo.

Isso é apenas a ponta do “iceberg”, de uma degradação moral do nosso tempo e da nossa época. Daí a declaração de George Soros, um grande capitalista e um dos grandes teóricos do capitalismo atual. No seu livro *A Crise do Capitalismo*, a certa altura ele escreve: “Se você quer buscar compaixão, solidariedade, amizade, amor, não vá ao mercado porque errou de endereço; no mercado é a guerra de todos contra todos”.

A crise do nosso tempo vem do fato que tudo foi transformado em mercadoria. O capitalismo mercantilizou tudo, desde o sexo até a religião. Não deixa lugar para o humano. Para o ético. Para a moral. Que coisa triste!

Nunca assistimos a tanta degradação do ser humano como em nosso tempo.

Recentemente, os jornais davam uma notícia: o arcebispo de Boston está prestes a colocar à venda a arquidiocese histórica daquela cidade. Por quê? Para pagar indenizações milionárias de sacerdotes que estão sendo processados pelo fato de terem induzido menores à prática do sexo. Mas isto é apenas a ponta do “iceberg” de uma situação de descabro moral e espiritual que está tomando conta do nosso tempo e da nossa época.

A Palavra de Deus diria para nós hoje: Querem saber o que vai acontecer? Olhem para Sodoma, olhem para Gomorra. E vocês vão entender o que vai acontecer com as modernas sodomas do nosso mundo. O juízo de Deus virá. E então não ficará pedra sobre pedra da nossa Sodoma de luxo.

QUARTO PONTO

E por fim gostaria de levantar o último ponto, nesse espírito profético da Palavra de Deus. É a forma como, em nosso tempo e em nossa época, se usa o nome de Deus em vão. O mandamento bíblico diz que o Senhor não terá por inocente aquele que usar o seu nome em vão. E eu quero falar da forma mais terrível como o nome de Deus está sendo usado em vão. Está sendo usado em vão exatamente pelas religiões que deveriam zelar para que isso não acontecesse. E não apenas pregar, mas praticar para que nunca se tome o nome de Deus em vão.

A nossa época está dando um exemplo terrível de como se tomar o nome de Deus em vão, e na expressão mais degradante: matando em nome de Deus. Não existe fórmula mais terrível de usar o nome Deus em vão do que matar e dizer: “Estou matando

A nossa época está dando um exemplo terrível de como se tomar o nome de Deus em vão, e na expressão mais degradante: matando em nome de Deus. Não existe fórmula mais terrível de usar o nome Deus em vão do que matar e dizer: “Estou matando em nome de Deus”.

Cristãos estão matando a mando de Deus. Judeus estão matando a mando de Deus. Muçulmanos estão matando a mando de Deus. Eu só pergunto: Que Deus é esse? Não é o Deus das Escrituras! Não é o Deus do Evangelho! Não é do Deus do Antigo Testamento! Não é o Deus do Novo Testamento! Não é o Deus de Nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo, que veio para dizer: “Eu vim para que tenham vida e para que tenham em abundância”.

em nome de Deus”.

O jovem que atirou e matou Yitzhac Rabin, primeiro-ministro de Israel que celebrava com o seu povo um armistício no Oriente Médio [1995], orgulhosamente dizia: “Deus revelou para mim que eu deveria matar o nosso primeiro-ministro”. Matou a mando de Deus.

Cristãos estão matando a mando de Deus. Judeus estão matando a mando de Deus. Muçulmanos estão matando a mando de Deus. Eu só pergunto: Que Deus é esse? Não é o Deus das Escrituras! Não é o Deus do Evangelho! Não é do Deus do Antigo Testamento! Não é o Deus do Novo Testamento! Não é o Deus de Nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo, que veio para dizer: “Eu vim para que tenham vida e para que tenham em abundância”.

E por isso Jesus não vai tolerar nenhum triunfo da morte sobre a vida no nosso tempo. E em qualquer tempo. Na nossa história. E em qualquer história. No nosso século. Ou em qualquer século. No nosso milênio. Ou em qualquer milênio. Ele, que nos acompanha e está conosco sempre, está cobrando ação pela vida, condenação de toda morte. Estaremos nós preparados para tamanho desafio?

As nações se omitem. Os grandes se omitem. E continuam a permitir a riqueza da iniquidade. E continuam a permitir o derramamento de sangue inocente. E continuam a permitir a degradação moral. E continuam a usar o nome de Deus em vão.

Deus virá! E vai cobrar. Porque há muito tempo Ele já nos preveniu: “Não ficará pedra sobre pedra!”. A menos que haja arrependimento, conversão e nossa entrega total a Ele, Deus da Vida.

COMENTÁRIOS

O PROFETA DIVINO

Percival de Souza

Abival está no púlpito.

Tenho certeza de que Deus nos irá falar por sua boca.

Silêncio. Abival vai falar.

Silêncio. Deus vai nos falar por meio de seu servo.

A aparência dele, com os característicos cabelos brancos, é meiga. A voz, suave, pausada, modulada, transmite palavras de encanto.

Vamos ouvi-lo. A mensagem é poderosa, instigante, perturbadora. Sim, porque escutando a Palavra, podemos gostar muito dela. Mas, exatamente por escutá-la, precisamos admitir em seguida que não gostamos de nós mesmos.

É o caso deste Sermão Profético. Contextualizado, mexe numa caixa de marimbondos: fala da realidade sobre nosso Brasil e o mundo. Refletir com agudez incomoda. Envolve preferências

partidárias, militâncias ideológicas, simpatias, idiossincrasias, modos de ser e tudo o que significa viver em sociedade que prefere ignorar certos mandamentos. Ontem, hoje, mudam os cenários, as zonas de conflito, mas a personagem central — o ser humano — permanece no foco principal. Pragmáticos, cartesianos, niilistas, bizantinos, fariseus, cínicos, hipócritas, gregos, troianos, espartanos, filisteus... mudam a roupagem e paisagem, a essência permanece a mesma.

Abival caminha lentamente para o púlpito. De vez em quando, sorve um gole d'água. Sabe que o púlpito não tem direito de ser rouco.

Irmãos e irmãs aguardam ansiosos por sua voz. *Vox clamantis*, mas não no deserto. É a comunidade de fé: sabe que precisa escutar, desfrutar, aprender. Guardar as palavras proféticas no coração, consciente da responsabilidade de espargir a luz.

Abival é metódico, esprime as palavras,

luta com elas, constrói frases, impacta, envolvendo-as ao mesmo tempo num bálsamo consolador. Abival, profeta, não conhece fronteiras, suas palavras contemplam o País e o mundo, a vida contemporânea. Alerta sobre o que há de vir por aí. É o ponto em que Abival nos desafia: não temos outro planeta para onde fugir. Não dá para descer deste. Temos que consentá-lo. Ele vai sobreviver? A voz do profeta instiga a fé para pensar: do jeito que as coisas estão caminhando, a humanidade poderia sobreviver?

Afinal, quem é o profeta? Não é adivinho. A Bíblia nos ensina o significado: o Senhor lembra. Aqui está: o Senhor instrumentaliza o servo Abival para nos lembrar. Para nos advertir. Para nos admoestar. Lembrai-vos.

O profeta presbiteriano maneja as palavras com maestria. Deixa explícito que tragédias humanitárias não costumam chegar de repente, mas por meio de gestos apa-

rentemente insignificantes — primeiros passos, primeiras atitudes, primeiras reações, primeiros conformismos, que vão fazendo aos poucos a soma perigosa. Lembrai-vos.

Impressionante a sincronia. O tom. A ênfase. O eco do desalento acompanhado da esperança. Voz que clama. Mas a arte de Abival permite que as palavras escolhidas nos cheguem com charme, como se caminhassem de mãos dadas, eloquentemente sinceras (sem cera), fagulhas iluminadas. Abival-Sísifo carregando palavras que pesam, antecedendo as mais leves. Vendo-o no púlpito, parecia-me que seus movimentos eram de esforço para levá-las à montanha, a própria cabeça, dando fôlego à mensagem, à prédica edificante, à ternura envolvente.

Ouvi Abival dizer em certo sermão que o apóstolo Paulo não era um “teólogo de gabinete”. Achei isto intrigante, do mesmo modo como ele decifrou enigmas sobre o cego Bartimeu na estrada de Jericó, clamando pela misericórdia de Jesus e sendo apreendido pelos circunstâncias;

Moisés escolhendo um caminho estrategicamente incompreensível para a travessia do Mar Vermelho; Darwin chorando ao ler a carta em que a esposa lhe dizia que ele poderia estar enganado... foram tantos os sermões...

Vamos nos deter neste. Feche o gabinete, abra o coração.

É olhar aguçado, longo alcance, lente multifocal de profeta. Penetrante. Destemido. “Não ficará pedra sobre pedra”. Jerusalém passou por isso. “Nós também precisamos ser proféticos”. Lembrem-se: “ser profético no nosso tempo é aprender a ler o futuro à luz dos acontecimentos passados”. Porque “coisas que estão acontecendo no nosso tempo precisam ser analisadas à luz da Palavra de Deus”.

Há equívocos contemporâneos e pretéritos. Alguns, lembra o pregador, foram cometidos em tempos de prosperidade - Noé, Ló, Josias são de tempos históricos citados para exemplificar a existência do que Abival classifica de “riqueza da iniquidade”. Ele não se refere à parábola do juiz iníquo, narrada em Lucas, e sim ao fato de

que a iniquidade é sinistra proveta da fome, miséria, corrupção, morte, injustiça. E que a riqueza dominante provém de recursos ligados a bebidas, ao jogo, à droga, à pornografia, às armas. Incômodo denunciar tudo isto, mas é necessariamente profético. É o que Abival está a nos dizer. Faz uma menção metafórica ao Titanic, o gigantesco navio que em 1912 colidiu com um iceberg e afundou, embora tido como “insubmergível” e ostentasse no casco o letrreiro “Nem mesmo Deus pode afundar este navio”.

Tudo o que fazemos nos será cobrado. Não é uma maldição, mas uma previsão lógica e por isso mesmo profética. O sangue inocente derramado jorra pelo planeta. Pode usar o disfarce da religião, não só nas guerras, mas no crime organizado, e aqui Abival é enfático, citando o Salmo 94, versículos 21 a 23, para lembrar que Deus não ficará indiferente diante de tanto sangue. “Não deixará barato”. Abival exorta a não sermos apenas contemplativos, como se estivéssemos no camarote de uma arena gigantesca do mau

combate entre antropofagia e canibalismo.

A estupidez humana atinge grau máximo. Mas, sutil e contundente, Abival nos lembra de alguns fatos emblemáticos. Herodes, o exterminador de inocentes, foi castigado por uma doença horrível, ficou “grunhindo de dor” enquanto era consumido por vermes e tendo parte do corpo putrefata. Pois é, Herodes mandou matar todos os meninos com idade de até dois anos para incluir Jesus entre as vítimas. E Caifás? O sumo sacerdote sabia muito bem que Jesus era inocente, mas participou ativamente da trama mentirosa contra Jesus. Destituído do cargo, suicidou-se, mesmo fim de Pilatos, “que não fez nada pelo inocente, lavando candidamente as mãos mesmo não vendo em Jesus crime algum”. Abival prossegue na narrativa, lembrando desde “Abel, o justo”, até Zacarias, “o profeta sacrificado entre o santuário e o altar”. Sim, Zacarias, morto pelo ódio à causa da fé que professava. Suas palavras, embasadas nas Escrituras e em fatos históricos, são perturbadoras. Mas ele não cessa, profeta não pode parar ou calar-se. “A cri-

se do nosso tempo vem do fato de que tudo foi transformado em mercadoria”. A seguir, diz algo especialmente cruel: “o capitalismo mercantilizou tudo, desde o sexo até a religião”. Coisas horríveis, mas o profeta tem de dizê-las! “Nunca assistimos a tanta degradação humana como em nosso tempo”, que nos conduz a uma “situação de descabro moral e espiritual”.

Descabro? É duro de ouvir? Mas o profeta tem de nos lembrar. A alusão bíblica é contundente: “Querem saber o que vai acontecer? Olhem para Sodoma, olhem para Gomorra – e vocês vão entender o que vai acontecer com as modernas sodomias do nosso mundo”. Arremata, sem existir alguém que possa contestar: “e então não ficará pedra sobre pedra da nossa Sodoma de luxo”. Arrepiante, porque hoje se pretende transformar paixões, distorções e depravações em modelos de vida e, a bem da verdade, temos evitado tocar no assunto, por não considerá-lo “correto”. Confira na terceira parte do sermão profético: não foram usadas meias palavras. Na quarta e última parte do

A alusão bíblica é contundente: “Querem saber o que vai acontecer? Olhem para Sodoma, olhem para Gomorra – e vocês vão entender o que vai acontecer com as modernas sodomias do nosso mundo”. Arremata, sem existir alguém que possa contestar: “e então não ficará pedra sobre pedra da nossa Sodoma de luxo”. Arrepiante, porque hoje se pretende transformar paixões, distorções e depravações em modelos de vida e, a bem da verdade, temos evitado tocar no assunto, por não considerá-lo “correto”.

sermão, Abival nos fala sobre tomar o nome de Deus em vão. Faz desfilar por uma passarela imaginária tipos e situações que conhecemos muito bem. Temos até nos acostumado, mas de fato é blasfêmia e heresia o que se assiste por aí: renega-se o Deus das Escrituras, o Deus do Evangelho, o Deus do Antigo Testamento, o Deus do Novo Testamento. Abival não disse, mas ousou acrescentar: proliferam novos vendilhões do templo, exibindo falcatruas, credices, superstições, charlatanismos, bizarrias, fraudes e manipulações toscas, algumas pulando das páginas bíblicas para as páginas criminais do Código Penal. Abival conseguiu neste sermão um feito a mais: pronunciar todas essas palavras proféticas com rigor e precisão, acompanha-

das de suave mansidão. Pareceu-me que nessa admirável tessitura ele conseguiu nos transmitir a sensação de que estava preocupadíssimo, em meio a tantas turbulências, com a salvação das almas, convidando-as ao arrependimento (o fecho do sermão) e nossa entrega total ao Deus da Vida. Quando uma alma (ou vida) estiver em jogo, o que importa é salvá-la, o que está muito acima de qualquer preceito, dogma ou doutrina. Obter a salvação é conseguir livrar-se do perigo que pode nos levar a perecer. Nas palavras que Abival sugere, salvar-se é aperfeiçoamento, evolução, conquista. Arrepende-se é voltar-se para dentro. Abival nos ensina. Parece-me um molde do poeta Fernando Pessoa: “de tanto ser, só tenho alma”.

Abival sugere, salvar-se é aperfeiçoamento, evolução, conquista. Arrepende-se é voltar-se para dentro. Abival nos ensina.



SOBRE O AUTOR

Percival de Souza – Jornalista, escritor e criminólogo. Especialista em assuntos criminais, jurídicos e de segurança pública. Autor de 18 livros, entre eles *Autópsia do Medo*, *Narcoditadura* e *O Sindicato do Crime*. Trabalhou no jornal O Estado de São Paulo, nas revistas Veja, Isto É e Época, na TV Cultura e na TV Globo. Atual comentarista da Record TV. Membro da 1ª IPI de São Paulo, integrou a Comissão de Segurança Pública da OAB-SP e presidiu o Conselho Diretor do Instituto Metodista de Ensino Superior.

ABIVAL E EU

Era o único homem que eu beijava na face à saída da Igreja. Ele retribuía com um sorriso que parecia tímido e um abraço. Trocávamos algumas palavras. Considerava-o como pastor, irmão e amigo. Abival surgiu na minha vida preenchendo um espaço espiritual. Eu estava carente de alimento

sólido, aborrecido com práticas inconsistentes e necessitado de uma simbiose entre Renascimento e Reforma. Deus, na sua misericórdia infinita, colocou-o no meu caminho. Não hesitei em transferir-me para a Catedral. Abival é alicerce nessa história pessoal. Telefonou-me um dia. Pediu desculpas por me “incomodar”. “Mas o que é isso?!”, reagi. “Falar com o senhor é a maior satisfação…… para mim”. Pediu-me algo, que não vem ao caso contar aqui. Beije-o na testa, no culto de despedida. Minhas preces o acompanharam.

DO TEMPO PARA A ETERNIDADE*

Quanto a mim, estou sendo já oferecido por libação, e o tempo da minha partida é chegado. Combati o bom combate, completei a carreira, guardei a fé. Já agora a coroa da justiça me está guardada, a qual o Senhor, reto juiz, me dará naquele Dia; e não somente a mim, mas também a todos quantos amam a sua vinda.
(2 Timóteo 4.6-8)

*Sermão proferido por Rev. Abival Pires da Silveira na Primeira IPI de São Paulo no culto da manhã do domingo, dia 28 de setembro de 2008, *in memoriam* de Rev. Ricardo William Irwin, falecido a 26 de setembro de 2008.

Combati o bom combate, completei a carreira, guardei a fé.

Robert Clinton escreveu um livro cujo título traduzo literalmente como *A feitura de um líder*, em que ele faz um estudo abrangente sobre líderes da Bíblia. Seu estudo e conclusão são particularmente perturbadores. De acordo com Clinton, poucos líderes terminaram bem sua vida, seu ministério e sua missão. Segundo o levantamento,

menos de 30% terminaram bem, em outras palavras, dois de cada três líderes da Bíblia não terminaram bem sua carreira, sua vida. Saul foi um grande líder, primeiro rei de Israel, começou bem. Ele foi descrito como um moço tão belo, que entre os filhos de Israel não havia ninguém mais belo do que ele. Desde os ombros para cima, sobressaía a todo o povo. Eis que esse moço bonito terminou sua vida de uma forma feia, rejeitado

Jeremias recebeu um dia instruções do próprio Deus, a princípio muito estranhas. Deus manda que ele compre um cinto de linho branco finíssimo. Jeremias reagiu às instruções de Deus. Em seguida, veio a ordem para que ele usasse o cinto de linho. Depois de usá-lo por algum tempo, nova e estranha ordem: “Toma o cinto de linho que compraste e estás usando, tira-o, vai às margens do Eufrates e enterra-o lá”. Assim fez Jeremias. Depois de muitos dias, Jeremias recebeu novas instruções: “Volta ao Eufrates e desenterra o cinto de linho”. Jeremias fez como lhe foi dito, mas, como era de se esperar, o cinto havia apodrecido e não prestava para mais nada.

Por trás desta narrativa estranha e singular, havia toda uma pedagogia de Deus. O cinto de linho foi feito para ser usado, e não para ser enterrado, deveria adornar e embelezar o corpo. O episódio é uma dramatização da mensagem que o profeta teria de entregar: o povo que Deus adornara com o cinto de linho — símbolo da eleição — havia enterrado o cinto e, com ele, os valores fundamentais que conferem beleza e dignidade a um povo, entre esses valores, em especial, o da justiça. Este é o coração da mensagem de Jeremias: Deus é a justiça que salva!

Não é esta, porventura, uma parábola viva de nossos tempos? Nós também temos enterrado o cinto de linho da justiça. E nós o enterramos não à margem, mas na correnteza dos rios, nas profundidades dos mares, nos abismos da terra, nas alturas do espaço sideral, nas cidades e nos campos, nos desertos e nas florestas, nos vales e nas montanhas. Não é de admirar, portanto, que o nosso mundo esteja se transformando cada vez mais num lugar sem dignidade, sem graça e sem beleza.

Quando os primeiros astronautas viram

a Terra lá de cima, exclamaram maravilhados: “Ela é azul, e como é linda!”. Mas nosso planeta é cada vez menos azul e menos lindo. Quando olhamos o nosso mundo com os olhos do realismo e da verdade, somos obrigados a confessar que ele está cada vez mais sujo e feio. Quando olhamos ao nosso derredor, o que vemos?

Vemos fome. E a fome é feia e suja.

Vemos miséria. E a miséria é feia e suja.

Vemos pobreza. E a pobreza é feia e suja.

Vemos doença. E a doença é feia e suja.

Vemos epidemia. E a epidemia é feia e suja.

Vemos a guerra. E a guerra é feia e suja.

Vemos droga. E a droga é feia e suja.

Vemos violência. E a violência é feia e suja.

Mas o mundo moderno não é apenas feio e sujo. Ele também é cada vez mais cruel e opressivo. Para onde quer que olhemos vemos os povos aprisionados em grilhões e cadeias que tornam a vida cruel e opressiva.

Aí estão as escravidões de toda sorte. Toda escravidão é cruel e opressiva.

Aí estão os preconceitos.

Todo preconceito é cruel e opressivo.

Aí estão as intolerâncias.

E toda intolerância é cruel e opressiva.

Aí estão as inquisições.

E toda inquisição é cruel e opressiva.

Aí estão as ditaduras.

E toda ditadura é cruel e opressiva.

Aí estão as divisões.

E toda divisão é cruel e opressiva.

Aí estão as explorações de toda ordem, especialmente as explorações econômicas.

E toda e qualquer espécie de exploração é cruel e opressiva.

por Deus e por seu povo, seu reino foi tomado e terminou seus dias em uma terrível e desesperadora batalha.

Salomão foi outro grande líder, começou bem, iniciou seu reinado com um pedido a Deus por sabedoria. Deus satisfez o desejo do seu coração, e diz o texto bíblico: “Assim o rei Salomão excedeu todos os reis do mundo, tanto em riqueza como em sabedoria”. Mas Salomão não terminou bem. Sendo já velho, suas mulheres lhe perverteram o coração para seguir outros deuses, e o seu coração não era mais tão fiel para com o Senhor seu Deus.

Judas terminou mal, todos conhecemos seus triste fim. Mas penso naqueles que terminaram bem. Pedro terminou bem, José terminou bem, Davi terminou bem, e Paulo é um exemplo especial daquele que termina bem sua vida e seu ministério. Ele começou mal, ele era um orgulhoso líder religioso, era um fariseu, irrepreensível aos seus próprios olhos, assolou e devastou a Igreja do Senhor Jesus. Perseguiu, prendeu, matou muitos cristãos, mas teve um encontro com Cristo no caminho de Damasco, e sua vida se modificou totalmente, se transformou de uma forma inesperada, e ele se tornou um dos maiores, senão o maior, apóstolos de Jesus Cristo. Sim, não mais Saulo, mas agora Paulo, este Paulo que a tradição diz: solteiro, pequeno, miúdo, baixinho, semicareca, pestana grossa, conjuntivite crônica, pernas tortas. Olhando para uma pessoa assim, nós reagiriamos dizendo: Este é Paulo? Que decepção! Mas, sim, este Paulo contrasta com o homem interior, com a nova criatura, com o novo homem feito à imagem e semelhança de Cristo Jesus. Que vida bonita, que vida inspiradora deste servo do Senhor Jesus! É por isso que ele pôde encerrar a sua vida re-

gistrando em termos grandiosos o seu sentimento: “Combati o bom combate, completei a carreira, guardei a fé”. Essas palavras de Paulo compõem um discurso clássico daquele que termina bem a sua vida e sua missão. Qual o segredo, qual o segredo que teria levado Paulo para este tom de triunfo no final de sua vida e caminhando para o final de seu ministério?

**Pedro terminou bem,
José terminou bem, Davi
terminou bem, e Paulo é um
exemplo especial daquele
que termina bem sua vida e
seu ministério. Ele começou
mal, ele era um orgulhoso
líder religioso, era um
fariseu, irrepreensível
aos seus próprios olhos,
assolou e devastou a
Igreja do Senhor Jesus.
Perseguiu, prendeu, matou
muitos cristãos, mas teve
um encontro com Cristo
no caminho de Damasco,
e sua vida se modificou
totalmente, se transformou
de uma forma inesperada,
e ele se tornou um dos
maiores, senão o maior,
apóstolos de Jesus Cristo.**

Primeiro segredo: Paulo tinha uma clara convicção de que sua vida estava nas mãos de Deus, ele estava nas mãos de Deus. Nunca entenderemos Paulo a menos que nos apeguemos a suas mais profundas convicções. Primeiro, Paulo cria que sua vida pertencia a Deus. Todas as coisas colaboram, todas as coisas cooperam para o bem daqueles que amam a Deus. Isso não era para Paulo um

Paulo tinha uma clara convicção de que sua vida estava nas mãos de Deus, ele estava nas mãos de Deus. Nunca entenderemos Paulo a menos que nos apeguemos a suas mais profundas convicções. Primeiro, Paulo cria que sua vida pertencia a Deus. Todas as coisas colaboram, todas as coisas cooperam para o bem daqueles que amam a Deus. Isso não era para Paulo um vazio de retórica, não era palavra vazia, isso era verdade, era vida para Paulo. Por isso, onde quer que Deus o colocasse, ele nada tinha a temer [...].

vazio de retórica, não era palavra vazia, isso era verdade, era vida para Paulo. Por isso, onde quer que Deus o colocasse, ele nada tinha a temer, nada a temer em Éfeso, nada a temer em Jerusalém, cidade onde ele não sabia o que o esperava. Deus estava no controle de tudo, Deus estava no controle da vida, Deus estava no controle das circunstâncias, Deus estava no controle da História. A situação mais desfavorável, o problema mais difícil, a história mais estranha — nada é tão adverso assim, nada é tão estranho porque tudo está nas mãos de Deus e Deus dá sentido ao sem-sentido, Deus veste o absurdo de razão e de finalidade.

Assim, Paulo tinha a plena convicção e a certeza de que nunca estivera à toa em nenhum lugar. Não fora à toa que fora preso em Cesaréia, não fora à toa que ele naufragara em Malta, não fora à toa que ele fora impedido de ir a Troas, não fora à toa que ele morara em Éfeso, não fora à toa que ele fora enviado a Roma. Por trás de tudo isso, havia um plano soberano, havia um desígnio maior, uma vontade maior, um propósito: a vontade soberana de Deus. Só ela pode explicar a sobrevivência de Paulo a um currículo tão terrível, em trabalho, em fadigas, em prisões, em açoites, em assaltos, em perigos no rio, em perigos no mar, em fome, em frio, em nudez, em privações, em perigos na cidade, em perigos no deserto, em vigílias, em jejuns. Uma noite passou no abismo, e tudo isso não passou de adubo para aquilo que Deus estava fazendo e construindo na vida daquele homem extraordinário. Era a sua fé inabalável na providência divina que o levava a proclamar “combati o bom combate, completei a carreira, guardei a fé.

O segundo segredo: Paulo tinha consciência clara da sua missão. Ele não apenas cria

que sua vida pertencia a Deus, como estava convencido de que Deus tinha uma missão especial para ele. Daí o seu desabafo: “Em nada tenho minha vida por preciosa contanto que cumpra com alegria a minha carreira, contanto que cumpra com alegria o ministério que recebi do Senhor Jesus”. Paulo não estava dizendo que sua vida não significava nada, mas sim que a vida não é importante senão quando comparada a alguma coisa mais, e esse algo mais é a missão de Deus para a vida de cada um de nós. Deus confia a cada um de nós uma missão. Para Paulo, essa missão era carregar a semente do Evangelho e semeá-la onde quer que estivesse. Havia uma espécie de divino constrangimento: “Ai de mim, se não empregar o Evangelho... porque não me envergonho do Evangelho... pois é poder de Deus para todo aquele que crê”. E Paulo vai semeando esse poder. Ele passa pela Galácia e, por causa de uma debilidade física que exigia cuidados, ali ele para. Mas ali ele lança a semente, a semente do Evangelho, e ali nasce uma igreja. Ele passa por Filipos, é preso, é perseguido, mas faz da sua prisão um ponto de pregação, lança a semente do Evangelho, e ali nasce uma igreja. Passa por Atenas, o panteão grego, espaço da ufanía intelectual da época, mas não tem medo, prega no Ágora, brilha no Areópago, lança a semente do Evangelho, e ali nasce uma igreja. Passa por Éfeso, cidade pagã, morada religiosa da grande deusa Diana, lança a semente do Evangelho, e ali nasce uma igreja, e toda a Ásia é tangida por esse Evangelho. Passa por Cesareia, prega ao governador Félix, perturba o comandante da Fortaleza Antônia, lança a semente do Evangelho, e ali nasce mais uma igreja. Passa por Malta, cura o pai de Públio, lança a semente do Evangelho, embarca para Roma e deixa para trás mais uma igreja, uma

das mais antigas do mundo cristão, que existe até hoje em Malta. Chega em Roma, lança a semente do Evangelho, nasceu uma igreja, uma igreja que lhe permite escrever com alegria em suas epístolas: “Todos os santos daqui, especialmente os santos da casa de César, o saúdam”. Era a igreja na corte.

Paulo cria que nada, nada poderia deter a semente do Evangelho, nada poderia deter a Palavra de Deus, e sua missão era semeá-la a tempo e fora de tempo. Ele estava preso, mas a Palavra não. Eu estou sofrendo até às algemas como se fora malfeitor, escreve ele, mas a Palavra de Deus não. A Palavra não está algemada. Ela é livre como Deus é livre, ela é livre como o Espírito é livre, nada pode detê-la, nem a cortina de bambu, nem a cortina de ferro, nem os muros da vergonha que nós construímos, nada pode sufocá-la ou prendê-la. É a Palavra poderosa de Deus. Não há algemas para a Palavra. As algemas estão dentro de nós. As prisões estão no nosso inconsciente, as cadeias estão no nosso coração, e a Palavra vem para destruí-las, para quebrá-las, para despedaçá-las, e para libertar o coração humano. Por isso, mesmo preso, mas contemplando sua missão vitoriosa no meio de tantas lutas, problemas, dificuldades, perseguições e violências, Paulo pôde proclamar: “Combati o bom combate, completei a carreira e guardei a fé”.

Terceiro segredo de Paulo: ele tinha consciência clara da sua integridade espiritual. Em outras palavras, o apóstolo mantivera sua consciência limpa em tudo o que fizera. Nada substitui o valor de uma boa consciência, conforme gostava de repetir deste púlpito o Rev. Jorge Bertolaso Stella: “Nada, nada substitui o valor de uma boa consciência”. Paulo anunciou aos líderes da igreja de Éfeso que ele estava inocente do sangue

Paulo cria que nada, nada poderia deter a semente do Evangelho, nada poderia deter a Palavra de Deus, e sua missão era semeá-la a tempo e fora de tempo. Ele estava preso, mas a Palavra não. Eu estou sofrendo até às algemas como se fora malfeitor, escreve ele, mas a Palavra de Deus não. A Palavra não está algemada. Ela é livre como Deus é livre, ela é livre como o Espírito é livre, nada pode detê-la, nem a cortina de bambu, nem a cortina de ferro, nem os muros da vergonha que nós construímos, nada pode sufocá-la ou prendê-la.

de todo homem. Ele não havia hesitado em proclamar todo o desígnio de Deus e ainda afirmou que não havia cobiçado ouro, nem prata, nem as vestes de quem quer que seja, de ninguém, mas trabalhara com suas próprias mãos, fizera tendas para seu sustento e o sustento dos que estavam com ele, sem ser pesado a ninguém.

Naqueles dias, falsos mestres, charlatões iludiam os seus ouvintes, interessados apenas em obter lucro e ganhar dinheiro, mas não Paulo. Após três anos de ministério em Éfeso, ele se despede e deixa o povo com a consciência clara de que havia feito tudo com honestidade, com sinceridade, com integridade. Não havia ocultado nada de ninguém, não havia tirado nada de ninguém, não havia enganado a ninguém. Onde quer que ele estivesse, tinha agido com integridade, com amor. Seus motivos e suas ações tinham sido puros, honestos, havia mantido a integridade moral e espiritual da sua vida e de seu ministério. Por isso, ele podia no final da vida proclamar com triunfo: “Combati o bom combate, completei a carreira e guardei a fé”.

Quarto segredo de Paulo: ele se inspirava num grande modelo de vida. Na verdade, se inspirou no maior e mais extraordinário de todos os modelos de vida que já conhecemos: Jesus Cristo. Havia cumplicidade entre Paulo e Cristo, uma verdadeira união mística: “Não sou eu mais quem vive, mas é Cristo que vive em mim”. Assim como eu e o Pai somos um, ou como Cristo e o Pai são um, eu e Cristo somos um, diria Paulo. Por isso, “nada pode me separar do amor de Cristo, nem a tribulação, nem a angústia, nem a perseguição, nem a fome, nem a nudez, nem o perigo, nem a espada, nem a morte, nem a vida, nem os anjos, nem os principados e as potestades, nem

as coisas do presente, nem as coisas do porvir, nem altura, nem profundidade: nada pode me separar do amor de Deus que está em Cristo, meu Senhor. Qualquer outra criatura também não pode fazê-lo, por isso, sejam todos meus imitadores como eu sou de Cristo”. Por isso e porque sempre estive na companhia de Cristo durante toda sua caminhada, Paulo podia proclamar em triunfo no final de sua jornada e ministério: “Combati o bom combate, completei a carreira, guardei a fé”.

Os chineses têm um ditado: a melhor época para plantar uma árvore foi há vinte anos, a segunda melhor época é agora. Não importa se fizemos bem ou mal no passado, sempre é tempo de começar para terminar bem. Agora, é tempo de começar querendo terminar bem a nossa vida, nosso ministério, nossa missão. Martinho Lutero dizia que há apenas dois dias que importam na eternidade: este dia e aquele dia. E, no momento em que decidimos como queremos nos apresentar diante de Deus, naquele dia, nós também estamos decidindo como viveremos neste dia, no aqui, no agora. Terminar bem não é uma possibilidade futura, terminar bem é uma opção de nosso presente. Não esperemos até o último momento para terminar bem nossa vida. Começemos agora. Para chegar a um bom término, temos de começar e terminar bem agora. A maneira como terminamos é tudo o que importa no fim, mas no fim, do lado de cá da Terra, do lado de cá do céu, nós queremos terminar com estas palavras de Paulo: “Combati o bom combate, completei a carreira, guardei a fé”. Do lado de lá, no céu, na recepção, nós queremos ouvir estas palavras de boas-vindas ditas pelo próprio Senhor: “Está bem servo bom e fiel, foste fiel no pouco, sobre o muito te colocarei. Entra, entra no gozo do teu Senhor”.

Ontem velamos e sepultamos o corpo de um homem de Deus, um homem que terminou bem sua vida, um homem que terminou bem seu ministério, um homem que cumpriu com integridade sua vocação de semear a semente do Evangelho e proclamar a graça e o poder de Deus. Terminou bem porque sempre viveu na convicção firme de que estava nas mãos de Deus. Terminou bem porque sempre viveu a sua vida com uma profunda consciência de missão. Terminou bem porque sempre viveu a sua vida com integridade espiritual diante de Deus e diante dos homens. Terminou bem porque sempre viveu a sua vida tendo Jesus como modelo por excelência de seu ministério. Seu nome, Ricardo William Irwin. Por isso, do lado de cá, nós podemos testemunhar: ele combateu o bom combate, ele completou a carreira, ele guardou a fé. Por isso, do lado de lá, nós vemos a certeza de que ele já recebeu a coroa da justiça que lhe estava reservada e que o justo juiz entregou pessoalmente a ele, e entregará pessoalmente a cada um de nós que somos, na expressão bíblica, aqueles que amam a sua vida. Nós vamos, em pé, guardar um minuto de silêncio, reverenciando a memória do Rev. Ricardo William Irwin, e neste gesto singelo vai a nossa gratidão por toda a eternidade, pois, a memória do justo é eterna.

Soli Deo Gloria!

COMENTÁRIOS

DO TEMPO PARA A ETERNIDADE

Reverenda Sherron K. George

Quando meu querido amigo e colega, Rev. Ricardo Irwin, faleceu, eu estava em Louisville, Kentucky, numa reunião como Representante da Presbyterian Church of USA – PCUSA na América do Sul. Valdice Naves me ligou e deu a notícia, que foi um choque e uma tristeza. Por isso, eu não estava presente para ouvir este sermão de conforto e desafio e para prestar meus sentimentos e homenagem. Soube do velório na Primeira IPI de São Paulo, mas nunca tinha recebido este magnífico sermão. Hoje, ao final da leitura, chorei e senti que completei meu processo de luto. Obrigada, Rev. Abival. Obrigada, Revista Visão.

Naquele ano, eu estava morando em Campinas, onde tive tempos de comunhão

maravilhosa com o Rev. Ricardo e oportunidade para almoçar num restaurante especial que ele gostava. Ele contava de quando chegou ao Brasil e de seus diversos trabalhos. Sua paixão e alegria com a IPIB, e especialmente com a Primeira IPI de São Paulo transbordavam, assim como seu compromisso em ensinar e incentivar a celebração do ano litúrgico. Com certeza, deixou sua marca e legado.

Vendo o sermão como um todo, o que mais me chamou a atenção foi a maneira sincera e íntegra com que o Rev. Abival apresentou uma homenagem apropriada e merecida ao Rev. Ricardo. Ao mesmo tempo deixou contundente desafio a todas as pessoas em posições de liderança, além de uma leitura

escatológica da eternidade com intensas e práticas implicações no tempo presente, no dia de hoje. Diria eu que ele fez uma análise escatológica existencial do cotidiano. Não é um assunto fácil. É mais cômodo discutir posições de escatologia e fazer especulações. Porém, Rev. Abival fala com os pés no chão. Não é retórica escatológica. Foi como uma biografia escatológica do apóstolo Paulo. O desafio ficou claro: “Terminar bem não é uma possibilidade futura, terminar bem é uma opção de nosso presente. Não esperemos até o último momento para terminar bem nossa vida. Começemos agora”.

Outra coisa que achei genial foi a maneira como começou, citando o livro sobre lideran-

ça bíblica. A primeira sentença de um sermão cativa (ou perde) a audiência. O dado bíblico foi apresentado, “poucos líderes terminaram bem sua vida, seu ministério e sua missão ... menos de 30% terminaram bem”. Com esse fato, ele já envolve e começa a chamar a atenção de todo líder para um autoexame e reflexão profunda, extremamente pertinentes. Na introdução ainda segue com exemplos negativos — Saul, Salomão e Judas — e positivos — Pedro, José, Davi e Paulo. Firmou bem sua tese, deixando todo ouvinte que ocupa lugar de liderança em alerta. A autorreflexão já começou.

Com maestria, o pregador deixou para o final o desafio mais atual e permanente para a liderança da

É mais cômodo discutir posições de escatologia e fazer especulações. Porém, Rev. Abival fala com os pés no chão. Não é retórica escatológica. Foi como uma biografia escatológica do apóstolo Paulo.

igreja: a necessidade de uma “consciência clara de sua integridade espiritual”. É de extrema pertinência no contexto de hoje, sem a qual todo ativismo, todas as obras, todos os ministérios, toda a missão perdem autenticidade e eficácia. Aliás, falando em ensinamentos atuais, neste sermão é tudo.

Não posso deixar de falar na apresentação magistral e criativa do apóstolo Paulo, fazendo jus ao texto tema, “combati o bom combate, completei a carreira, guardei a fé”. E, como pedagoga, destaco ainda o valor didático da repetição desse tema e o resumo dos quatro “segredos” de Paulo na conclusão, aplicados ao Rev. Ricardo. Outro destaque da didática teológica criativa é a maneira que o Rev. Abival utiliza e encaixa com naturalidade diversos textos paulinos no seu discurso. Foi um grande mestre.

Rev. Abival fez o homem Saulo/Paulo ser tão humano e em movimento, como se fosse um retrato animado de sua vida missionária. Entretanto, o que mais me marcou em sua narrativa e descrição foi o grande apóstolo foi

a maneira como apresentou uma das doutrinas fundamentais do presbiterianismo, a soberania de Deus, e a fez tão palpável na vida. Com frases simples e sucintas e uma citação básica, ele penetrou nas profundidades e nos mistérios da fé cristã. Assim disse: “Paulo cria que sua vida pertencia a Deus. Todas as coisas colaboram, todas as coisas cooperam para o bem daqueles que amam a Deus. Isso não era para Paulo um vazio de retórica, não era palavra vazia, isso era verdade, era vida para Paulo”. Confesso que a convicção sobre essa doutrina é um elo de sustentação na minha vida e no meu ensino missional, mas as palavras claras do Rev. Abival me impactaram e me levaram a uma reflexão mais profunda e prática, especialmente em relação às dificuldades que enfrentamos na vida. Com certeza, esse retrato vívido dos sofrimentos de Paulo serviu de conforto a todas as pessoas presentes naquele dia. E foi um reforço, anos depois, para a minha convicção.

Naturalmente, como missionária e missionóloga, gostei muito do ponto sobre a

consciência clara que Paulo tinha de sua missão. Primeiro, ele dá um desafio missional dirigido a cada ouvinte fundamentado na missiologia e na filosofia de vida de Paulo, “a vida não é importante senão quando comparada a alguma coisa mais, e esse algo mais é a missão de Deus para a vida de cada um de nós. Deus confia a cada um de nós uma missão, e cada um de nós tem uma missão a cumprir”. Que belo

convite aos ouvintes para participarem na missão de Deus. Em seguida, vem mais um dinâmico e movimentado relato do trabalho missionário de Paulo.

Por nunca ter morado em São Paulo, ouvi poucos sermões do Rev. Abival. Meus contatos com ele foram mais quando ia a São Paulo para as reuniões com a liderança da PCUSA, especialmente com o Rev. Benjamim Gutierrez, grande amigo e admirador do Rev. Abival. Nos-

Confesso que a convicção sobre essa doutrina é um elo de sustentação na minha vida e no meu ensino missional, mas as palavras claras do Rev. Abival me impactaram e me levaram a uma reflexão mais profunda e prática, especialmente em relação às dificuldades que enfrentamos na vida.

sa parceria iniciou-se quando a IPIB abriu as portas para pessoas da PCUSA em missão no Brasil. Aliás, eu tive a honra de ser uma dessas obreiras e estava lecionando no Instituto Bíblico da Missão Caiuá quando fui apresentada ao Rev. Abival, por ocasião de uma visita dele. Tinha acabado meu Doutorado em Ministérios na Columbia Theological Seminary e sido ordenada pastora da PCUSA pelo meu presbitério. Logo em seguida ele falou com o Rev. Antônio de Godoy, que me convidou para visitar o seminário em Londrina e lecionar lá. Portanto, devo muito ao Rev. Abival. Tive contato com ele também quando estávamos nas últimas fases da existência da Missão Presbiteriana no/do Brasil. Houve um tempo em que tudo passava pelas três igrejas, a Presbyterian Church (USA), a Igreja Presbiteriana Independente do Brasil e a Igreja Presbiteriana Unida. Eu aprendi a admirá-lo como um grande estadista ecumênico no Brasil e no mundo reformado, um líder visionário, influenciador e firme apoiador das parcerias missionárias, que me inspirou na estrada da vida e me impulsiona ecumenicamente até hoje.

Acho que foi nesse

tempo que ouvi um sermão do Rev. Abival que guardo na memória até hoje e creio que influenciou o título e a abordagem do meu livro *Sonhando juntos com Deus: uma jornada missionária pela Bíblia*. O sermão foi sobre José do Egito, um dos bons líderes na Bíblia que terminou bem. O título do sermão foi: “Vem lá o tal sonhador”. Primeiro, ele contou a história de maneira envolvente. Depois — e foi o que me impactou —, ele nos incentivou a sonhar, a sermos sonhadores, a sonhar os sonhos de Deus, e nunca parar de sonhar. Nunca me esqueci desse desafio. Sem dúvida, seus sermões alimentaram de sonhos e desafios várias gerações.

Enfim, o Rev. Abival foi uma inspiração que me marcou e abriu a porta para começar uma longa caminhada como parceira e amiga na Igreja Presbiteriana Independente do Brasil, e ele ainda serve de exemplo ecumênico e de pregador exemplar para mim e muitas pessoas. Quando preguei no culto do Presbitério de São Paulo na celebração dos 20 anos de ordenação feminina, em 27 de julho de 2019, e no

dia seguinte, no culto matinal da Primeira IPI de São Paulo, o Rev. Roberto Mauro me deu uma oportunidade que mexeu no meu interior: usar a toga que melhor me serviu, aquela que pertencera ao Rev. Abival. Confesso que a sensação foi singular, uma sensação de “não sou digna” e ao mesmo tempo de unção, de grande responsabilidade e de gratidão pela sua vida. Lembrei-me dos profetas Elias e Eliseu, quando Eliseu recebeu o manto de Elias.

No dia seguinte, o Rev. Valdeine Ferreira, o verdadeiro Eliseu que recebeu o manto do Rev. Abival e é digno dele e está a sua altura, me convidou para uma reunião no seu escritório. Depois disso fomos ao escritório que era do Rev. Abival. Lá contemplamos sua biblioteca, mais um legado para a igreja. Diante da bela pintura de sua serena pessoa, conversamos sobre seu momento de sofrimento e sua contribuição à igreja. Parecia que naquele lugar sagrado eu estava me despedindo desse grande homem de Deus, que já está do outro lado recebendo sua merecida recompensa do Pai. Terminou muito bem seu ministério. E tenho

a impressão de que ele está muito feliz com a equipe pastoral que está dando continuidade ao seu trabalho com extraordinária criatividade e competência na Catedral Evangélica e na cidade de São Paulo. Deus seja glorificado pela sua vida!



SOBRE A AUTORA

Norte-americana de nascimento, brasileira por opção, a teóloga, pastora e missionária Sherron Kay George chegou ao Brasil em 1972. Por aqui, atravessou diferentes rincões, começando pela cidade de Dourados, no Mato Grosso do Sul, passando por Manaus (AM), Campinas (SP) e Londrina (PR). A Reverenda Sherron é exemplo de como o testemunho da fé cristã pode transformar as pessoas. Seu legado está marcado nos diversos lugares por onde passou e está ao alcance de todos por meio de suas publicações. É autora de diversos livros, dentre eles *Igreja Ensinadora e Better Together*.

SONHANDO... CEM ANOS DEPOIS*

E, como foram os irmãos apascentar o rebanho do pai, em Siquém, perguntou Israel a José: Não apascentam teus irmãos o rebanho em Siquém? Vem, enviar-te-ei a eles. Respondeu-lhe José: Eis-me aqui. Disse-lhe Israel: Vai, agora, e vê se vão bem teus irmãos e o rebanho; e traze-me notícias. Assim, o enviou do vale de Hebrão, e ele foi a Siquém. E um homem encontrou a José, que andava errante pelo campo, e lhe perguntou: Que procuras? Respondeu: Procuo meus irmãos; dize-me: Onde apascentam eles o rebanho? Disse-lhe o homem: Foram-se daqui, pois ouvi-os dizer: Vamos a Dotã. Então, seguiu José atrás dos irmãos e os achou em Dotã. De longe o viram e, antes que chegasse, conspiraram contra ele para o matar. E dizia um ao outro: Vem lá o tal sonhador!
(Gênesis 37:12-19)

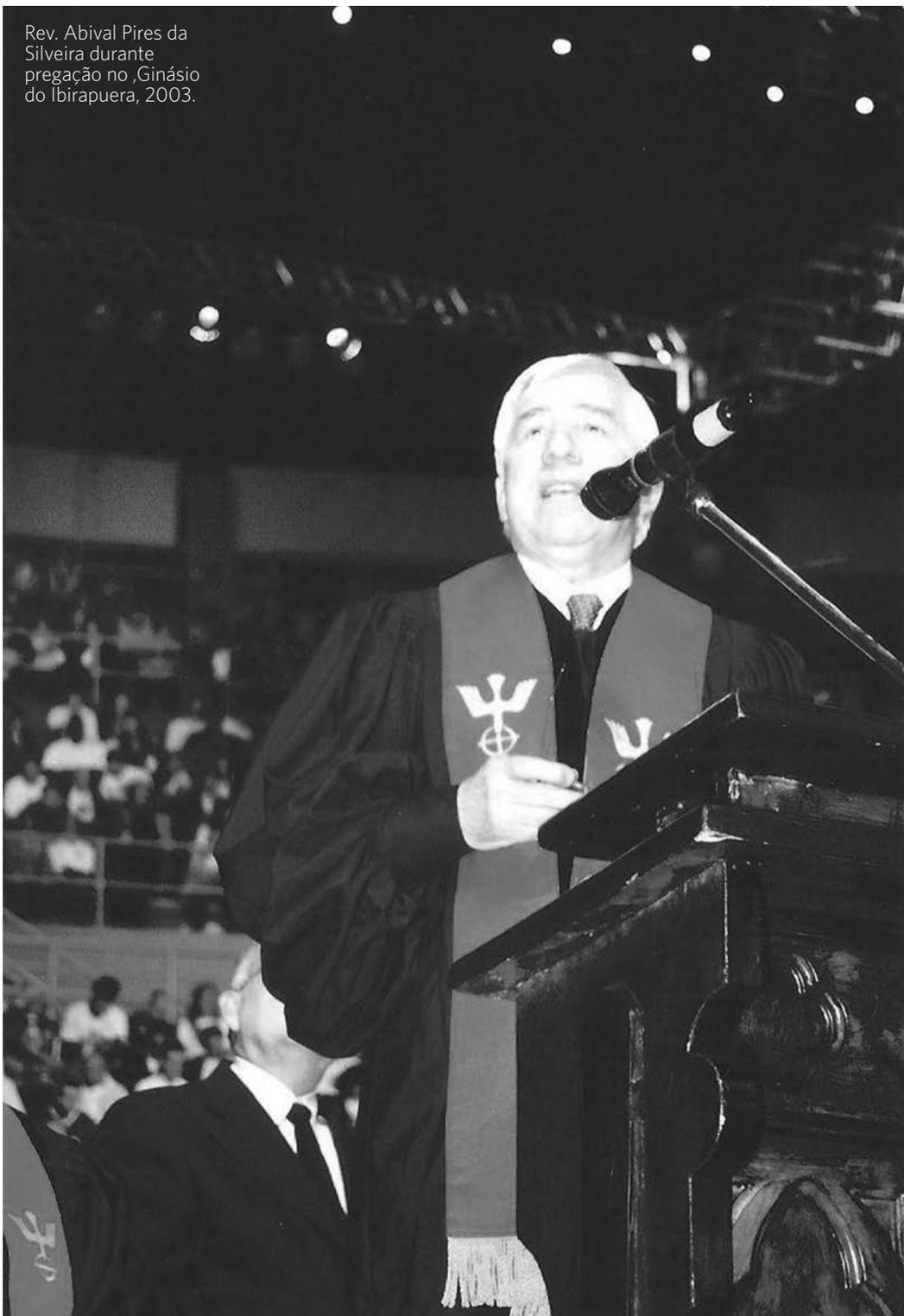
*Mensagem proferida por Rev. Abival Pires da Silveira no culto solene comemorativo do I Centenário da Igreja Presbiteriana Independente do Brasil, na grande concentração do Ginásio do Ibirapuera, às 20 horas do dia 16 de agosto de 2003.

No dia 3 de agosto de 1985, no Parque do Anhembi, em São Paulo, numa memorável comemoração dos 82 anos da Igreja Presbiteriana Independente do Brasil, acontecia o primeiro chamamento da comemoração do nosso centenário com o lançamento Projeto 2003. Assim, 2003 se transformava numa nova pedra de toque da

história da Igreja. Estávamos há 18 anos da comemoração dos 100 anos de IPIB. E eis-nos hoje, aqui, nesta histórica noite, para a histórica comemoração daquilo que parecia um sonho.

Somos uma geração privilegiada. Vimos a passagem de um milênio para outro. Vimos a passagem de um século para outro. E

Rev. Abival Pires da
Silveira durante
pregação no Ginásio
do Ibirapuera, 2003.



vemos hoje a passagem do primeiro centenário de nossa igreja. Muitos gostariam de estar aqui, de viver este momento conosco. Mas nós somos os privilegiados. Estamos todos aqui nesta noite centenária como aqueles que sonham. E eu me sinto mais privilegiado ainda ocupando este púlpito histórico. Nesta noite, eu quero ser uma espécie de José entre seus irmãos, uma espécie de sonhador-mor.

Conhecemos todos a história de José. Um jovem, quase menino, sonhou... sonhou que o sol, a lua e as estrelas se curvavam diante dele. O sonho significava que um dia seu pai, o sol; sua mãe, a lua; e seus irmãos, as estrelas, haveriam de se curvar diante dele. O sonho se tornou realidade quando José foi feito governador de todo o Egito e o segundo maior depois de Faraó. Assim como José sonhou os sonhos que fecundaram o futuro do povo de Deus, nós, hoje, somos chamados a sonhar os sonhos que fecundem o futuro da Igreja e, em especial, o futuro da Igreja Presbiteriana Independente do Brasil, agora centenária.

Nossa Igreja começou com um grupo de sonhadores, 7 pastores e 11 presbíteros na memorável noite de 31 de julho de 1903, que contagiaram outros com seus sonhos de uma igreja brasileira que se autogovernasse, se autossustentasse e se autopropagasse. Hoje, nós somos essa igreja e, cem anos depois, eu me associo àqueles primeiros sonhadores e convido todos a sonharem comigo nesta noite os sonhos de Deus para a nossa igreja nesta virada de século.

CEM ANOS DEPOIS EU SONHO...

Sonho com uma Igreja unida, Igreja com espírito de corpo, Igreja dos grandes coletivos, cujo amálgama é a unidade: Igreja-fa-

Conhecemos todos a história de José. Um jovem, quase menino, sonhou... sonhou que o sol, a lua e as estrelas se curvavam diante dele. O sonho significava que um dia seu pai, o sol; sua mãe, a lua; e seus irmãos, as estrelas, haveriam de se curvar diante dele. O sonho se tornou realidade quando José foi feito governador de todo o Egito e o segundo maior depois de Faraó. Assim como José sonhou os sonhos que fecundaram o futuro do povo de Deus, nós, hoje, somos chamados a sonhar os sonhos que fecundem o futuro da Igreja e, em especial, o futuro da Igreja Presbiteriana Independente do Brasil, agora centenária.

Sonho com uma igreja com uma identidade inconfundível, Igreja Cristã, Igreja Evangélica, Igreja Presbiteriana, Igreja Independente, Igreja brasileira; Igreja de convicções firmes, Igreja que sabe dar as razões de sua fé, Igreja com uma identidade vigorosa que brota do coração do Evangelho e corre pelas veias da fé reformada que proclama: só Cristo, só a Palavra, só a Graça, só a Fé.

mília, Igreja-edifício, Igreja-lavoura, Igreja-nação, Igreja-povo, Igreja-corpo. Igreja que tenha uma só alma, Igreja que seja um só coração, Igreja que tenha uma só mente, um só sentimento, uma só fé, um só batismo, um só Espírito, um só Senhor. Uma igreja unida, vacinada espiritualmente contra o vírus das dissidências, das dissensões, das divisões. Que no despontar de um novo século de nós se diga: eles são um para a glória de Deus.

CEM ANOS DEPOIS EU SONHO...

Sonho com uma igreja com uma identidade inconfundível, Igreja Cristã, Igreja Evangélica, Igreja Presbiteriana, Igreja Independente, Igreja brasileira; Igreja de convicções firmes, Igreja que sabe dar as razões de sua fé, Igreja com uma identidade vigorosa que brota do coração do Evangelho e corre pelas veias da fé reformada que proclama: só Cristo, só a Palavra, só a Graça, só a Fé.

CEM ANOS DEPOIS EU SONHO...

Sonho com uma igreja missionária, uma Igreja que conhece apenas dois grandes imperativos: “Vinde e ide... Vinde a mim todos vós que estais cansados e oprimidos, e eu vos aliviarei”; “Ide por todo mundo pregai o Evangelho a toda criatura, batizando-as em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo”. Uma Igreja que começa em Jerusalém, mas alcança os confins da Terra, uma Igreja do tamanho do Brasil, mas que se derrama pelo mundo.

CEM ANOS DEPOIS EU SONHO...

Sonho com uma Igreja peregrina, uma Igreja que tem pernas para andar e procura sempre a trilha do futuro, uma igreja que nunca se coloca à margem da História,

mas está sempre a caminho, uma Igreja que come pães asmos e ervas amargas, que calça sandálias que nunca se gastam e usa roupas que nunca envelhecem, que carrega mochilas nas costas e habita em tendas porque está sempre em movimento e tem de andar rápido para acompanhar o ritmo de seu tempo.

CEM ANOS DEPOIS EU SONHO...

Sonho com uma Igreja encarnada, uma Igreja que assume o perfil de um povo. Igreja que tem a cor de uma pele, Igreja que é a moldura de uma cultura. Uma Igreja que sente as dores de seu povo, que ri com os que riem, que chora com os que choram. Igreja que se alimenta da fé e da vida, por isso mesmo olha para os fatos da vida com os olhos da fé e ao mesmo tempo celebra a fé com os fatos da vida. Igreja que é pão para ser comido, Igreja que é vinho para ser bebido. Igreja, corpo de Cristo.

CEM ANOS DEPOIS EU SONHO...

Sonho com uma Igreja profética. Uma Igreja visionária, que enxerga para além do seu tempo. Igreja que desvenda os mistérios da História. Uma Igreja que entrega o passado à misericórdia de Deus, o presente, a seu amor e o futuro, à sua providência. Igreja que se levanta para proclamar corajosamente: "Assim diz o Senhor". Igreja que é consciência crítica de seu tempo e vive intensamente a sua hora. Igreja que busca sempre uma justiça que seja filha da liberdade, e uma liberdade cujo fruto maduro é a justiça. Igreja em cujo coração há sempre um pulsar revolucionário de não conformação com o presente século.

CEM ANOS DEPOIS EU SONHO...

Sonho com uma Igreja cheia do poder do

Sonho com uma Igreja encarnada, uma Igreja que assume o perfil de um povo. Igreja que tem a cor de uma pele, Igreja que é a moldura de uma cultura. Uma Igreja que sente as dores de seu povo, que ri com os que riem, que chora com os que choram. Igreja que se alimenta da fé e da vida, por isso mesmo olha para os fatos da vida com os olhos da fé e ao mesmo tempo celebra a fé com os fatos da vida. Igreja que é pão para ser comido, Igreja que é vinho para ser bebido. Igreja, corpo de Cristo.

Sonho com uma Igreja terapeuta, uma Igreja terapeuta do corpo, da mente, do espírito e da alma. Igreja presença salvadora de Deus, presença que cura, que restaura, que perdoa, que reconcilia. A Igreja que não ministra o bálsamo de Gileá, que não tira a alma do inferno, que não tira o inferno da alma, que não liberta o coração humano do sentimento de culpa, que não alivia o peso do pecado, que não purifica a consciência, que não converte o coração não é Igreja do Senhor Jesus.

Espírito. Uma Igreja que é capaz de repetir com Pedro, o apóstolo: “Eu não tenho ouro, nem prata. Mas aquilo que eu tenho isso te dou: em nome do Senhor Jesus, levanta-te e anda”. Uma Igreja capaz de subir ao Monte da Transfiguração para buscar e respirar o ar do céu, mas também é capaz de descer ao vale da sombra da morte, do sofrimento, da dor e morada das forças diabólicas para exorcizá-las em nome do Senhor.

CEM ANOS DEPOIS EU SONHO...

Sonho com uma Igreja terapeuta, uma Igreja terapeuta do corpo, da mente, do espírito e da alma. Igreja presença salvadora de Deus, presença que cura, que restaura, que perdoa, que reconcilia. A Igreja que não ministra o bálsamo de Gileá, que não tira a alma do inferno, que não tira o inferno da alma, que não liberta o coração humano do sentimento de culpa, que não alivia o peso do pecado, que não purifica a consciência, que não converte o coração não é Igreja do Senhor Jesus.

CEM ANOS DEPOIS EU SONHO...

Sonho com uma Igreja diaconal, uma Igreja que é serva de todos, e não escrava de ninguém; Igreja que não conhece outro poder que não o poder do serviço. Uma Igreja que nunca lave as mãos, como Pilatos, mas sempre cinja seus lombos com uma toalha, como Jesus, para lavar os pés dos humildes e deserdados da terra.

CEM ANOS DEPOIS EU SONHO...

Sonho com uma Igreja apaixonada pelo Reino de Deus. Não uma Igreja fria, não uma Igreja morna, não uma Igreja omissa, não uma Igreja indiferente, mas uma Igreja apaixonada. Paixão é o mais belo e o mais

profundo de todos os sentimentos, pois é formado por duas palavras que designam sentimentos fortes: amor e sacrifício. Isto é paixão: amor capaz de sacrifício, amor que se dá, que se entrega a ponto de sacrificar a própria vida. É isso que significou a paixão de Jesus, tão forte, tão poderosa, que dividiu a História em dois momentos: antes da Paixão e depois da Paixão.

CEM ANOS DEPOIS EU SONHO...

Sonho com uma Igreja que nunca deixe de sonhar. Onde não há sonho, não há vida. Onde morre o sonho, morre a vida. Onde há sonho, há esperança. Uma Igreja que não tem sonhos é uma Igreja sem esperança. Por isso, como um profeta, eu sonho... eu sonho com uma Igreja na qual os velhos sonhem sonhos e os jovens tenham visões. Ai da Igreja, ai de nós quando não mais sonharmos sonhos, quando não mais tivermos visões.

Só uma igreja assim será fermento do Reino de Deus na Terra. Reino de Deus: expressão bíblica para significar o mundo que um dia vai existir porque Deus sonhou com ele e o prometeu – sem luto, sem miséria, sem morte, sem gemido, sem dor. Por isso...

CEM ANOS DEPOIS EU SONHO...

Sonho com uma Igreja que seja o aperitivo gostoso desse mundo porvir. Por isso...

CEM ANOS DEPOIS EU SONHO...

Sonho com uma Igreja que seja fiel a esse sonho. Por isso...

CEM ANOS DEPOIS EU SONHO...

Sonho com aqueles que daqui a cem anos, numa festa mais bela que a nossa – se Deus quiser –, vão dizer: “Graças por aqueles que

há cem anos sonharam a Igreja que somos hoje”.

Bem-vindos, sonhadores de Deus: sonhemos a Igreja do novo século. E, sonhando... vivamos pela graça, sirvamos por amor e caminhemos pela fé. E tudo... pela Coroa Real do Salvador, o Senhor Jesus, a quem seja o louvor e a honra e a glória... Hoje e pelos centenários sem fim.

Bem-vindos, sonhadores de Deus: sonhemos a Igreja do novo século. E, sonhando... vivamos pela graça, sirvamos por amor e caminhemos pela fé. E tudo... pela Coroa Real do Salvador, o Senhor Jesus, a quem seja o louvor e a honra e a glória... Hoje e pelos centenários sem fim.

COMENTÁRIOS

SONHANDO... CEM ANOS DEPOIS

Reverendo Assir Pereira

Por que escolhemos o Reverendo Abival para ser o pregador naquela noite memorável de 16 de agosto de 2003, quando celebramos no Ginásio do Ibirapuera nosso 1º Centenário como Igreja Presbiteriana Brasileira?

O protocolo e a tradição determinavam que o pregador deveria ser o presidente da Assembleia Geral. Vários motivos me levaram a abrir mão desse privilégio. Primeiro, o Reverendo Abival era o pastor da nossa Igreja mãe, onde, em 1 de agosto de 1903, a Igreja Presbiteriana Independente foi organizada; segundo, o Reverendo Abival era o Presidente do então Supremo Concílio, no

extraordinário evento do Anhemi, em 1985, quando juntos lançamos o Projeto 2003; terceiro, o Reverendo Abival, como Presidente do Supremo Concílio, hoje Assembleia Geral, por dez anos ditou novo ritmo para nossa jornada como Igreja que dá seu testemunho no contexto brasileiro e mundial; finalmente, escolhemos o Reverendo Abival pelo respeito que granjeou, como pastor, pregador, professor de grande parte dos pastores que estavam no Ibirapuera naquela noite e como grande profeta que foi e por certo continuará sendo.

CONTEXTO HISTÓRICO-SOCIAL

O plano de fundo era a realidade brasileira de então.

Lula acabara de assumir o governo. Pela primeira vez tínhamos um governante da esquerda, governo que prometia uma nova era, de quebra de paradigma, que prometia uma nova ordem social, na qual reinaria a verdadeira justiça, o abismo entre pobres e ricos desapareceria e uma justa distribuição de rendas seria algo concreto e real.

Diante de tal messianismo, o Reverendo Abival pregou com o coração no Ibirapuera e ao mesmo tempo no contexto brasileiro da época.

Sua mensagem estampava as cores da

O protocolo e a tradição determinavam que o pregador deveria ser o presidente da Assembleia Geral. Vários motivos me levaram a abrir mão desse privilégio. Primeiro, o Reverendo Abival era o pastor da nossa Igreja mãe, onde, em 1 de agosto de 1903, a Igreja Presbiteriana Independente foi organizada.

esperança e caiu em nosso coração como um alento.

Veio como um farol a ênfase no fato que só a Igreja de Jesus detém o poder transformador; ela é a única possuidora das prerrogativas, eleita que foi, para o estabelecimento do Reino de Deus, Reino de paz e justiça.

A atualidade dessa pregação fica clara quando continuamos vivendo aos sobresaltos, de crise em crise e entregues a “Salvadores da Pátria” que não passam de salvadores de si mesmos.

ASPETOS QUE MAIS ME MARCARAM

O mais marcante nesse sermão foi seu

tom profético.

Novo Milênio, Centenário de uma Igreja que traz no seu DNA a saga de nossos pais de 1903. Sonhos, quantos sonhos tomavam conta daqueles pastores e presbíteros na noite de 31 de julho de 1903!

O Reverendo Abival vem justamente lembrar ao povo Presbiteriano Independente que aquele sonho não foi o sonho de uma noite de “inverno”, ou de verão, como diria o romancista. Em sua pregação fala de um sonho nascido no coração de Jesus para uma Igreja peregrina. Não qualquer peregrina, mas a “Peregrina da Esperança”, que abre no ermo uma estrada onde “a justiça beija a paz” (Salmo 85.10).



SOBRE O AUTOR

Ex-presidente da Assembleia Geral da Igreja Presbiteriana Independente do Brasil, o Reverendo Assir Pereira recebeu o título de Cidadão Paulistano em 2017. Foi vereador da Câmara de São Paulo na legislatura de 1996-2000. Foi delegado da Polícia Federal, presidente da (então) Febem e presidente da Sociedade Bíblica do Brasil.

O Reverendo Abival vem justamente lembrar ao povo Presbiteriano Independente que aquele sonho não foi o sonho de uma noite de “inverno”, ou de verão, como diria o romancista. Em sua pregação fala de um sonho nascido no coração de Jesus para uma Igreja peregrina. Não qualquer peregrina, mas a “Peregrina da Esperança”, que abre no ermo uma estrada onde “a justiça beija a paz”

Content XP

INOVAÇÃO & CRIATIVIDADE PARA CONECTAR EMPRESAS

Estratégia de comunicação em todas as plataformas.

Acesse: ContentXP.tk | Alameda Lorena, 800 / Cj. 602 | 11 2619.0752

Nossos clientes:



**TRANSFORME SUA
MOTIVAÇÃO
EM
RESULTADO!**



FUNCIONAL



QUADRA



GINÁSTICA



AQUÁTICO



MUSCULAÇÃO

**ATIVIDADES PARA
TODA FAMÍLIA**

Saúde e qualidade de vida em 11 unidades esportivas.
Consulte em nosso site a mais próxima.

#VEMPRAACM

ACM CENTRO
RUA NESTOR PESTANA, 147

11 3138 3000

www.acmsaopaulo.org



@acmsaopaulo



ACM / YMCA